MARIA TURTSCHANINOFF





AS CRÔNICAS DA ABADIA VERMELHA

SUMÁRIO

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora

MARESI

AS CRÔNICAS DA ABADIA VERMELHA

MARIA TURTSCHANINOFF

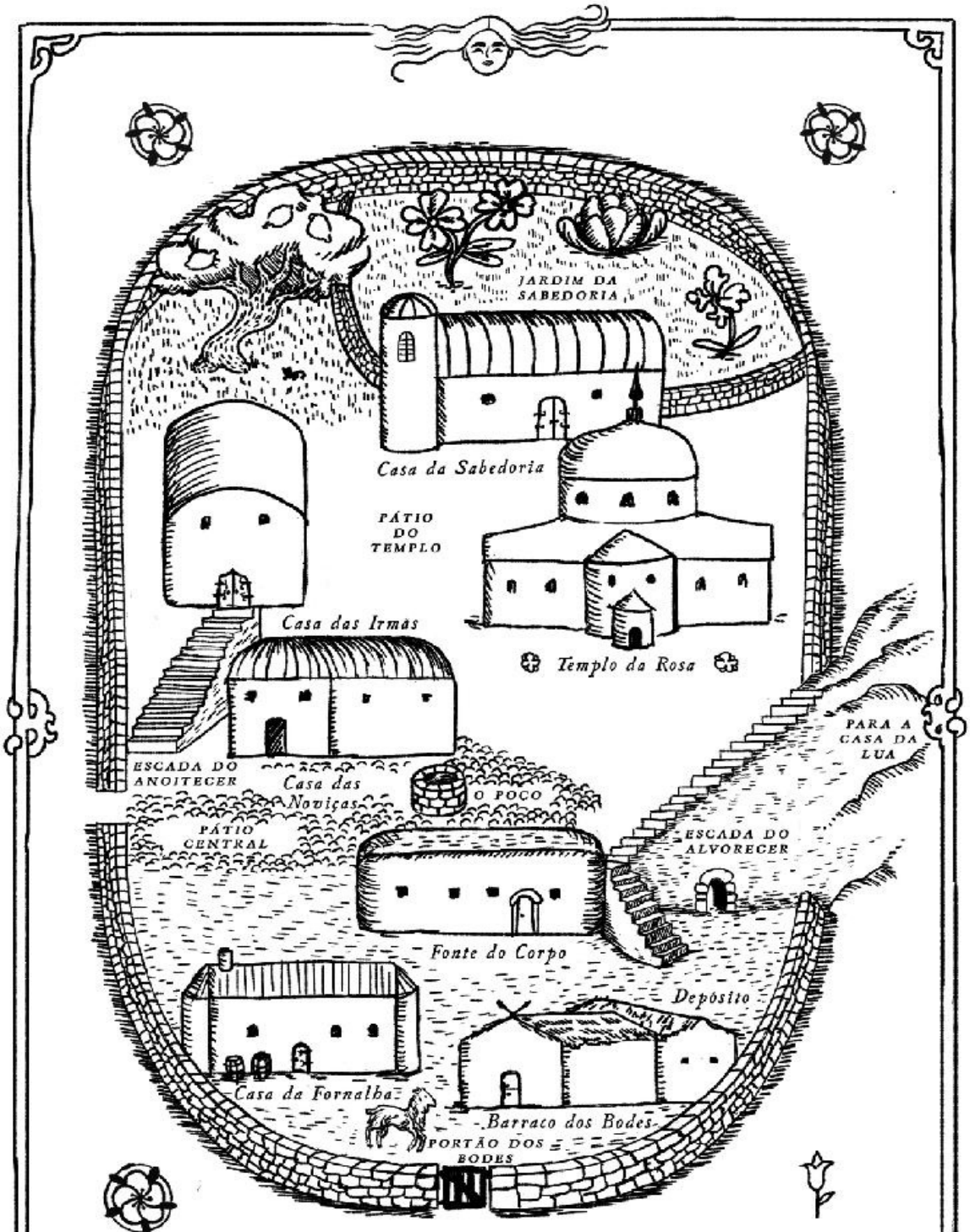
VOLUME 1

TRADUÇÃO
LILIA LOMAN e PASI LOMAN

MORROBRANCO
EDITORA

Para Alexandra, minha irmã


Templo Solitario
VINHEDOS
Casa da Lua
CRATERA
A ABADIA VERMELHA
Os Dentes
O PIER
CAMPOS
RIACHO
DANCA DA DONZELA
MONTANHA DA DAMA BRANCA
OLIVEIRAS
MENOS
BOSQUE HARN
PRAIA DOS CARAMUJOS DE SANGUE
MENOS
Desenhado pela Irmã O no segundo ano
do Reino de Nossa Trigésima Segunda Madre.
Baseado no original por GARAI DO SANGUE
no Reino da Primeira Madre.



A ABADIA VERMELHA

Ouça a história dela.
Nunca esqueça.

Meu nome é Maresi Enresdotter e escrevo isto no décimo nono ano do reino de nossa trigésima segunda Madre. Durante os quatro anos desde que vim para a Abadia Vermelha, li quase todas as escrituras antigas sobre sua história. A Irmã O diz que esta minha narrativa vai se tornar uma nova adição aos arquivos. Parece estranho. Sou apenas uma noviça, não uma madre, nem uma irmã erudita. Mas a Irmã O diz que é importante que eu seja aquela que escreve o que aconteceu. Eu estava lá. Não se deve confiar em histórias de segunda mão.

Não sou uma contadora de histórias. Ainda não. Mas quando eu for e puder contar a história como deve ser contada, eu a terei esquecido. Então estou gravando as minhas memórias agora, enquanto ainda estão frescas e detalhadas em minha cabeça. Não passou muito tempo, apenas uma primavera. Ainda posso me lembrar vividamente de certas coisas que eu preferiria esquecer. O cheiro do sangue. O som de ossos sendo esmagados. Não quero trazer tudo à tona outra vez. Mas preciso. É difícil escrever sobre a morte. Mas não há desculpa para não fazê-lo.

Estou contando a história para assegurar que a Abadia nunca esqueça. Mas também para que eu possa entender completamente o que aconteceu. Ler sempre me ajudou a compreender melhor o mundo. Espero que o mesmo se aplique a escrever.

Mais do que tudo, estou pensando a respeito das minhas palavras. Quais vão conjurar as imagens certas sem distorcer ou embelezar a verdade? Qual é o peso de minhas palavras? Farei o melhor para descrever somente o que é relevante para a minha história e deixar de fora todo o resto, mas que a Deusa me perdoe se eu não for sempre bem-sucedida em minha tarefa.

Também é difícil saber onde uma história começa e quando termina. Eu não sei onde é o fim. Ainda não parece que chegou. Mas o começo é fácil. Tudo começou quando Jai veio para a ilha.

Eu estava colhendo mariscos na praia em uma manhã de primavera quando Jai chegou. Quando minha cesta estava pela metade, me sentei em uma pedra para descansar por um instante. O sol ainda não subira a Montanha da Dama Branca, a praia estava na sombra e meus pés estavam gelados com a água do mar. As pedrinhas redondas sob meus pés batiam ritmadamente com o movimento do mar. Uma quelea-de-bico-vermelho saltitava à beira da água, também procurando por mariscos. A ave pernalta acabara de cortar uma concha com seu bico longo quando um barquinho apareceu perto dos Dentes, as rochas altas e estreitas que ascendem do mar.

Barcos de pesca vêm várias vezes por lua, então talvez eu não tivesse achado nada se o navio não estivesse vindo de uma direção incomum. Os pescadores com que negociamos vêm do continente no norte ou das águas ricas em peixes das ilhas no leste. Seus barcos são pequenas embarcações pintadas de branco, muito diferentes desse navio seguindo em direção à ilha. As velas dos pescadores são azuis e eles têm uma tripulação de dois ou três homens. Aqueles que vêm do continente trazendo provisões, e às vezes novas noviças, são navios lentos e arredondados que frequentemente têm uma sentinela para fazer a guarda contra piratas. Quando eu vim para cá em um desses navios há quatro anos foi a primeira vez que eu vira o oceano.

Eu nem sabia o nome do navio que vi navegando em torno dos Dentes, indo direto para o porto. Eu só vira aquele tipo de navio algumas vezes. Eles vêm de terras ocidentais distantes como Emmel e Samitra e de outras terras ainda mais longínquas.

Mas mesmo esses navios costumam vir da direção do continente, pela mesma rota que os barcos pesqueiros. Eles navegam pela costa e só ousam ir a águas profundas no último momento possível. Nossa ilha é muito pequena e difícil de ser encontrada se você não seguir a rota habitual. A Irmã Loeni diz que é a Primeira Madre que cobre a ilha com um véu, mas a Irmã O caçoa dizendo algo sobre marinheiros incompetentes. Eu acredito que seja a ilha que se esconda.

Mas essa embarcação de alguma maneira ainda conseguiu nos encontrar, apesar de vir por volta do Dente quase diretamente do oeste. A vela e o casco magro do barco eram cinza. Difícil de serem vistos em um mar cinza. Era um navio que não queria anunciar sua chegada.

Quando pude ver que a embarcação seguia para o nosso pequeno porto, eu me levantei saltando e corri sobre a praia de pedras. Tenho vergonha de dizer que esqueci a minha cesta e os mariscos. É por esse tipo de coisa que a Irmã Loeni sempre me dá broncas. Você é impulsiva demais, Maresi, ela diz. Olha para a Madre. Ela abandonaria seus deveres assim?

Não posso dizer que ela abandonaria. Mas também não consigo imaginar a Madre com as calças arregaçadas e algas entre os dedos dos pés, inclinada sobre uma cesta de mariscos. Ela deve ter feito isso no passado, quando era uma jovem noviça como eu. Mas não posso imaginar a Madre como uma menininha. Isso simplesmente não faz sentido.

A Irmã Veerk e a Irmã Nummel estavam prontas para encontrar o navio no píer, olhando para as velas cinza. Elas não me viram. Espreitei-me para mais perto silenciosa e cuidadosamente para que as tábuas barulhentas do píer não me entregassem. Perguntei-me o que a Irmã Nummel estava fazendo lá. Ela é responsável pelas noviças mais jovens, e a Irmã Veerk é aquela que negocia com os pescadores.

– É isso que a Madre previu? – perguntou a Irmã Nummel, protegendo seus olhos com a mão.

– Talvez – respondeu a Irmã Veerk, que jamais especula se não tem certeza.

– Eu realmente espero que não. Suas palavras no transe eram difíceis de serem decifradas, mas a mensagem era clara. – Irmã Nummel arrumou seu véu. – Perigo. Grande perigo.

Uma tábua rangeu debaixo do meu pé. As irmãs viraram-se. Irmã Nummel franziu a testa.

– Maresi, o que você está fazendo aqui? Você deveria estar trabalhando na Casa da Fornalha hoje.

– Sim. – Arrastei a minha resposta. – Eu estava colhendo mariscos, mas então vi o navio.

A Irmã Veerk apontou.

– Vejam, eles estão puxando as velas.

Assistimos em silêncio enquanto a tripulação manobrava a embarcação para dentro do porto. Parecia estranho haver tão poucas pessoas a bordo. Havia um velho barbudo com uma túnica azul no cabrestante e supus que devia ser o

capitão. Eu podia ver somente três outros homens, todos com rostos rígidos e expressões sérias. O capitão saiu primeiro e a Irmã Veerk foi falar com ele. Quando tentei me espreitar para mais perto para ouvir o que estavam dizendo, a Irmã Nummel segurou-me com força pelo braço. Logo, a Irmã Veerk voltou e sussurrou algo para a Irmã Nummel, que começou a me puxar para fora do píer.

Embora eu tenha ido com a Irmã Nummel sem protestar, não podia controlar a minha curiosidade. Queria ser aquela que trazia as notícias para as outras noviças. Virando e entortando minha cabeça, consegui vislumbrar o capitão ajudando alguém a sair do navio. Uma figura magra com cabelos claros e embaraçados sobre ombros franzinos. Ela vestia um vestido sem mangas sobre uma camisa que deve ter sido branca um dia. Suas roupas estavam gastas e, embora de início eu tenha pensado que seu vestido fosse feito de seda grossa, quando ela se moveu pude ver que, de fato, ele pesava por causa da sujeira. Não pude ver seu rosto, ela estava olhando fixamente para o chão como se tivesse que estudar cada passo que dava. Como se tivesse medo de confiar no chão sob seus pés. Eu não sabia na época, mas aquela era Jai.

Não entendi por que a Irmã Nummel estava tão ansiosa para me tirar do píer. Mais tarde naquele dia, Jai apareceu na Casa das Noviças com o resto de nós. Seus cabelos longos ainda não estavam limpos, mas estavam penteados e macios e ela estava vestida como nós, com calças marrons, camisa branca e um lenço branco na cabeça. Se eu não a tivesse visto chegando, nunca saberia que ela era diferente de nós.

Jai ganhou a cama ao lado da minha. Novas noviças normalmente têm que dormir no dormitório das noviças mais jovens, mas isso se dá porque a maioria das que chegam são meninas pequenas. Jai tinha idade o suficiente para dormir conosco, as meninas mais velhas. Eu imaginei que ela tivesse quatorze ou quinze, um ano ou dois mais velha do que eu.

A cama ao lado da minha no dormitório das noviças mais velhas estava livre porque Joem acabara de se mudar para a Casa da Fornalha para se tornar noviça à serviço da Irmã Ers. Suas noviças são as únicas que não dormem na Casa das Noviças. Elas têm que manter o fogo da fornalha aceso, o fogo que nunca pode se apagar, e têm que fazer oferendas a Havva em todos os horários corretos. Joem acha que é especial porque ela pode ser uma serviçal na Fornalha. Eu sei que ela acha que todas as invejam. Quando eu vim para a ilha, não podia imaginar nada melhor do que morar na Casa da Fornalha, sempre cercada de comida. Meu estômago não podia esquecer o inverno da fome que havíamos passado em casa. Mas logo mudei de ideia quando vi o quanto a Irmã Ers era rigorosa, sem nunca deixar porções extras para as suas noviças. Imagine tocar, cheirar, trabalhar constantemente com comida, mas não poder comê-la.

Além disso, Joem falava enquanto dormia. Eu não sentia sua falta.

Jai sentou-se em sua cama e todas noviças, as mais novas e as mais velhas, se reuniram em torno dela como sempre fazemos quando alguém novo chega. As meninas pequenas admiraram o cabelo loiro comprido saindo de seu lenço de linho. Nossos lenços de cabeça nos protegem do sol forte, mas debaixo deles nossos cabelos não devem nunca ser presos. Também nunca cortamos o cabelo. Nossos cabelos têm a nossa força, diz a Irmã O.

As meninas mais velhas fizeram perguntas para ela sobre de onde ela vinha, quanto tempo ela viajara, se sabia alguma coisa sobre a Abadia antes. Jai estava sentada completamente imóvel. Sua tez era mais clara do que a maioria, mas eu podia ver que ela era incomumente pálida. A pele debaixo de seus olhos era fina e escura, quase roxa. Como violetas na primavera. Ela não disse nada nem

respondeu nenhuma pergunta, apenas olhou à sua volta.

Eu me levantei da minha cama.

– Já chega. Vocês todas têm tarefas a fazer. Vamos.

Todas fizeram como mandei. É engraçado pensar que quando vim para cá eu estava sempre cometendo erros e ninguém jamais faria o que eu dissesse. Agora, sou a mais velha na Casa das Noviças ainda não subordinada a uma casa ou irmã específica. Eu era uma das noviças que serviam há mais tempo. A única que estivera há mais tempo do que eu e ainda não tinha uma irmã própria era Ennike.

Eu mostrei à Jai seu armário e as roupas limpas dentro dele, eu lhe falei onde ficava a casinha do banheiro e a ajudei a forrar sua cama com lençóis. Ela seguiu tudo o que fiz de perto, mas mesmo assim não disse nada.

– Você não precisa fazer nenhuma tarefa hoje – eu disse, virando as pontas de sua colcha. – Mais tarde, você terá que ir ao Templo da Rosa para os agradecimentos da noite, mas não se preocupe, eu lhe mostrarei tudo o que precisa saber. – Levantei-me. – Agora é quase a hora do jantar. Vou mostrar para você o caminho para a Casa da Fornalha.

Jai ainda não disse nem uma única palavra.

– Você entende o que estou dizendo? – perguntei suavemente. Talvez tivesse vindo de uma terra tão distante que ela nem falava as línguas da costa. Eu não falava quando vim. Lá no norte, em terras como Rovas, Urundien e Lavora, falamos um idioma diferente daquele que eles falam aqui junto ao mar. As línguas da costa são bastante parecidas. As pessoas que as falam podem se entender, embora a pronúncia e algumas palavras possam diferir. A Irmã O diz que a quantidade de comércio mútuo que ocorre entre as terras assegurou que as línguas mantivessem uma relação íntima. Meu primeiro ano na Abadia foi difícil antes de eu aprender a língua.

Jai fez um sinal afirmativo com a cabeça. Então, subitamente ela abriu a boca para falar.

– É verdade que não há homens aqui? – Sua voz era inesperadamente rouca e eu jamais ouvira o seu sotaque.

Eu balancei minha cabeça.

– Nunca. Homens não são permitidos na ilha. Os pescadores com que fazemos negócio não colocam os pés em terra, a Irmã Veerk compra os peixes do píer. Temos animais machos, é claro. Um galo bastante selvagem, alguns bodes. Mas nenhum homem.

– Como vocês se viram? Quem cuida dos animais e ara a terra e as protege?

Levei-a para a porta alta e estreita do dormitório. Há tantas portas aqui, cada uma diferente da anterior. Elas mantém fora, elas trancam para dentro, elas protegem, escondem, velam, ocultam. Elas olham para mim com suas dobradiças e maçanetas de ferro brilhantes, observam com os grandes nós da madeira, olham com desagrado com suas ranhuras. Já contei que em um dia passo por pelo menos vinte portas.

Em casa tínhamos duas. A porta da cabana e a porta da casinha do banheiro. Ambas eram feitas de tábuas de madeira penduradas em dobradiças de couro que meu pai fizera. À noite, meu pai fechava a porta da cabana pelo lado de dentro com uma grande barra. O banheiro podia ser fechado pelo lado de dentro com uma trava, e meu irmão Akios a abria com um pedaço de madeira enquanto minha irmã Náraes gritava para que nos deixasse em paz.

Levei Jai pelo corredor da Casa das Noviças.

– Não plantamos grãos, a ilha é pedregosa demais. Compramos o que precisamos no continente. Mas temos algumas hortas de vegetais e oliveiras e as irmãs plantam vinhas para vinho no Templo Solitário. Bebemos apenas algumas vezes por ano em festivais e rituais.

Saímos para o sol quente do início de noite e puxei meu lenço sobre meus olhos. A Irmã Loeni não aprova quando faço isso, ela diz que é impróprio, mas eu não gosto que o sol bata em meus olhos.

– Não precisamos de proteção. Poucos vêm tão longe. Você não viu como é íngreme a montanha para a Abadia e o muro alto que a cerca? Há apenas duas entradas no muro externo. Aquela pela qual você veio pode ser fechada com uma porta pesada e trancada. Chamam a outra de portão dos bodes e sobe em direção à montanha. – Apontei. – Ela leva para o pequeno caminho que seguimos quando levamos os bodes para pastar e, de lá, ela vai para o Templo Solitário e a Dama Branca e nossas hortas. É muito difícil encontrar a porta de dentro da montanha se você já não sabe onde ela está. E faz muito tempo que piratas atacaram a Abadia. Isso aconteceu quando as Primeiras Irmãs vieram, foi por isso que construíram o muro externo, mas nenhum ataque aconteceu desde então. A Abadia é o único assentamento na ilha. Não há ninguém contra quem temos que nos proteger. – Fiz um sinal do círculo na palma da minha mão esquerda com meu dedo indicador para afastar a má sorte. – Somos serviçais da Primeira Madre. Ela nos protege se precisamos.

O pátio central estava vazio. Todos devem ter ido para a Casa da Fornalha. Isso é o que sempre acontece quando ficam sabendo que temos peixe fresco. Antes de vir para cá eu comera peixe seco apenas algumas vezes e ele mal tinha

gosto. Mas a Irmã Ers usa ervas e temperos raros em todas preparações na Casa da Fornalha. A primeira vez que coloquei uma colherada de cozido em minha boca, o gosto era tão estranho que eu quase cuspi para fora. A única coisa que me deteve foi o olhar de reprovação das irmãs, o que foi sorte. Se eu tivesse cuspido, teria exposto acidentalmente minha ignorância para todas. Eu já me sentia ignorante e desconfortável o bastante. Mais tarde, eu aprendi os nomes de todos os sabores diferentes. Canela do leste, mastruz das terras setentrionais, iruk amarelo e orégano selvagem de nossas próprias encostas montanhosas.

Olhei para Jai. Ela deve ter se sentido tão desconfortável quanto eu quando vim para a ilha. Estiquei minha mão para dar-lhe um tapinha encorajador no braço, mas ela se encolheu como se eu fosse bater nela. Jai congelou e escondeu o rosto em suas mãos. Suas bochechas ficaram ainda mais pálidas do que antes.

– Não tenha medo – eu disse gentilmente. – Eu só quero mostrar as casas a você. Veja, aquele é a Fonte do Corpo. Você vai aprender sobre ela amanhã. Esses degraus levam para o Pátio do Templo e à Casa da Sabedoria, Casa das Irmãs e ao Templo da Rosa. Eles são chamados Escada do Anoitecer porque vão para o oeste.

Eu vi a Jai olhando através de seus dedos, então continuei a falar.

– Chamamos aquela escadaria longa e estreita de Escada da Lua. Há duzentos e setenta degraus! Eu mesma contei. Elas levam para o pátio da Lua e à Casa da Lua. O aposento da Madre fica lá em cima. Você já conheceu a Madre?

Jai abaixou as mãos e fez um sinal afirmativo com a cabeça. Eu sabia que ela conhecera a Madre, todas as meninas a encontram assim que chegam. Não foi por isso que lhe perguntei. Eu queria que ela relaxasse.

– Não temos razão para subir lá com muita frequência. Agora vou levá-la para subir a Escada do Alvorecer. Ela leva à Casa da Fornalha e ao depósito. Venha.

Senti-me incômoda em levá-la pela mão para guiá-la, então fui em frente, esperando que ela seguisse. Ela seguiu, alguns passos atrás. Eu continuei a tagarelar para mantê-la calma, como faço com as galinhas quando coleto seus ovos. A Irmã Mareane ri de mim quando faço isso, mas ela me deixa em paz. A Irmã Loeni, por outro lado, está sempre tentando fazer com que eu fique quieta. Mas a Irmã Mareane sabe que um voz suave pode acalmar animais que se assustam facilmente.

– Espere até você ver como comemos bem aqui! A primeira vez que alguém me contou que temos carne ou peixe para o jantar todos os dias, eu ri da sua cara. Achei que ela estivesse brincando. Comer carne todo dia! Mas não é piada. Normalmente é peixe ou carne de nossos próprios bodes. Algumas noviças

acham que há carne de bode demais, mas eu não – a Irmã Ers faz tantas coisas gostosas com bode. Salsichas de bode e bife de bode e cozido de bode e carne seca de bode. E leite de cabra, é claro. Ele é usado para todo o tipo de queijo. Temos galinhas especialmente para ovos, mas às vezes um pássaro acaba em um dos cozidos da Irmã Ers. Ers é o nome da responsável pela Casa da Fornalha. Todas as irmãs têm suas próprias responsabilidades, como você logo vai ver. – Subimos, ofegantes, os últimos degraus. Quando chegamos ao pátio em frente da Casa da Fornalha, eu pude sentir o cheiro de peixe branco e ovo cozido. Meu estômago roncou. Não importa o quanto eu coma, sempre pareço estar com fome. Tem sido assim desde o inverno da fome.

– Todas comemos a mesma coisa – disse, aproximando-me da porta da Casa da Fornalha. – Da noviça mais jovem às irmãs e à própria Madre. Apenas as irmãs no Templo Solitário fazem uma refeição diferente. Noviças comem primeiro, depois as irmãs. É a mesma coisa ao nos lavarmos, como você vai ver pela manhã.

Abri a porta da Casa da Fornalha que, como sempre, tinha cheiro de pão. Quando eu vim para cá, não conseguia resistir à tentação de lamber a madeira cor de avelã para ver se ela também tinha gosto de pão. A Irmã O me deu um sermão pela minha estupidez. Agora sou mais velha e mais esperta. Mas a porta ainda tem cheiro de pão.

Jai estava completamente quieta de novo. Eu estava definitivamente falando demais. A Irmã Loeni diria isso. Mas Jai não parecia tão tensa e volúvel. Ela se sentou ao meu lado e deixou que Joem lhe servisse uma porção de peixe branco e ovo cozido com guisado de raiz de korr das encostas meridionais da ilha. Eu estava contente de comer raiz de korr ao invés de repolho. Há, com frequência, muito repolho em nossa dieta.

Quando terminamos de comer, eu me encostei no banco e bati em minha barriga redonda.

– Ninguém em casa acreditaria se eu contasse a eles como comemos bem aqui.

É doloroso pensar sobre minha família tendo menos o que comer do que temos na Abadia. Talvez às vezes eles passem fome. Minha casa é tão longe que eu não sei como foi o inverno neste ano, como foi a colheita ou se eles tiveram comida na mesa. Posso apenas esperar que, com uma boca a menos para alimentar, eles tenham mais para os outros. Eu poderia escrever uma carta a eles, mas ninguém em casa sabe ler e eu nem sei como enviaria uma carta para nossa fazendinha, na parte mais ao norte do grande vale de Rovas.

Eu afastei minha angústia e dei um sorriso encorajador para Jai.

– Não pense no passado. Você está conosco agora e não é nem de longe tão rigoroso quanto os rumores que você possa ter ouvido. Depois do jantar, o tempo é nosso.

Em volta de nós, noviças moviam-se sob o olhar atento da Irmã Ers, carregando seus copos e pratos para a copa. As noviças da Irmã Ers limparam a longa mesa para que estivesse apresentável para as irmãs quando fosse a vez delas de comer. Eu peguei o meu prato e o copo, Jai fez o mesmo e ficamos na fila para a copa.

– Muitas noviças gostam de ir à praia à noite para nadar ou colher conchas – eu disse. – Outras vão às montanhas pegar flores e desfrutar da paisagem. Muitas fazem as suas tarefas de leitura da Irmã O ou da Irmã Nummel, outras conversam ou jogam.

Colocamos nossos pratos em uma bacia de água fria. Fomos as últimas a deixar a copa e voltamos para o sol do entardecer. Sons vinham da casa dos bodes. Era quase a hora da ordenha. Diversas irmãs subiam a Escada do Alvorecer, compenetradas em suas conversas. Eu teria que me apressar para chegar ao aposento da Irmã O antes que ela o deixasse.

– Você sabe o caminho de volta à Casa das Noviças, não sabe? Você pode fazer o que quiser até a hora dos agradecimentos noturnos no Templo da Rosa.

– Posso ir com você?

A voz rouca de Jai surpreendeu-me de novo. Ela estava de pé segurando as mãos em frente dela e com os olhos no chão. Meu coração apertou. Eu não queria levar a Jai comigo. Minha atividade noturna era só minha. Eu nunca a partilhara com ninguém.

– Você ficaria entediada – eu disse hesitando. – Veja, eu…

Jai estava completamente imóvel. Ela segurava as mãos com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Ela não me olhava nos olhos. Eu não conseguia negar um pouco de companhia a uma garota solitária em sua primeira noite em um lugar novo.

– É claro que você pode se juntar a mim, se quiser. – Ela levantou a cabeça uma vez e eu sorri para ela. – Venha, é melhor nos apressarmos.

Eu desci correndo a Escada do Alvorecer, esbarrando em várias irmãs e resmungando desculpas para elas em meu caminho. A Irmã Loeni levou um esbarrão tão grande que seu véu quase caiu de sua cabeça.

– Maresi! Veja por onde anda! Se a Madre um dia… – Suas palavras de reprovação apagaram-se à distância enquanto eu corria pelas pedras irregulares

do pátio central e subia a Escada do Anoitecer com Jai logo atrás de mim.

O pátio do Templo tem construções em três de seus lados e embaixo, no quarto lado, está o telhado da Casa das Noviças. Ao oeste, em direção ao muro, está a Casa das Irmãs. Ao leste, em direção às montanhas, está o belo Templo da Rosa, e ao norte está o prédio mais velho da Abadia, a Casa da Sabedoria. Atrás da Casa da Sabedoria está o pátio da Sabedoria, com seu limoeiro solitário, e em um lado do pátio está o Jardim da Sabedoria, protegido dos ventos marítimos por um muro baixo.

Corri para a Casa das Irmãs, abri a porta e corri pelo corredor até o quarto da Irmã O. Eu podia ouvir os passos da Jai atrás de mim.

Você tem que bater na porta da Irmã O usando uma pequena aldrava de latão feita para esse propósito. Ela tem o formato de uma cobra mordendo sua cauda. Quando perguntei à Irmã O sobre a cobra, ela deu seu sorrisinho torto e disse que era sua guardiã. Eu aprendi não fazer muitas perguntas a ela de uma só vez. Mas resolvi que um dia eu descobriria exatamente o que ela quis dizer com isso.

Eu bati e a Irmã O falou "Entre" seriamente, como sempre. Eu abri a porta pesada de carvalho. Irmã O estava sentada à sua grande escrivaninha sob a janela à oeste, curvada sobre pilhas de pergaminhos e livros. Seus dedos estavam salpicados de tinta preta e ela tinha um pano de linho sobre seus braços para que a tinta não caísse em sua camisa.

Normalmente, quando vê que sou eu, ela só levanta suas sobrancelhas e aponta para a chave pendurada em seu gancho debaixo do castiçal de parede. Mas quando viu Jai de pé atrás de mim, ela abaixou sua pena e ajeitou a postura.

– Quem é? – perguntou ela com sua rispidez típica, e eu senti Jai se encolher. Eu saí do caminho para que elas pudessem se ver.

– Esta é a Jai, ela chegou hoje. Vou lhe mostrar a sua câmara do tesouro.

Enrubesci. Eu tento não usar esse termo perto de ninguém. É apenas um nome infantil que dei à sala quando vi pela primeira vez o que havia lá. Eu sei que a chave não abre o caminho para algum tipo de tesouro. Mas para mim é o melhor lugar em toda a ilha.

A Irmã O já voltara ao trabalho. Ela moveu-se em direção à chave e virou a página do livro diante dela. Eu acho que ela frequentemente esquece de ir jantar.

Eu levantei a chave. Ela é tão comprida quanto a minha mão e ricamente decorada. Eu sempre a seguro da mesma maneira, com força pelo cabo elegante. Acenei para Jai e fechei a porta silenciosamente. Então abri um grande sorriso. Eu não pude evitar. Toda vez eu tenho a mesma sensação de excitação eletrizante.

A câmara do tesouro fica na Casa da Sabedoria, depois de nossas salas de aula, no fim de um longo corredor de pedra que ecoa. Às noites, a casa está vazia e as portas para as salas de aula estão fechadas. Ennike me perguntou uma vez se eu ouso ir lá sozinha depois do pôr do sol, quando a casa está vazia e silenciosa. Nunca passou por minha cabeça ficar com medo. Eu não sabia o que haveria para temer.

Essa era a primeira vez que estive lá à noite com outra pessoa e isso me incomodava. Nós raramente ficamos sozinhas na Abadia. O tempo que eu tinha na câmara era a única hora do dia todo que eu estava total e completamente sozinha. Mas eu estava tentando ser gentil com Jai. Ela provavelmente nem vai querer ficar depois de tê-la visto, pensei, talvez encontre um gato da Abadia para brincar ou outra noviça para conversar. Embora ela não parecesse exatamente tagarela.

Como todas as salas na Casa da Sabedoria, a câmara do tesouro tem portas duplas que são altas e estreitas. Elas são feitas de uma madeira marrom avermelhada lixada e polida para brilhar. A própria Irmã O cuida delas. Várias vezes por lua, ela está lá com uma escada, um vidro de cera de abelha e um trapo grande e macio, esfregando e polindo. Essa certamente não é uma de suas tarefas oficiais, como entendi pelo tom de desaprovação típico da Irmã Loeni. Algumas portas mantém você para fora, algumas guardam segredos e outras deixam algo perigoso trancado. Essas portas formam uma barreira confortante e protetora em volta da câmara do tesouro. Eu ajudaria com prazer a Irmã O a polir seu bonito grão. Um dia vou lhe pedir.

Coloco a chave na fechadura e as portas com perfume de mel abrem sem nem um som.

Jai perdeu o ar.

A câmara do tesouro é uma sala longa e estreita. Ambas as paredes compridas são cobertas de prateleiras do chão ao teto. Na parede curta no fundo há uma janela alta e estreita que deixa o sol do entardecer se esgueirar. É a janela mais alta que eu já vi e tem 21 vidraças. A luz do sol cai suavemente sobre as lombadas dos milhares de livros nas prateleiras e eu normalmente fico só de pé por um momento, inalando o aroma do pó e pergaminhos e felicidade. É a melhor parte do dia. Ela faz tudo valer a pena: morar aqui, longe de minha família, longe de nosso vale exuberante entre as altas colinas. Deitar na cama noite após noite com uma angústia em meu coração. Comer mingau em todas aquelas manhãs cinza de inverno. Ter sido repreendida pelas irmãs e levado bronca das noviças mais velhas antes de eu saber como as coisas eram feitas, o que fazer e o que não fazer.

Quase não entender as pessoas ao meu redor por um ano inteiro. Tudo isso e muito mais vale a pena só para ficar lá cheia de expectativa e uma espécie de ânsia, mas uma ânsia boa. Uma que faz minhas bochechas enrubescerem e meu coração bater mais rápido.

Jai caminhou para uma das prateleiras. Ela passou a mão nas lombadas dos livros respeitosamente com as pontas dos seus dedos e então virou-se para mim.

– Eu não sabia que tantos livros existiam no mundo todo!

– Eu também não sabia antes de vir para cá. Você sabe ler?

Jai assentiu.

– Minha Madre me ensinou. – Ela jogou a cabeça para trás e correu os olhos até o topo das prateleiras. – Tantos… – ela repetiu, deslumbrada.

– Você pode ler qualquer livro que quiser. Porém aqueles pergaminhos no topo são velhos e frágeis, então você só pode tocá-los sob a supervisão da Irmã O.

Eu não podia mais me conter. Jai podia cuidar de si mesma. Fui pegar o livro que estivera lendo na última noite e outro e outro. Eu os carreguei para uma das escrivaninhas junto à janela onde eu posso ler na luz que cai sobre meu ombro. Há lamparinas pela sala, mas não tenho permissão de acendê-las. Não importa, entretanto, porque a janela recebe a luz do anoitecer por muito tempo e, além disso, tenho uma visão aguçada e jovem. Eu posso ler quando escurece. Certa vez eu me perdi tanto em minha leitura que não sabia que os agradecimentos noturnos haviam começado e só percebi o quão tarde era quando vi a Irmã O olhando para mim à porta. Eu não sabia por quanto tempo ela estivera parada lá e me levantei com um salto, pedindo mil desculpas e corri devolvendo todos os livros às prateleiras, meu coração acelerando como um pássaro assustado. Irmã O me observou em silêncio, o que me assustou mais do que suas usuais palavras ríspidas. Mas, quando eu me aproximei, vi que seus lábios finos estavam abertos em um pequeno sorriso e seus olhos eram acolhedores. Ela passou a mão em meu cabelo. Foi a primeira vez que alguém o fizera desde que eu deixara minha própria mãe. Um nó em minha garganta impediu que eu falasse. Ela colocou um cacho solto de meus cabelos castanhos atrás da minha orelha e deu uma batidinha em meu rosto. Então, saímos juntas, eu tranquei as portas e lhe dei a chave. Ela me levou para fora da Casa da Sabedoria para o Templo da Rosa, onde ela me ajudou a me espreitar sem ser notada, e eu consegui evitar ser repreendida. Daquela vez pelo menos.

Depois disso, a Irmã O foi tão rigorosa comigo quanto antes, mas eu não tinha tanto medo dela. Certa vez, quando eu fui até seu aposento, ela estava tão

profundamente absorvida em sua leitura que nem notou que eu estava lá. O véu de sua cabeça estava completamente torto e ela coçava seus cabelos brancos distraidamente com uma mão enquanto virava lentamente as páginas de seu livro com a outra. E então eu soube. Ela era exatamente como eu.

Eu abri o livro com voracidade e comecei a ler. A sala estava completamente silenciosa. Lá fora eu podia ouvir o sussurro eterno do mar e os grasnos de uma gaivota. Eu li por muito tempo. Só quando terminei o primeiro livro e peguei o segundo, me lembrei da Jai. Olhei para cima.

Ela estava sentada sob um feixe do sol no chão, com um livro aberto em seu colo. O livro era tão grande que suas pernas estavam escondidas debaixo dele. O sol do entardecer movia-se lentamente pelo chão e, quando ele finalmente saiu das páginas do livro, ela moveu-se lentamente de volta à luz sem se levantar. Sua cabeça continuou suavemente abaixada. Quando chegou a hora de guardar os livros e ir para os agradecimentos noturnos, eu tive que chamá-la diversas vezes até me ouvir.

Depois disso, eu nunca fiquei só na câmara do tesouro ao anoitecer. Eu logo me acostumei com a presença de Jai, porque ela era muito silenciosa e sempre fazia o que eu pedia. Não levou muito tempo para parecer que sempre havíamos estado lá juntas.

A primeira manhã da Jai na Abadia foi de sol. Normalmente temos um clima maravilhoso na primavera. No outono, a Primeira Madre penteia seus cabelos e tempestades atingem a ilha. Nessa época, quase não ousamos sair com medo de sermos levadas contra as encostas das montanhas. Mas naquela manhã o calor estava voltando. Nossa ilha, Menos, ainda não colocara seu manto de flores primaveris, mas os pastos estavam exuberantes e verdes, para a alegria dos bodes.

Quando todas haviam se levantado, arrumado as camas e ficado em fila, eu abri a porta do dormitório. A Irmã Nummel se assegurou de que estivéssemos todas presentes antes de nos levar para o pátio central. Era ainda tão cedo e frio que as pedras estavam escuras com o sereno. Irmã Nummel nos guiou durante a saudação ao sol no pátio central. Sempre fazemos a saudação enquanto o sol nasce sobre o mar ao leste, dando-nos seu calor e vida. Antes de vir para cá, eu não sabia que o sol era tão importante e que a vida não poderia existir sem ele. Fico feliz em saber agora e eu sempre ficava feliz de saudá-lo junto com as outras noviças. Eu ansiava pelo dia em que eu poderia dar as boas vindas ao sol com as outras irmãs no pátio do Templo. Você pode ver o nascer e o pôr do sol melhor lá em cima do que no pátio central.

Eu mostrei à Jai como fazer os movimentos e cochichei para ela o que eles significavam. Normalmente não podemos conversar durante a saudação ao sol, mas a Irmã Nummel abriu uma exceção porque Jai era novata. Eu olhei ao redor para ver se alguém notou que eu era aquela que recebera permissão de quebrar a regra, ao invés de ser quem todas as outras podiam corrigir. Joem olhou para mim e levantou o nariz. Ela nunca deixa transparecer que está bem impressionada com alguém.

Quando estávamos prontas, a Irmã Nummel nos levou pelo pátio central até a Fonte do Corpo. O vapor subindo da água significa que a sua pele está sempre um pouco borrifada e deixa suas roupas úmidas de modo que elas grudem ao seu corpo roliço como se fossem a pele de uma enguia. A porta de pedra é pesada

demais para uma só mulher, então as irmãs a abrem juntas.

Eu ajudei Jai a se despir. Ela hesitou até ver todas as outras noviças fazendo o mesmo. Quando eu tirei sua camisa, entendi a razão. Ela tinha cicatrizes feias por todas as suas costas, como se houvesse sido espancada com um chicote ou uma vara. Ela não é a única.

Há muitas razões por que uma menina pode vir para esta ilha. Às vezes famílias pobres das terras costais enviam uma filha para cá porque não podem sustentá-la. Às vezes uma família percebe que sua filha tem uma mente aguçada e inquisitiva e quer lhe dar a melhor educação que uma mulher pode ter. Às vezes garotas doentes ou deficientes vêm para cá porque sabem que as irmãs podem lhes dar o melhor cuidado possível. Como Ydda, que nasceu menor do que a maioria e cuja família não podia cuidar dela. Quando ela foi enviada para cá, sua irmã gêmea Ranna recusou-se a deixá-la e veio junto.

Às vezes um homem rico investe em sua filha, enviando-a para a Abadia e pagando por sua educação. Talvez ele pense que ela não conseguirá um marido porque é feia ou por alguma outra razão. Uma mulher que passou sua infância na Abadia pode sempre encontrar um lugar no mundo.

Veja a Joem, por exemplo. Seu pai a enviou para cá porque queria que ela se tornasse uma ótima cozinheira para que fosse mais fácil para ele lhe arranjar um casamento. Joem tem quatro irmãs que são mais bonitas do que ela e se casaram há muito tempo. Pergunto-me se era por isso que ela parecia tão amarga às vezes.

Às vezes, meninas vêm para cá como fugitivas, principalmente de Urundien e dos estados próximos ou de uma das numerosas terras ocidentais. Garotas que demonstram uma sede por conhecimento em culturas onde mulheres não podem saber ou dizer nada. Nessas terras, rumores sobre a existência da Abadia vivem nas canções das mulheres e em contos populares proibidos contados apenas em sussurros, longe de ouvidos inimigos. Ninguém fala abertamente sobre nossa ilha, mas a maior parte das pessoas ouviu falar dela, de qualquer forma. Ennike é uma dessas garotas fugitivas, assim como Heo, a pequena menina akkade de Namar, a cidade murada na fronteira entre Urudien e a terra dos akkades. Elas têm marcas em seus corpos como Jai. Eu suspeitara que ela passara por algo parecido em seu passado, mas agora eu tinha certeza.

Jai me seguiu pelos degraus lisos de mármore até a piscina quente de banho. A água vem de uma fonte quente subterrânea. Andamos de mãos dadas pela piscina e para os degraus na outra ponta. Muitas noviças sabem nadar, mas eu não. Jai não parecia ter medo da água, mas ela se movia com ansiedade. Quase como se estivesse tentando se proteger da água enquanto esta girava à sua volta.

Do banho quente descemos para um frio e, nossa, como é frio! Às vezes queria que fizéssemos ao contrário e aquecêssemos por último no banho quente, mas em um dia quente de verão é maravilhoso se refrescar antes de se vestir novamente.

Depois de nos lavar, a Irmã Nummel nos levou através de portas de pedra para deixar que as irmãs tivessem a sua vez. Elas se banham depois de nós porque têm rituais matutinos para realizar primeiro. Em seguida, era hora do café da manhã na Casa da Fornalha. Quando Jai se sentou ao meu lado, eu entendi que ela decidira se tornar a minha sombra. É isso que normalmente dizemos quando uma nova noviça se agarra a alguém que está lá há mais tempo. Ela a segue como uma sombra até encontrar seu lugar. Era a primeira vez que eu tinha uma e isso me deu um certo orgulho. Eu me aprumei e sorri para Ennike, que estava sentada em frente a nós. Eu costumava ser sua sombra. Ela me lembra a minha irmã Náraes, porque tem o mesmo cabelo encaracolado e olhos castanhos amigáveis. Várias semanas se passaram até que eu tivesse coragem o suficiente para perdê-la de vista. Ela não se irritou comigo nem uma vez. Eu decidi ser tão paciente e generosa quanto com a Jai.

Naquela manhã, finalmente tivemos pão fresco de novo. Irmã Ers e suas noviças haviam celebrado a festa de Havva no dia anterior e agora o forno estava limpo e benzido e podíamos assar pães novamente. Depois de várias luas sem nada além de mingau, era um banquete enterrar meus dentes em um pão salgado saído quente do forno. Sorri para Ennike, minha boca cheia de pão, e ela riu.

– Ninguém gosta de pão de primavera tanto quanto você, Maresi!

– É, e há só uma coisa que eu amo mais do que pão de primavera.

Entreolhamo-nos, rimos e gritamos em uníssiono:

– Pão de Nadum!

É fácil rir com Ennike. É uma das coisas que gosto nela.

Jai sentou-se e mordiscou sua comida. Ela comera um pouco de pão, mas deixara a cebola e o peixe defumado. Eu apontei para o seu prato.

– Espere até o verão! Então, temos um ovo cozido com o pão e uma fatia grossa de queijo de cabra. E quando a Estrela da Primavera tiver adormecido de novo, teremos mel!

– Você devia ver Maresi em cafés da manhã de outono – disse Ennike. – Cozinham pão de Nadum com semente e nozes na cozinha e Maresi aguarda à porta da Casa da Fornalha antes de todas as outras, farejando como um cachorro faminto! No outono também temos queijo e molho vermelho-vivo de frutas silvestres.

– Fazem o molho com hortelã e mel. A Irmã Ers sempre diz que é bom o bastante para oferecer à própria Primeira Madre. – Lambo os lábios com a ideia.

Ennike olha com curiosidade para Jai.

– Que tipo de comida você tinha em sua casa?

Jai fechou-se como um marisco, encolheu-se com um olhar distante. Eu balancei a cabeça para Ennike e mudei rapidamente de assunto para distrair Jai da pergunta de Ennike.

– Se não fosse pelos cafés da manhã de outono, não acho que eu aguentaria os infinitos mingaus de inverno – eu disse. – Mingau, mingau, mingau, todos os dias. Você sabe com o que eu sonho por todo o inverno?

Jai não respondeu, mas Ennike sorriu e mexeu a cabeça.

– Dança da Lua! Depois da dança, temos um enorme banquete no pátio da Lua.

– Então temos ovo de quelea-de-bico-vermelho com molho apimentado. A quelea é o símbolo de nossa Abadia e só comemos seu ovo depois da Dança da Lua. A Irmã Ers a serve com tortas de carne crocantes e deliciosas e biscoitos de gergelim salpicados de canela. – Tive que engolir. A ideia de toda essa comida gostosa estava me dando água na boca. Ennike tomou um gole de seu copo.

– E bebemos outra coisa além de só água. Hidromel forte e vinho adocicado!

– As escadas para a Casa das Noviças parecem muito longas quando sua barriga está cheia de comida!

Rimos. Eu e Ennike, quero dizer, não a Jai, mas ela parecia ter se soltado um pouco. Eu estava feliz em poder ajudá-la a relaxar. Levantei-me da mesa.

– Venha. É hora da aula.

Oferecemos o último de nossos pães para a Fornalha, descemos a Escada do Alvorecer, atravessando o pátio central e subindo a Escada do Anoitecer para a Casa da Sabedoria. A Casa da Sabedoria é a estrutura mais antiga da ilha. A Irmã O nos ensinou que ela era o primeiro e provavelmente mais importante prédio que as Primeiras Irmãs construíram depois de terem chegado aqui no navio *Naondel*.

É meu trabalho ficar junto à porta de madeira rachada da sala das jovens noviças assegurando que todas fiquem sentadas quietas até a irmã chegar para dar a aula. A Jai seguiu Ennike para a nossa sala de aula enquanto eu acompanhava as meninas atrasadas, sendo a última sempre Heo. Aquela manhã, eu a encontrei sentada debaixo do limoeiro no pátio da Sabedoria, passando a mão em um gato cinza da Abadia que estava de lado ronronando. Quando eu me aproximei, ela olhou para mim, e pensei como seus olhos caídos sempre pareciam estar rindo.

– Não posso levá-lo para aula, Maresi?

– Você sabe que não pode. Apresse-se, Heo. A Irmã Nummel logo vai chegar e você não quer levar uma bronca, quer?

– Você leva muitas broncas – disse Heo enquanto se levantava e colocava sua mãozinha na minha. – Eu quero ser como você.

Eu beijei o lenço branco de sua cabeça.

– Escolha meus pontos positivos e não os negativos.

Corremos de mãos dadas para a sala de aula das jovens noviças e Heo conseguiu se sentar antes que a Irmã Nummel entrasse, rechonchuda e alegre como sempre. Ela nunca repreendia a Heo, e a noviça sabia muito bem disso.

Quando a aula das noviças mais jovens começou, eu corri para a minha. Eu sou a única que pode chegar atrasada para a aula. A porta da sala das noviças mais velhas é feita de madeira velha e rachada, parecida com a porta das noviças jovens, mas mais escura. Eu sempre a fecho cuidadosamente depois de entrar, com medo que, se eu a bater, as rachaduras cedam e a porta inteira caia.

Vou até meu lugar no banco de madeira gasto, onde todas nos sentamos em uma mesa grande. A Irmã O conduz a aula da frente da sala. Apenas as noviças mais velhas que logo se tornarão irmãs não vêm às aulas. Elas aprendem seus deveres.

Eu amo nossas aulas. Aprendemos sobre história, matemática, a Primeira Madre, como o mundo funciona, sobre a lua, o sol e as estrelas e muito mais além disso. As jovens noviças têm que aprender a ler e a escrever, se elas ainda não sabem, e muitas outras coisas.

Naquele dia estávamos continuando nosso estudo sobre a história da ilha.

– Vocês se lembram de como as Primeiras Irmãs vieram para cá? – perguntou a Irmã O. Eu me levantei imediatamente e ela mexeu a cabeça.

– Maresi?

– As Primeiras Irmãs decidiram fugir de uma terra onde um homem maldoso havia tomado todo o poder e tratava as pessoas muito mal – respondi. Eu acabara de ler sobre isso em um livro na câmara do tesouro. – Ele não deixava ninguém mais ter conhecimento. As Primeiras Irmãs se recusaram a ser suas escravas, então elas roubaram o máximo de conhecimento que puderam e navegaram para cá no navio *Naondel*.

A Irmã O assentiu.

– A viagem delas foi longa e árdua. Elas vieram da terra no oriente distante, tão distante que nem lembramos mais o seu nome. Ninguém veio das terras orientais para a Abadia desde as Primeiras Irmãs. Foi um milagre o barco não se

partir nas rochas quando uma grande tempestade lançou *Naondel* em direção a nossa ilha. Ao contrário, o lugar onde o navio atracou marcou o lugar no qual as Primeiras Irmãs construiriam a Casa da Sabedoria.

Ennike levantou-se.

– Mas como isso é possível, Irmã O? – Ela apontou para a janela. – A Casa da Sabedoria fica tão alta, na montanha. Nem mesmo as mais fortes tempestades de outono poderiam jogar um navio lá.

A Irmã O mexeu a cabeça.

– De fato. Mas assim está escrito nos textos mais antigos. Talvez as tempestades fossem piores naquela época. Ou talvez o texto devesse ser interpretado de modo diferente.

Eu vi que Jai estava ouvindo com atenção. Ela estava sentada inclinada para frente, seus olhos presos à Irmã O.

– A Casa da Sabedoria oculta todo o poder que as Primeiras Irmãs trouxeram consigo – recitei de memória. – Irmã O, por que falam de poder e não conhecimento?

– Porque conhecimento é poder – disse Dorje.

Dorje é uma noviça da Irmã Mareane e ajuda com os animais. Ela é alguns anos mais velha do que eu, mas é tão distraída e sonhadora que frequentemente parece ser mais jovem. Dorje é do povo dos pássaros e, quando veio para a ilha, ela trouxe um de seus pássaros sagrados consigo. Ele é tão grande quanto uma pomba, com penas vermelhas e azuis, mas as azuis mudam de cor de acordo com a luz: às vezes verdes, às vezes pretas, às vezes douradas. Ele normalmente fica em seu ombro, bicando e puxando seu cabelo preto e esticando suas orelhas. Ele não tem um nome, apenas Pássaro, e parece entender Dorje quando ela fala com ele.

A Irmã O sorriu para Dorje e foi um daqueles raros momentos em que um sorriso ameniza seus lábios finos e olhos escuros.

– Isso mesmo, Dorje. Conhecimento é poder. É por isso que é tão importante que noviças venham aqui e levem o conhecimento de volta ao mundo quando lhes ensinamos tudo que podemos, especialmente as noviças da Irmã Nar, porque elas podem partilhar seu conhecimento de ervas e remédios por todo o mundo.

– Mas outros conhecimentos são importantes também – interrompi. Eu queria dar uma boa impressão à Irmã O com o que sabia, embora eu fosse mais jovem do que Dorje. – Aritmética e astronomia e história e… e…

Eu não conseguia pensar em mais nada.

– Higiene – Joem completou. – Trabalho na fazenda. Como alimentar muitos com pouco. Para ajudar a evitar a fome.

– Cuidado com animais! – disse Dorje com entusiasmo.

– Arquitetura – acrescentou Ennike. – Como construir pontes, calcular a durabilidade, erguer grandes prédios.

Eu estava desapontada. Eu queria ter pensado em tudo aquilo.

– Está absolutamente certo – disse a Irmã O seriamente. – Qualquer conhecimento que vocês possam levar de volta a suas terras natais é importante.

– Mas certamente é importante que algumas noviças fiquem aqui? Para manter o conhecimento vivo e passá-lo para novas noviças? – perguntei.

– Sim – concordou a Irmã O. Ela olhou para mim com uma expressão séria. – Mas nossa Abadia não pode ser usada como desculpa para se esconder do mundo.

Eu não entendi realmente o que ela quis dizer, mas não fiz mais perguntas. Tudo o que eu sabia era que na ilha, com seu sol quente, vento fresco e encostas perfumadas, em meio a bodes e abelhas e irmãs e noviças, eu estava em casa.

***

Durante o intervalo, eu e Ennike fomos ao nosso lugar favorito debaixo do limoeiro. Jai veio conosco. Comemos nosso pão, bebemos água mineral gelada e olhamos além do muro para o mar azul-prateado, que brilhava tanto que os olhos doíam. O ar estava cheio do aroma forte e doce das ervas e flores que a Irmã Nar plantava no Jardim da Sabedoria. Pássaros flutuavam na brisa acima de nós, às vezes sós, às vezes em bandos de asas brancas reluzentes. Um gato preto com patas cinza estava sentado no muro baixo do jardim, limpando-se. Ennike se encostou contra o tronco do limoeiro e esticou suas pernas.

– Espero logo ser chamada para uma casa ou uma irmã. Não aguento mais as aulas da Irmã O.

– Mas elas são fascinantes! Aprendemos algo novo todos os dias! – exclamei, surpresa, e ela sorriu.

– Você pode absorver conhecimento como uma esponja infinitamente, Maresi. Mas eu preciso começar a fazer algo. Pense, se a Madre me chamasse como uma serviçal da Lua! Isso seria uma honra.

– Você é a noviça mais velha na ilha sem uma casa. É claro que ela vai escolhê-la. – Deitei-me de costas e olhei para a folhagem da árvore. Pequenas flores brancas brilhavam aqui e ali entre as folhas escuras. O gato preto pulou do

muro e veio em nossa direção. Jai esticou cuidadosamente a mão e o gato esfregou sua cabeça contra ela e começou a ronronar. Então Jai ficou tensa de repente. Eu me sentei e segui seu olhar.

Um barquinho branco com uma vela azul vinha para o porto.

– Um barco pesqueiro – eu disse suavemente. – Veio vender seus peixes. Olhe, lá está a Irmã Veerk e sua noviça Lua. Elas lidam com o comércio. Agora elas estão indo para o píer, vê? Elas encheram seus cestos com peixe fresco e então vão pagar com moedas de cobre ou velas de cera ou talvez alguma pomada preparada pela Irmã Nar. Ela é quem cuida de nós quando estamos doentes. Ela sabe tudo sobre cura e ervas. Os pescadores normalmente falam para elas o que precisam, então a Irmã Veerk tem tudo à mão na próxima vez que eles vêm.

Jai ainda não conseguia relaxar, então eu e Ennike nos entreolhamos e nos levantamos.

– As aulas recomeçam logo. Venha.

Jai logo se acostumou com a Abadia. Eu só precisava lhe mostrar algo uma vez e ela se lembrava. Ela levava seus pratos para a copa quando terminava de comer, oferecia seu pão para Havva, levava suas roupas para a Fonte do Corpo para lavá-las e lia os textos que a Irmã O dava a ela todas as noites. Ela aprendeu os movimentos da saudação ao sol e as canções de agradecimento e louvor em poucos dias. À noite ela vinha comigo direto à Casa da Sabedoria e se sentava lendo até o pôr do sol. Ela não saía do meu lado. As irmãs notaram e não nos separavam quando dividíamos afazeres, então Jai vinha comigo para pastorear os bodes montanha acima, coletar mariscos na praia, e fazer a primeira leva de queijo do ano, buscar água do poço, varrer os pátios e limpar a Casa das Noviças.

Logo tornou-se claro que Jai não havia feito muito trabalho físico antes. Ela era fraca e podia carregar só metade de um balde de água, mas nunca reclamava. Ela quase não falava.

***

Ela tinha sonhos intensos à noite e frequentemente eu despertava com o som de seu revirar ansioso de um lado para o outro. Eu a ouvia resmungando coisas que eu não podia realmente discernir. Ficava repetindo um nome: Unai. Eu não sabia se era o nome de uma mulher ou de um homem, mas deve ter sido alguém muito importante, porque Jai sonhava com Unai todas as noites. Muitas de nós dormiam no mesmo dormitório e eu era a única que ouvia os sonhos da Jai.

Nas próximas semanas, a primavera chegou por completo. Começou a ficar mais quente e as irmãs começaram a falar sobre a Dança da Lua e todos os outros rituais da primavera. Logo, as montanhas estavam cobertas de flores brancas e azuis da estação e o ar estava vivo com o zumbido de moscas e abelhas. Dorje passeava cantando com os pássaros. Ela sabe imitar qualquer pássaro com perfeição.

Uma noite, meia lua após a chegada da Jai, estávamos sentadas juntas em

nosso dormitório aprontando-nos para ir para a cama. As meninas mais velhas escovavam o cabelo das meninas mais novas e eu ajudava a Ennike a desembaraçar seus cachos, que estavam sempre bagunçados e cheios de nós no final do dia. Ela estava sentada com a cabeça para trás e os olhos fechados.

– Minha irmã costumava fazer isso quando eu era pequena – murmurou ela. – Eu não me lembro muito dela a não ser a sensação de suas mãos em meus cabelos.

Heo estava sentada aos meus pés e brincava com um gatinho com o pelo tão preto quanto os seus cabelos. O gato agarrava-se aos seus dedos com seus dentes e garras afiados, mas Heo não se importava em ser arranhada.

– Eu não tenho irmãs – ela disse. – E você, Maresi?

Mexi a cabeça, escovando o cabelo de Ennike até brilhar.

– Um irmão e duas irmãs. Uma de minhas irmãs é mais velha do que eu e meu irmão tem a sua idade, Heo. Minha irmã mais velha, Náraes, nunca tinha tempo de escovar o meu cabelo. Ela ajudava nossa mãe na fazenda e eu cuidava dos pequenos. – Engoli em seco. Ainda era difícil para mim falar sobre Anner. – Minha irmã mais nova…

Jai estava remendando um buraco em suas calças com linha e agulha. Enquanto eu me preparava para continuar a falar, vi que sua costura caíra em seu colo e seu rosto ficara tão branco quanto a neve no pico da Dama Branca. Naquele instante, Heo me interrompeu.

– Jai, quem é Unai? Eu a ouvi dizendo esse nome à noite.

– Heo! – falei rispidamente e ela me olhou com seus grandes olhos castanhos, surpreendida pelo meu tom. Ao mesmo tempo, Jai soltou um grito choroso e agudo. Foi um som terrível. Ela levantou as mãos e bateu em seu rosto repetidamente até eu saltar e agarrar suas mãos. Mas não pude parar o seu lamento. Virei-me para Ennike sem soltá-la.

– Chamem a Irmã Nummel!

Ennike saiu correndo do quarto enquanto outras noviças saíam do caminho. Heo se enrolara em uma pequena bola entre as camas e estava quieta. Logo, a Irmã Nummel veio correndo e juntas levamos Jai à cama da Irmã Nummel. Jai não protestou, mas tivemos que segurar suas mãos para impedi-la de tentar se arranhar e dar tapas nela mesma. Ennike correu para trazer a Irmã Nar, que apareceu rapidamente com um preparado que ela fez Jai beber. O líquido lhe deu um pouco de calma e logo ela estava deitada e contida na cama de Irmã Nummel.

As irmãs expulsaram-me com Ennike e tivemos dificuldades para levar as

noviças mais novas agitadas para cama. Quando o dormitório estava finalmente quieto, eu e Ennike saímos para tomar ar fresco e nos acalmar.

O céu azul-escuro, pontilhado de estrelas, curvava-se sobre o pátio central. Tudo estava quieto, com exceção do barulho suave do mar do outro lado do muro. Eu e Ennike respiramos fundo.

– Ela passou por coisas ainda piores do que eu. Eu era frequentemente espancada pelo meu pai e avô, mas ela apanhou mais.

Tentei entender o que era ser espancada pelo próprio pai. Pensei sobre meu papaizinho magrelo, que dava suas próprias porções de comida para nós, crianças, no inverno infindável. Pensei como ele juntara todas as histórias que pôde sobre a Abadia, onde ela era e como chegar lá. Como ele chorou quando percebeu que morar na Abadia seria a melhor coisa para mim. Como ele não soltava da minha mão enquanto eu estava sentada na carroça que iria me levar para longe de nossa casa, de nosso vilarejo, de nossa terra, para a costa meridional distante.

– Ela não sabe como é se sentir segura. – Quando eu falei, soube que era verdade. – Vamos ter que ensiná-la como.

Somos praticamente autossuficientes na Abadia. Temos mariscos, ovos de pássaros, frutas silvestres e frutas da montanha e do litoral. Temos cabras para leite e queijo e carne e cultivamos legumes em um dos vales entre a Abadia e o Templo Solitário. Há também algumas oliveiras e vinhedos junto ao Templo Solitário e pegamos mel das colmeias da Irmã Mareane.

Mas temos que comprar grãos, peixe, sal e temperos, assim como tecido para roupas e incenso. Todas essas coisas demandam prata, mas a Abadia tem mais do que o suficiente, graças ao caramujo-de-sangue.

O caramujo-de-sangue é o único modo de tingir verdadeiramente tecidos de vermelho. Você pode conseguir várias tonalidades avermelhadas diferentes com várias plantas, mas nenhuma delas dá o mesmo tom vermelho forte e brilhante como o caramujo-de-sangue. Eu acho que a cor é bonita, é claro, mas fico impressionada como ela é procurada em todas as terras conhecidas e como seu preço é alto. O vermelho dos caramujos-de-sangue tinge trajes de reis e tecidos dos ricos. Apenas aqueles com muito dinheiro podem comprar a cor. O caramujo-de-sangue é o que deu à Abadia Vermelha o seu nome, ou é o que eu pensava, mas quando eu disse isso à Irmã O, ela respondeu que havia provavelmente diversas razões. Ele refere-se também à força vital sagrada e coisas que eu ainda não entendo direito.

Quando a Madre era uma garota, o vermelho do caramujo-de-sangue não tinha o mesmo preço que tem hoje. Na época, caramujos-de-sangue eram criados em diversos lugares, incluindo muitos nas ilhas de Valleria e até mesmo tão longe a oeste quanto a terra de Långhorn. Ouvi dizer que o povo de Valleria produzia sua tintura juntando os caramujos em grandes barris e deixando-os para apodrecer no sol. O fedor enchia o arquipélago de Valleria por muitas semanas todo verão. No final, os caramujos-de-sangue foram erradicados completamente. Não restou nenhum.

Mas nossa ilha ainda tem uma colônia em crescimento. Temos um método alternativo de coletar a tintura.

A coleta do caramujo ocorre no ápice da primavera, depois do despertar da Estrela da Primavera. Realizamos os ritos de agradecimento no Templo da Rosa antes do verão. Isso inclui uma enorme fogueira para queimar todos os resíduos que vieram boiando para o continente ou foram deixados pelas tempestades sazonais, e então esperamos por um dia de tempo bom.

Caramujos-de-sangue são a área da Irmã Loeni. Ela decide quando coletar, organiza tudo e supervisiona o processo de tingimento. Também é responsável pelo comércio, juntamente com a Irmã Veerk. Seu olhar severo pode forçar o preço às alturas. Toda essa prata certamente não fica jogada no fundo do cofre da Madre. As noviças que vivem na Abadia Vermelha e voltam para o mundo levam prata consigo para que possam fazer o que precisam. Construir enfermarias e fundar escolas. Talvez melhorar a qualidade de vida em suas terras natais.

Pensava nisso às vezes. A prata que eu podia levar comigo se eu voltasse a casa, para minha mãe e meu pai. Para minha irmã e irmão. O que eu poderia fazer por eles, e para todo o meu vilarejo. O fim dos invernos famintos. Sapatos e peles grossas para todos. Pensava sobre Anner; certamente havia outras crianças como ela, aquelas que morrem de fome.

Mas desta forma eu teria que deixar a Abadia. Deixar todas as minhas amigas, deixar o banho matinal, a Dança da Lua, as aulas. O Jardim da Sabedoria, os filhotes de bode da Irmã Mareane, os gatinhos. Deixar para trás a segurança de nunca ter que passar fome. Deixar a Irmã O e sua câmara do tesouro.

A Irmã Loeni pensa que é tão superior porque ela é serviçal do Sangue. Isso lhe dá responsabilidades especiais no Templo da Rosa também, durante os ritos de Sangue, mas isso não é razão para ser esnobe. A serviçal da Rosa é a serviçal mais importante depois da Madre, mas ela é a mais modesta entre todas as irmãs.

Toulan, a noviça da Irmã Loeni, é uma boa amiga. Eu fiquei muito desapontada quando ela foi chamada para se tornar noviça de Sangue no ano passado. Ela e Irmã Loeni são tão diferentes. Joem seria uma escolha muito melhor! Pensei que Toulan ficaria extremamente infeliz com seu papel. Eu certamente ficaria se eu tivesse que trabalhar com a Irmã Loeni todos os dias. Mas quando mostrei comiseração pelo seu destino, Toulan só sorriu para mim.

– Oh, eu não dou atenção para todas as suas broncas e repreensões. Quando eu finalmente parei de dar ouvidos, eu ouvi tudo o que há por trás delas. Ela tem muito conhecimento e leva o seu papel com muita seriedade. Não deixará os caramujos-de-sangue acabarem. E como uma serviçal do Sangue, eu posso explorar alguns dos mistérios mais profundos da Primeira Madre.

Toulan sempre foi a mais sensata das noviças. Quando o resto de nós estava

fugindo do louvor para ir nadar ou se escondendo nos barracos dos bodes para escapar de algum dever chato, Toulan não prestava nenhuma atenção em nós e continuava com seus deveres pacientemente. Ela nunca aprontava e isso não é porque ela era chata, apenas séria. Ela viu seus pais morrerem de uma doença terrível quando era pequena. Então, fez uma viagem longa e perigosa para a Abadia sozinha. Por muito tempo eu achei que ela se tornaria a noviça da Irmã Nar. Ela é fascinada por ervas e cura. Mas diz que quer mergulhar mais nos mistérios da Primeira Madre.

***

Fomos abençoadas com um tempo lindo nesta primavera. Não ocorreu nenhuma tempestade de primavera súbita, a temperatura estava amena e agradável, e, quando a Estrela da Primavera despertou, a Dama Branca ainda estava vestindo sua coroa de neve e suas encostas estavam cobertas por flores brancas, fazendo a montanha toda parecer coberta por neve.

Depois de realizarmos os ritos de Renascimento e de a Madre realizar todas as oferendas, toda a manhã começava com o clima perfeito. Mas a Irmã Loeni ainda fez questão de escolher o dia perfeito, com vento do nordeste, para assegurar que a coleta ocorresse o mais tranquilamente possível.

Então, finalmente, uma manhã fomos acordadas com o badalar abafado do sino de Sangue. Eu avisara à Jai, mas ela ainda encolheu-se na cama, aterrorizada.

– É o início da semana de coleta! – disse Ennike. – Sem aulas! – Ela levantou-se com um salto da cama e puxou Jai, fazendo-a levantar-se. – Podemos ficar lá fora todos os dias! Sem saudação ao sol, banhos ou deveres chatos!

Sorri com ironia para Ennike. Sem aulas maravilhosas, sem refeições na Casa da Fornalha nem noites na câmara do tesouro também. Eu também estava feliz, é claro, mas por razões diferentes. A coleta de caramujos é o único trabalho que todas as irmãs e noviças fazem comunalmente e eu adoro quando todas se reúnem. Até as irmãs do Templo Solitário nos acompanham. As únicas que ficam na Abadia são as irmãs mais velhas, cujas costas não podem mais se curvar sobre caramujos e cestos.

Juntamo-nos no pátio em frente da Casa da Fornalha. Irmã Mareane e Dorje haviam amarrado nossos dois burros em carroças cheias de espirais de linha de seda e novelos de lã. Toulan e Irmã Loeni deram os cestos para todas, até para a Madre, e então deixamos a Abadia pelo portão dos bodes.

A ilha tinha cheiro de mel e de sereno enquanto subíamos o caminho pela encosta da montanha e eu me lembro de pensar que nunca poderia ter sonhado com tal lugar quando vivia no vilarejo. Um lugar com calor e alimento e conhecimento. A vida em Rovas era como uma caverna onde ninguém tem ideia do mundo exterior e a escuridão fria da caverna é tudo que todos conhecem. Vir para a Abadia e aprender a ler foi como abrir uma grande janela e ser inundada de luz e calor. Respirei fundo e me senti agradecida pela sensação de comida em minha barriga, o sol em meu rosto e a brisa fresca de primavera em torno de minhas pernas. Felicidade, pensei. Isso é felicidade.

As irmãs estavam andando à minha frente em suas piores roupas gastas e manchadas, com as calças arregaçadas e preparadas. Estavam rindo e batendo papo, eu podia ouvir a voz grossa da Irmã O destacar-se das outras. Jai andava ao meu lado com seus dedos segurando com força a alça de seu cesto e Heo estava pulando atrás de mim com sua melhor amiga Ismi, uma menininha ruiva de Valleria, que está com nós desde o último verão. Atrás delas, Ennike estava cantando uma canção com as noviças mais jovens.

O gato está dormindo na murada,
Pule pule, sapinho!
E o sol está ardendo como uma bola dourada,
Pule pule, sapinho!
A menina espera com seu robe vermelho
Uma coroa de flores em seu cabelo
A trompa toca sua chamada
Pule pule, sapinho!

Virei-me e olhei para elas. Em cada "pule pule" todas as noviças mais jovens davam um salto grande de sapo pelo caminho e explodiam em risadas. As carroças de burro estavam atrás delas e as noviças mais velhas estavam bem atrás com os véus de suas cabeças voando gentilmente no sol forte.

Virei-me para Jai.

– Acamparemos na praia, pelo menos pela noite. Talvez por mais tempo se o clima continuar tão bom. Já dormiu fora?

– Não. Era proibido que garotas deixassem a casa depois do pôr do sol.

Essa foi a primeira vez que ela mencionou sua velha vida. Eu estava tão curiosa sobre a terra de onde ela vinha. De início, eu pensei que talvez fosse Devenlândia, mas Jai tinha cabelos claros demais para aquela região. Não ousei perguntar.

– Pode ser um pouco desconfortável e eu acho difícil dormir na primeira noite, embora esteja cansada do trabalho do dia. Mas há muitas estrelas para olhar se você não consegue cair no sono.

Um muro baixo corre pelo primeiro trecho do caminho. Ele protege andarilhos de uma queda pelas encostas íngremes do penhasco onde a Abadia está situada. Ismi, a pequena ruiva, passou por nós correndo e pulou no muro. Ela esticou as mãos para os lados e andou por ele sem medo.

– Olhem para mim! Agora sou mais alta do que todas vocês! – ela riu triunfantemente. Antes que eu tivesse tempo de reagir, Jai correu e a desceu, brava.

– Você podia ter caído! – Ela se inclinou para olhar para o outro lado do muro. A espuma branca da água do mar batia contra as rochas pontudas.

Ismi só riu e fugiu de nosso alcance. Menininhas tendem a acreditar que são invencíveis e Ismi é particularmente danada.

Logo, o caminho íngreme amenizou e seguimos o lado sul da montanha. Andamos através de vinhedos, onde novas folhas acabavam de começar a aparecer nas vinhas.

– É aqui que a Irmã Király e suas noviças plantam uvas para as passas – eu disse, apontando. – Em alguns festivais temos passas em nosso mingau de inverno. E nossas oliveiras estão lá embaixo no vale, perto da baía.

Jai protegeu os olhos com sua mão, ofuscada pela luz do sol na superfície da água.

– O mar é tão grande – ela disse –, e ele está sempre mudando de cor de um momento para o outro. Eu poderia olhá-lo para sempre e nunca ficar entediada. E o horizonte… às vezes é afiado, como a lâmina de uma faca, mas outras vezes você mal pode vê-lo através da bruma de calor ou da chuva.

– Sua terra era muito longe do mar?

Ela abaixou a mão.

– Não. Mas eu nunca pude vê-lo. Eu nunca deixava a casa de meu pai e os campos de arroz no vale. Quando eu era bem pequena, permitiram que eu fosse com eles para o Festival das Cores, mas então meu pai decidiu que as meninas tinham que ficar em casa.

Então devia haver mais crianças na família da Jai.

– Eu também nunca tinha visto o mar antes de vir para Muerio – falei. Jai olhou para mim inquisitivamente. – É o porto marítimo de Valleria. Aquele de onde a maioria das meninas que vêm para cá partem. Eu já tinha visto lagos bem grandes em minha viagem para o sul, mas ainda assim eu não estava preparada

para o mar. Ele se estende para sempre. Eu estava com tanto medo quando embarquei! – ri com a lembrança, mas Jai estava séria.

– Eu estava com medo também. Mas não do mar.

– Maresi! – Heo puxou-me pelo braço. – Maresi, conte-nos uma história!

Eu sorri para seu rostinho sincero.

– Heo, não é educado interromper.

– Sim, mas você não para de falar. Ismi quer ouvir uma história também!

– Que tal uma sobre a Dama Branca e por que ela sempre veste um chapéu feito de neve?

– Não, por favor Maresi, conte-nos uma sobre quando os ladrões atacaram a Abadia! – Ismi agarrou-me pelo outro braço. Eu passei os olhos sobre Jai. Aquela podia não ser uma boa história para ela ouvir; poderia assustá-la. Mas ela, de fato, tem um final feliz.

– Foi muitos anos depois que as Primeiras Irmãs chegaram à ilha no navio *Naondel*. Elas já haviam conseguido construir a Casa da Sabedoria e a Casa das Irmãs e estavam trabalhando no Templo da Rosa. A Casa das Irmãs era muito menor na época porque havia apenas sete Primeiras Irmãs. Você se lembra de seus nomes, Heo?

– Kabira, Clarás, Garai, Estegi, Orseola, Sulani e… – Ela mordeu o lábio, concentrada. – Eu nunca me lembro da última.

– Seu nome era Daera e ela foi a primeira serviçal da Rosa. – Passei meu cesto de uma mão para outra e olhei para Jai. – Olhe, lá está o caminho que vai para o norte, para o vale onde temos nossas plantações entre nossa Abadia e a Dama Branca. De lá, o caminho leva ao Templo Solitário, mas estamos seguindo a encosta meridional da Dama Branca para a costa sul da ilha. Lá é plano e bom para coletar caramujos.

– Continue com a história! – resmungou Ismi.

– A Abadia não tinha muita prata naquela época. As Irmãs ainda não haviam descoberto a colônia de caramujos-de-sangue. Elas estavam ocupadas demais estabelecendo a Abadia, construindo casas e reunindo mais conhecimento. Eu não acho que havia noviças aqui naqueles tempos, mas não tenho certeza. Eu não acho que rumores sobre a Abadia haviam se espalhado ainda.

– Mas um navio veio de todo jeito! – disse Heo. – Um navio grande!

– Sim, um navio grande veio com uma proa afiada e velas vermelhas e cinza, um navio bem parecido com o *Naondel*. Nenhum dos livros que li diz isso, mas eu acho que ele pode ter vindo das terras orientais, como as Primeiras Irmãs. Havia homens ruins no navio. Eles queriam pegar o conhecimento das Primeiras

Irmãs. Talvez eles quisessem pegar as próprias Primeiras Irmãs.

Jai tropeçou. Segurei sua mão e a ajudei a se levantar e fiquei segurando até ela se reequilibrar.

– Isso foi antes de o muro externo ser construído, então a Abadia estava totalmente desprotegida. Os homens vieram direto para o cais em uma noite enquanto as Irmãs estavam dormindo. Mas a ilha não estava dormindo. Quando os homens desembarcaram, todos os pássaros da ilha começaram a cantar para acordar as Irmãs. Elas correram para a Casa da Sabedoria imediatamente.

– Por que elas foram para lá, Maresi? Por que elas não foram para as montanhas?

– Eu não sei, Heo. Talvez elas quisessem proteger o conhecimento dos homens?

– Como você pode proteger o conhecimento?

– Se ele estiver contido em livros, por exemplo. Agora pare de interromper. As Irmãs correram para a Casa da Sabedoria e os homens cercaram o prédio. Havia muitos homens e as Irmãs estavam em menor número. Os homens tinham espadas afiadas que brilhavam ao luar. Eles tentaram invadir a casa, mas não conseguiram. Quando tentaram quebrar as vidraças, foi como se o vidro fosse feito de pedra. Então, tentaram incendiar a casa e, de início, pareceu que eles haviam conseguido. A parede e o telhado começaram a arder e os homens celebraram. Logo as Irmãs queimariam lá dentro, junto com todo o seu conhecimento.

"Mas então um homem que ficara para trás no navio veio se reunir a eles e, quando ele viu o fogo, ele ficou terrivelmente enraivecido. Ele gritou que o chefe queria que eles tomassem o poder e conhecimento para ele. Suas vidas não tinham importância, mas o conhecimento não podia se tornar fumaça. Os homens tiveram que apagar o fogo imediatamente."

– Eu vi as marcas – disse Jai em voz baixa, seus olhos fixos no caminho debaixo de seus pés. – Na parede da Casa da Sabedoria. Os traços das chamas do incêndio vão ficar lá para sempre.

Quando ela disse isso, percebi que tinha razão. A parte baixa da porta está escurecida com fuligem muito antiga.

– Então os homens disseram que as esperariam do lado de fora. As mulheres teriam que sair quando ficassem sem comida e água. Eles se sentaram, cruzaram as pernas e preparam-se para esperar o quanto fosse necessário.

– Mas então eles as viram! – Heo não conseguiu se segurar mais. – As mulheres da Lua!

– Certo. Enquanto os homens estavam sentados lá com suas espadas em seus colos, prontos para massacrar as Irmãs se elas ousassem sair, eles de repente sentiram a terra começar a tremer. Na montanha acima da Abadia viram sete mulheres gigantes andando a passos largos. As mulheres eram branco-prateado e pareciam ser feitas de luar, mas o chão tremia e sacudia sob os pés delas. Seus cabelos longos soltos batiam contra as encostas das montanhas, arrancando flores e pequenas árvores. Então, elas começaram a brilhar mais forte e, embora os homens virassem seus rostos com medo, o esplendor das mulheres refletia no brilho das espadas e os cegava. Quando os homens não podiam mais ver, as sete mulheres gigantes pegaram rochas enormes e as jogaram sobre eles. As rochas não acertaram os prédios da Abadia, mas atingiram os homens e os arrastaram para o oceano.

Todas ficaram quietas por um instante.

– Dizem que o chão onde os homens estavam ficou vermelho de sangue. – Passei os olhos sobre Jai. Ela estava fantasmagoricamente pálida, mas calma. – As rochas que não rolaram para o oceano tornaram-se a fundação do muro exterior.

– De onde vieram as mulheres gigantes? As Irmãs estavam na Casa da Sabedoria, não estavam?

– Eu não sei, Heo. Talvez tenham sido chamadas pela própria ilha. Talvez as Primeiras Irmãs fossem capazes de mais do que sabemos. Isso aconteceu há muito tempo, com certeza.

Heo e Ismi desceram o caminho, chutando pedrinhas e gritando que elas eram as mulheres gigantes feitas de luar. Jai olhou para mim com uma expressão séria.

– Você acha que os pássaros ainda nos acordariam? Se alguém viesse?

***

Chegamos à praia logo após o meio-dia. O sol estava em seu ponto mais alto no céu, brilhando direto em nós. A costa sul da ilha é o único lugar sem os penhascos íngremes e profundos entre a montanha e o mar, onde as encostas mais baixas da Dama Branca se alinham em camadas de pedra que se estendem em direção à água. A praia é rasa e perfeita para a coleta de caramujos. Sentamo-nos embaixo de um grupo de árvores para comer o pão e o queijo que a Irmã Ers e a Joem dividiram. Cissil, a outra noviça da Irmã Ers, passou com uma jarra de pedra de água mineral que elas haviam mantido fria debaixo de novelos nas

carroças dos burros.

Então a Irmã Loeni pediu a nossa atenção.

– A maior parte de vocês sabe o que fazer. Jai e Ismi, observem as outras. Encham seus cestos com caramujos e depois tragam para mim e Toulan para que eu possa mostrar a vocês como fazer o tingimento. E cuidado com os caramujos! Eles não podem ser estragados.

Todas nós andamos para o oceano frio. As noviças mais novas estavam pulando e rindo e as irmãs estavam alertas e calmas. Jai ficou perto de mim e eu lhe mostrei como encontrar onde os caramujos-de-sangue vivem em pequenos grupos grudados às rochas e como soltá-los cuidadosamente e colocá-los no cesto. Os caramujos aderem-se às rochas com uma força impressionante, então leva tempo para destacá-los sem machucá-los.

– Eu pensei que eles fossem vermelhos – disse Jai, tirando com sucesso seu primeiro caramujo. – Eles parecem tão brancos quanto madrepérola.

– O vermelho está dentro – respondi, colocando o caramujo em meu cesto. – Você vai ver.

Quando nossos cestos estavam cheios, nós os carregamos para a árvore onde a Irmã Loeni e Toulan haviam construído uma mesa improvisada de quatro tábuas longas colocadas nas duas carroças de burro. Os burros estavam pastando debaixo das árvores próximas.

Toulan nos mostrou onde colocar os cestos e, então, desenrolou um carretel de fio de seda até o fio ter três vezes o comprimento da mesa. Quando os caramujos-de-sangue ficam assustados, eles emitem o pigmento vermelho precioso que dá seu nome. A Irmã Loeni deu um caramujo à Jai e lhe mostrou como assustá-lo, batendo na concha com sua unha e depois passando-o pelos fios imediatamente. Assim que o caramujo tiver emitido toda a sua cor, o colocamos em um cesto vazio e pegamos o próximo.

É um modo lento de tingir o fio. Se fizéssemos pelo velho modo de Valleria, deixando os caramujos morrer e apodrecer em grandes barris para extrair a cor, poderíamos tingir muito mais e ganhar muito mais prata. Mas, desta forma, nossos caramujos-de-sangue logo seriam extintos. Além disso, a Abadia não precisa de tanta prata.

Quando não tínhamos mais caramujos, carregamos os cestos e os caramujos usados um pouco mais adiante na praia. Então, os jogamos de volta ao mar. Nossas mãos e braços já estavam tingidos de vermelho e eles iriam ficar ainda mais vermelhos. Depois do tingimento, grande parte da praia fica sempre manchada de vermelho-sangue e, debaixo das árvores onde as Irmãs Loeni e

Toulan penduram os fios e lã para secarem, a grama parece ser feita de granada.

***

Quando a noite chegou, a Irmã Ers e suas noviças serviram a refeição nas rochas: mais pão e queijo e as deliciosas tortas de carne apimentada recheadas com frutas silvestres secas que a Irmã Ers prepara somente para a coleta. Comemos com os dedos vermelho-escuros e as irmãs acenderam duas fogueiras, uma para elas e uma para as noviças. Juntamo-nos em torno de nossa fogueira e conversamos. O sol afundou embaixo da camada cremosa de nuvem sobre o horizonte ocidental e ficou pendurado lá como uma bola dourada. O oceano estava azul-brilhante, com listras mais escuras, e ele sussurrava suavemente contra a praia. O céu perto do horizonte estava da cor de pêssegos maduros, mas acima da fina camada de nuvem ele estava muito azul e, quanto mais meu olhar movia-se para cima, mais escuro se tornava. Uma estrela solitária já estava lá, diretamente sobre as nossas cabeças. Algumas queleas voavam sobre o mar escurecido com seu guincho característico. Heo estava dormindo com a cabeça em meu colo enquanto o sol afundava dentro do mar e o céu ficava roxo. A água cintilava em lilás e turquesa como um lençol de seda amassado. Então, lá embaixo junto ao horizonte, a Estrela da Primavera iluminou-se, clara e fria.

Meus olhos estavam pesados e minhas costas doíam por ficar inclinada o dia todo. A melodia sussurrada pelo mar era como uma canção de ninar sonolenta. Mas adoro ficar sentada e observar o céu noturno arrastando-se pelo mar, então lutei contra o sono depois que as outras noviças haviam se enrolado em cobertores e se acomodado em volta do fogo. Logo, Jai era minha única companhia. Seu olhar estático estava fixo no céu profundamente azul e seus olhos brilhavam em preto na luz que se apagava da fogueira.

– Não é a coisa mais bonita que você já viu? – Perguntei a ela, deslumbrada. – Toda essa beleza me dói por dentro.

Jai mexeu a cabeça e engoliu em seco e então eu vi que lágrimas caíam de seus olhos. Eu tirei cuidadosamente a cabeça da Heo de meu joelho e me arrastei até Jai, embora não parecesse que ela iria ter outro ataque de pânico. Ela apenas estava sentada diante das estrelas, chorando e chorando, silenciosa e imóvel. Peguei a sua mão e a segurei na minha. Ficamos sentadas assim por muito tempo enquanto a noite avançava à nossa volta. No fim, Jai falou com as estrelas.

– Ela nunca poderá ver isso. Unai, minha irmã. Ela nunca poderá ver nenhuma dessas coisas bonitas e maravilhosas que estou passando aqui. – Ela

limpou seu rosto asperamente com sua mão livre. – É nisso que eu penso, Maresi. Tudo que ela jamais poderá ver e fazer.

– Ela está morta?

– Ela está morta. Morta e enterrada. – Jai soltou a mão da minha e a apertou contra seus olhos. – Maresi, eu os vi enterrando-a. Eu vi meu pai e seus irmãos jogarem terra por cima do rosto descoberto dela. Eu os vi pisando a terra sobre o lugar onde ela jazia. Eu os vi deixando suas pás e caminhando para a vila, para beber e celebrar. Para celebrar que Unai se fora, celebrar que minha boa irmã não era mais problema deles. Eles nos deixaram ao lado de seu túmulo, eu e minha mãe.

Muitas que vêm para esta ilha perderam pessoas que amam. Eu tentei segurar a mão de Jai novamente, para lhe mostrar que eu entendia e dividia sua dor. Mas seus punhos estavam cerrados e ela estava rígida e distante.

– Unai que nunca fez mal a ninguém! Unai que era a mais obediente das filhas. Ela jurou que nada tinha acontecido entre ela e o garoto com quem fora vista conversando, mas meu pai não acreditou nela. Ela estava vindo do poço e ele pediu água e ela lhe deu um pouco. Ela era sempre gentil com todos. Ela nem sabia o nome dele! Mas meu pai não acreditou nela, ele a chamou de vadia. O garoto era do povo Miho, não do povo Koho como nós. Isso tornou as coisas ainda piores. Nunca podemos nos misturar a eles. Então meu pai disse que a honra da família estava maculada. Que ela devia morrer. Eu penso como deve ter sido, Maresi. – Ela sentou-se, se virou em minha direção e colocou seu rosto próximo ao meu. – Toda noite quando vou para cama sinto-me como ela deve ter se sentido. Minha boca cheia de terra. O peso das pedras e da terra em meus pulmões, minha narinas entupindo. Então, logo não consigo mais respirar e eu me sufoco lentamente até morrer enquanto minha família observa, enquanto minha irmã amada assiste e não faz nada para me salvar. Toda noite eu sou ela, Maresi, toda noite eu sou Unai!

Não pude deixar de me encolher de horror.

– Você quer dizer… – eu disse e me ouvi disparar – você quer dizer que ela…

– Estava viva enquanto eles a enterraram – sussurrou Jai. – E depois eles deram pisões em seu túmulo.

***

O tempo continuou bom e ficamos na praia a semana toda. A coleta foi boa e Irmã Loeni estava satisfeita. A Madre esteve conosco na maior parte dos dias,

mas ela sempre voltava para a Abadia à noite para checar as irmãs mais velhas que não haviam vindo conosco. A Irmã Ers e suas noviças iam e voltavam pela montanhas várias vezes com comida para as coletoras de caramujo, transportada no dorso dos burros.

Perto do fim da semana, as noviças mais novas estavam perdendo a paciência. Havia cada vez mais ocasiões em que eu me via correndo, procurando por duas ou três delas que haviam ido sozinhas para a praia ou dentro do bosque. Eu não as forçava a voltar ao trabalho, mas elas tinham que ficar perto de mim enquanto brincavam. O mar pode ser perigoso se você não tomar cuidado e o bosque é grande e fácil para as menininhas se perderem.

Uma tarde, quando eu estava voltando do bosque, segurando Heo e Ismi pela mão, a Madre veio nos encontrar. Eu me agachei ao lado das meninas.

– Vocês têm que ficar onde eu possa vê-las. E se vocês se perderem no bosque e não chegarem para o jantar? Imaginem como ficariam famintas. Eu sei que Cissil e Joem estão trazendo queijo fresco e pães com geleia hoje.

– Você nos encontraria a tempo – disse Heo com certeza absoluta. – Você sempre encontra.

Ela pegou a mão de Ismi e sairam correndo rindo para brincar nas rochas. A Madre protegeu os olhos para olhá-las e eu me levantei.

– Desculpe, Madre. Tento mantê-las sob controle, mas é difícil quando estou trabalhando ao mesmo tempo.

Eu estivera na Abadia por muitos anos, mas a Madre só falara comigo diretamente algumas vezes. Ela tem coisas mais importantes para fazer em vez de conversar com noviças.

– A Irmã Nummel confiou as noviças mais novas a você? – ela perguntou, abaixando a mão.

– Não, Madre. – Levantei a cabeça. A Madre virou seu rosto enrugado para mim. Eu jamais notara como seus cílios eram longos e grossos.

– Mas você o faz de qualquer forma. Por quê?

Pensei por um momento.

– Elas gostam de mim. E elas precisam de mim, eu acho. – Eu sorri. – Eu preciso delas. Não sinto tanta falta de meus irmãos quando posso ajudar os outros.

– Você está pensando em sua irmã?

A Madre sabia tudo sobre Anner. Às vezes era fácil esquecer, mas ela sabia tudo sobre as noviças. Eu fiz um sinal afirmativo com a cabeça. Talvez cuidar de outras menininhas na Abadia era minha forma de compensar a sua morte. Eu

queria me assegurar que nada de mau acontecesse com elas. Eu queria protegê-las como não pude proteger Anner.

– Você está ajudando Jai também. – Foi uma afirmação, não uma pergunta. Olhei para Jai onde ela estava cabisbaixa, andando à beira do mar iluminado pelo sol.

– Ennike me ajudou quando eu cheguei. Agora é a minha vez.

– Jai contou a você o que ela passou? – A Madre começou a caminhar à beira do bosque, de volta para a mesa de tingimento da Irmã Loeni, e eu a segui. A brisa marítima amena carregava o som das risadas das noviças mais jovens. Cheirava à alga e sal e grama amassada.

– Um pouco. Ela contará mais quando estiver pronta.

– Você é importante para ela, Maresi. Você não deve abandoná-la.

Olhei para a Madre com surpresa. Seu tom se tornara subitamente sério.

– Claro que não, Madre.

– Bom. – Ela levantou a mão cumprimentando a Irmã Loeni e sua voz soou normal de novo. – Talvez a Irmã Nummel a chame para ser sua noviça. Você é boa com crianças.

Irmã Nummel? Jamais pensara nisso antes. Talvez. Eu me dava bem com ela e frequentemente conversávamos sobre as noviças mais novas e seus problemas. Mas isso não me caía exatamente bem. É claro que eu gostava de cuidar das pequenas, mas…

– Você já é responsável por elas, de qualquer forma. – A Madre virou-se para mim, sua voz baixa e intensa novamente. Seus olhos eram azuis como o véu de sua cabeça. – Se alguma coisa acontecer, eu quero que você tome conta das pequenas, Maresi. Eu as confio aos seus cuidados. – Ela tocou minha testa com um dedo e eu entendi que suas palavras tinham grande importância. Mexi a cabeça com seriedade. A Madre olhou para mim por um tempo e então foi embora sem dizer outra palavra.

– O que a Madre queria? – perguntou Ennike com curiosidade. Ela veio até a mim com um cesto vazio em seu braço e Jai atrás dela. Pensei como a Madre olhara para mim quando falara sobre Jai.

– Eu acho que a Irmã Nummel pode me chamar para ser sua noviça – respondi lentamente.

– Você gostaria disso? – perguntou Ennike. – Você, de fato, gosta de estar com as crianças.

– Acho que sim. – Olhei para Heo e Ismi pulando à beira da água, fingindo estar montando cavalos invisíveis. Jai seguiu o meu olhar.

– Eu gostaria também – disse ela, para a minha surpresa. – Gosto de crianças pequenas. Tenho três irmãos mais novos. Eu os criei pelo menos tanto quanto minha mãe.

Eu e Ennike nos entreolhamos. Eu lhe contara sobre Jai e Unai. Não contara para mais ninguém, mas vendo que Jai passava tanto tempo conosco, pensei que seria melhor se Ennike soubesse.

– Será um prazer se você quiser me ajudar com elas – eu disse. – Vamos ver se conseguimos fazê-las pegar alguns caramujos antes da hora da refeição.

Depois da semana de coleta, a vida na Abadia recomeçou como sempre, com aulas, rituais e deveres. Esperávamos ansiosamente pela Dança da Lua e o banquete de celebração maravilhoso que se seguia. À noite eu sonhava com tortas e ovos de quelea.

As aulas da Irmã O concentraram-se em como o mundo funciona.

– Há muitas pessoas por todas as terras conhecidas que adoram deuses falsos. Elas pegam heróis de lendas e transformam-nos em deuses ou oram para monstros marinhos gigantes ou criam deuses à sua própria imagem e oferecem sacrifícios para eles. – A Irmã O nos ensinou da frente da sala de aula. Ventos marítimos espreitavam-se pela janela aberta, carregando os sons do início do verão: moscas, pássaros marítimos guinchando, o som suave de cabritos recém-nascidos no barraco dos bodes.

"Mas foi a Primeira Madre que deu vida ao mundo e todo poder vem dela", continuou a Irmã O. "Sua energia flui através da terra como o sangue flui através de nossas veias. Há certas pessoas que sugam a força vital da Primeira Madre, que tomam seu poder e usam-no para seu próprio benefício."

– Mas há outras formas de invocar o poder da Primeira Madre – disse Ranna. Ela e sua irmã Ydda são noviças da Irmã Kotke e suas roupas estão sempre um pouco úmidas e amassadas pelo vapor da Fonte do Corpo. Eu gosto delas. São fortes e não têm medo de trabalho pesado e, embora mantenham-se reservadas, sempre foram amigáveis comigo.

Ydda fez um gesto com a cabeça para sua irmã.

– Em nossa terra natal, Lavora, há uma lenda sobre uma garota que evocou o vento e rasgou as montanhas com seu canto. Mas ela não tomou nada da Primeira Madre. Ela trabalhou com ela.

– Essa lenda é muito antiga – disse Irmã O. – Você está certa. Ela aprendeu a ouvir a voz da Primeira Madre e a cantar em harmonia com ela. Há outras histórias, mais recentes, sobre mulheres que de fato viram a Primeira Madre. Ela tem muitos nomes e rostos diferentes, mas existe em todos os lugares, não

importa o seu nome. – Irmã O apontou para o lado de fora, para a sala de aula das noviças mais novas. – A pequena Heo é a descendente de uma mulher Akkade que ajudou a Primeira Madre a se vingar de um homem que havia lhe causado danos, e ela viu uma de suas faces.

– Como se pode usar o poder da Primeira Madre? – perguntou Dorje. Pássaro estava bicando sua orelha afetuosamente.

– Todas as mulheres têm a Primeira Madre dentro delas – disse a Irmã O. – Há muitas formas de invocar seu poder. Grande parte desse conhecimento está perdido hoje. No início, nos lembrávamos mais de nossa origem e talvez tínhamos mais da Primeira Madre dentro de nós. – Ela ergueu um dedo ameaçador. – Mas as pessoas também exploraram o poder da Primeira Madre, arrancando-o do próprio chão em que andamos.

– Como a Primeira Madre pode deixar isso acontecer? – Ennike parecia chateada. – Não é certo!

– Não, não é certo, mas a Primeira Madre raramente se envolve nos atos das pessoas, uma com as outras. Somos responsáveis por nós mesmas e por nossas próprias vidas. Essa é a dádiva que ela nos deu.

– Como o poder da Primeira Madre pode ser arrancado? – perguntei. Não parecia possível.

– Ninguém sabe exatamente. É mencionado nas escrituras das Primeiras Irmãs, mas esses textos são difíceis de entender. O poder da Primeira Madre fora de alguma forma explorado e enfraquecido na terra natal das Irmãs. Mas, sabendo que tal conhecimento é perigoso e quase sempre usado de forma errada, as Primeiras Irmãs escreveram em enigmas. As pessoas poderiam tomar riqueza e poder para si e escravizar outras. Elas não queriam que qualquer um fosse capaz de ler as escrituras e provar como fazê-lo.

– Por que homens não podem vir à ilha?

Essa foi a primeira pergunta que Jai fez na aula. Todas as cabeças viraram-se em sua direção, mas Irmã O não pareceu notar nada diferente.

– Este é um solo sagrado. As Primeiras Irmãs sabiam disso logo que chegaram. O poder da Primeira Madre é forte aqui. Seu sangue corre perto da superfície. Em diferentes partes do mundo, diferentes aspectos da Primeira Madre são adorados. Alguns adoram a Donzela, outros a Mãe, e algumas pessoas adoram a Velha. Aqui sabemos a verdade da Primeira Madre: ela é todas as três. O início, a continuação e o fim estão todos aqui. As Primeiras Irmãs decidiram que homens não deviam vir para cá, talvez para proteger a Abadia ou talvez por outra razão. Tem sido assim desde então. No mundo externo, há rumores a

respeito de uma maldição sobre qualquer homem que puser os pés em Menos. Não fazemos nada para afastar esses rumores. – A Irmã O deu um sorriso irônico.

Jai inclinou-se para frente.

– Mas o que aconteceria se um homem viesse para cá?

– Já aconteceu. Quando os ladrões atacaram as Primeiras Irmãs – respondi rápido. – Lembra-se da história que contei?

– Não foi a única vez – disse a Irmã O, para a minha surpresa. – Um homem sozinho veio para cá há algumas gerações. Ele buscava proteção e cura. A Abadia lhe deu refúgio e curou seus ferimentos.

Jai cruzou os braços com força.

– Por quê? Por que a Primeira Madre permitiu isso? Por que a Abadia permitiu isso? – Sua voz era tensa.

– Homens não são nossos inimigos, Jai. Esse homem precisava de nossa ajuda e a demos por nosso livre arbítrio. Somos as guardiãs da sabedoria da Primeira Madre, mas a sabedoria é para o benefício de todos.

***

No dia seguinte àquela aula, Irmã O me chamou quando eu estava prestes a deixar a sala de aula. Jai parou à porta e olhou para nós, mas a Irmã O fez um gesto para que fosse embora.

– Você lê todas as noites na biblioteca – ela disse. Eu assenti. A Irmã O olhou para o mar pela janela. Ela sempre está com má postura e tem que erguer bem o queixo para compensar e não olhar para o chão. Seu pescoço faz o desenho de um S. Ela parece magra como uma ave pernalta de véu azul na cabeça.

– Você consegue ler todos os livros?

– Não. Não os mais velhos que as Primeiras Irmãs escreveram em sua própria língua e trouxeram consigo das terras orientais.

– Você gostaria de aprender a lê-los? – A Irmã O virou-se para mim.

Eu frequentemente olhava para os livros antigos e pergaminhos e perguntava-me o que eles continham. Eu odeio não poder ler tudo o que vejo. É como um segredo maravilhoso bem à minha frente ou um pedaço de torta apimentada de carne deliciosa que é tirada cada vez que estico minha mão. Fiz um gesto afirmativo ansiosamente.

– Ah, claro! Eu sempre me perguntei que tipo de conhecimento as Primeiras Irmãs trouxeram consigo.

– A maior parte desse conhecimento foi escrito em outros livros desde então.

– Mas você sempre diz que uma interpretação nunca é o mesmo que aprender algo por si própria!

A Irmã O sorriu ironicamente diante da minha avidez.

– Se você realmente está interessada, eu posso ensiná-la o básico da língua. Isso significa que você teria uma ou duas aulas comigo, em meu aposento, eu acho, depois das aulas normais do dia. Você conseguiria?

– Podemos começar imediatamente? – Fui até a Irmã O e teria segurado sua mão e a arrastado para seu aposento naquele instante se tivesse coragem. – Por favor?

– Hum. Tenho que perguntar à Madre primeiro. Mas se ela der sua bênção podemos começar amanhã.

***

A Madre concordou totalmente com a proposta, então, no dia seguinte, comecei minhas aulas de língua oriental com a Irmã O. Jai não queria ficar sozinha e ela se recusou a ir a qualquer lugar enquanto eu estava com a Irmã O. Ao contrário, ela ficava sentada no pátio do Templo e esperava até eu ter terminado. Frequentemente, Heo ou um dos gatos fazia companhia para ela.

Quando vim para a Abadia, eu aprendi a língua da costa porque eu precisava. Era assustador não ser capaz de entender o que as pessoas estavam dizendo ao meu redor. Eu não tive nenhuma aula do idioma, mas precisei absorver tudo o que ouvia o mais rápido possível. Desta vez, porém, eu estava aprendendo por curiosidade, não necessidade. Fiquei muito desapontada ao descobrir que o processo era muito mais difícil e lento desta vez, sem ouvir a língua ao meu redor. Irmã O não sabia como as palavras eram pronunciadas; nós estávamos lidando com um idioma escrito. Eu sentia como se uma eternidade estivesse passando para entender os textos, mas a Irmã O zombou das minhas reclamações e disse que ela não entendia como era possível que eu pudesse aprender tão rápido.

Eu passei todas as noites na câmara do tesouro tentando decifrar os livros mais antigos. De início, eu podia apenas reconhecer algumas palavras aqui e ali, mas, quando a lua mudou de fase, eu passei a compreender cada vez mais. Quando eu encontrava uma palavra que não entendia, corria pelo pátio do Templo para a Casa das Irmãs e perguntava para a Irmã O. A Irmã Loeni frequentemente rejeitava perguntas com um “Agora não, Maresi” ou “Você faz

perguntas demais, Maresi". A Irmã O podia resmungar e falar para eu parar de perturbá-la, mas ela sempre me dava uma resposta.

Havia tantos livros incríveis para me mergulhar. A Irmã O estava certa quando dizia que havia muita coisa escrita nos livros mais novos que eu lera. Mas tudo parece diferente quando expresso na língua oriental antiga e poética. Há mais detalhes. Além disso, é maravilhoso simplesmente ser capaz de ler palavras escritas pelas próprias Primeiras Irmãs. Eu ouvira sobre as Primeiras Irmãs desde que vim para cá, a história inteira da Abadia era permeada por elas. Agora estavam adquirindo vida.

Há um texto curto só sobre sangue, escrito por Garai, aquela que plantou o Jardim da Sabedoria. Contém uma seção descrevendo plantas que o fortificam, qual sangue forte flui e qual pode atrair o sangue da lua de uma mulher. Um capítulo fala que o da Primeira Madre pode ser feito por meio da mistura de três aspectos da Deusa Tripla. Esse capítulo é difícil e eu não entendi muito. Outro capítulo é sobre o sangue da sabedoria da mulher e seus possíveis usos. Ele explica que rituais devem ser apenas realizados por mulheres que possuem o sangue da sabedoria. Quando perguntei à Irmã O o que o sangue da sabedoria era, ela respondeu secamente que as Primeiras Irmãs acreditavam que o sangue da lua tinha poderes mágicos.

Um pergaminho que parecia particularmente antigo conta a história da fuga das Primeiras Irmãs de sua terra natal, Karenokoi, as várias dificuldades de sua viagem e sua chegada a Menos, quando seu navio foi jogado contra a ilha por uma violenta tempestade. Eu ouvira a história muitas vezes, mas essa versão revelou algo novo.

"Aqui segue um relato escrito dos eventos que seguiram o desembarque do *Naondel* na ilha de Menos com as sete irmãs de Karenokoi a bordo. Nossos nomes são Kabira, Clarás, Garai, Estegi, Orseola, Sulani e Daera, e Iona, que foi perdida, mas que sempre será uma parte de nós e de nossa força." Eu nunca soube que havia uma oitava. Iona.

Outro livro era todo sobre cabelo, o que achei estranho. Havia uma seção inteira sobre pentes – que devem ser feitos de cobre para evocar a ira da Primeira Madre. Há muitos livros sobre cura, alguns sobre o trabalho de construção na Abadia e muitos outros que não foram escritos pelas Irmãs. Um deles era sobre como manipular o mundo, mas era difícil de entender. Há uma pilha inteira de livros sobre a história das terras orientais. Mergulhei neles com avidez, tentando imaginar como essas terras distantes e seus povos deviam ser.

Uma noite, a caminho da câmara do tesouro, passei pela porta da cripta na

Casa da Sabedoria e percebi que conseguia ler o que estava escrito nela. A escrita está na língua oriental e, embora eu sempre soubera o que significava, era a primeira vez que eu mesma podia lê-la: *Aqui jazem sete irmãs, unidas no trabalho e no amor*, diz. Palavras simples mas bonitas. Então, todos os sete nomes estão inscritos: Kabira, Clarás, Garai, Estegi, Orseola, Sulani e Daera. Na parte inferior há algo que eu sempre achara ser um símbolo decorativo, mas agora pude ver que era, de fato, um I ornamentado. I de Iona.

A porta da cripta não parece uma porta. O corredor através da Casa da Sabedoria é decorado com meias-colunas que despontam das paredes, e o texto está escrito em relevo no espaço entre duas colunas. Não há nenhuma dobradiça ou maçaneta visíveis e, se você não souber o que o texto diz, ele pareceria apenas uma decoração. Mas é uma porta e leva ao lugar mais sagrado da ilha, onde a Velha reina. Eu sempre passava pela porta o mais rápido que podia. A Velha governa a sabedoria e a morte e, assim, seu lugar sagrado seria a câmara funerária debaixo da Casa da Sabedoria. A sabedoria é muito importante para mim, é claro, mas já tive relações demais com a morte.

Durante o inverno da fome, uma porta de prata surgiu em nossa casa e ficou lá dia e noite. Ninguém mais em minha família podia vê-la e eu não contei a ninguém sobre ela. Na época, eu não sabia o que havia do outro lado, esperando por mim com uma fome insaciável, uma fome ainda maior do que aquela que assaltava meu corpo. A Velha. A maçaneta da porta tinha a forma de uma cobra com olhos de ônix pretos e aquela cobra contorcia-se e sibilava por todo meu delírio de fome. Ela só desapareceu quando a Velha conseguiu o que queria.

Ela queria uma vida. Ela queria Anner.

Ainda posso sentir o corpo frágil de Anner em meus braços. Como eles eram leves no final. Posso ouvir os soluços baixos de minha mãe e ver meu pai inclinado sobre o caixão que ele construíra no barraco.

Eu temera a Velha desde então e a cripta era o único lugar em toda a ilha que me enchia de medo.

***

Jai me acompanhava todas as noites enquanto eu lia pergaminhos antigos. Às vezes eu lia em voz alta para ela, e ela ouvia com interesse e fazia perguntas.

Jai relaxara um pouco após aquela noite na praia quando me contara sobre sua irmã. Ela estava confiante o suficiente para falar sem alguém ter falado com ela, ao menos com pessoas que se sentia confortável como eu, Ennike e Heo.

Ficamos sabendo de alguns fragmentos de informação sobre sua vida. Seus três irmãos mais novos eram chamados Sorjan, Doran e Vekret. Sua mãe perdera vários bebês depois de ter Jai e desistiu de dar filhos ao seu marido. Depois que Vekret nasceu, seu pai finalmente ficou satisfeito e deixou a cama de sua esposa definitivamente. Na noite em que ele se mudou, Jai e Unai ouviram sua mãe chorando a noite inteira. Quando elas lhe perguntaram se ela sentia muita falta de seu marido, ela sorriu através de suas lágrimas.

– Não. Estou mais feliz do que nunca.

Descobrimos que Jai odiava quando elas tinham que fazer conservas no outono: o ar na cozinha era ácido com vapor de vinagre e ela tinha que cortar os legumes muito finos. Mas ela gostava de esmagar os diversos condimentos de sua mãe com um almofariz. Ela nunca vira neve, então Heo e eu tentamos explicar o que era e ela caiu na risada pela primeira vez desde que a conhecemos. Ela tinha uma risada surpreendentemente aguda considerando como sua voz era grave.

– Algo frio e branco que cai do céu! Você diz coisas muito engraçadas, Heo.

– Você viu o topo da Dama Branca coberto de neve? – perguntei com um sorriso exasperado. Jai balançou a cabeça e eu entendi que, para ela, o topo da montanha podia muito bem ser coberto de flores brancas e pedras.

A hora que menos gosto na primavera é quando vamos para a Fonte do Corpo em uma manhã e vemos a Irmã Kotke esperando lá com um sorriso grande.

– Hora da lavagem de primavera – ela diz, claramente divertindo-se com nossos resmungos.

Logo após o café da manhã, todas as noviças reúnem-se com Irmã Kotke no pátio central. A Irmã Kotke, Ydda e Ranna têm tudo preparado: as grandes tinas, uma fogueira perto do poço, uma grande panela de água pendurada sobre o fogo.

– Vocês sabem o que fazer – diz Irmã Kotke e nós nos apressamos para a Casa das Noviças e à Casa das Irmãs para pegar toda roupa de cama que podemos achar, arrancando os lençóis e esvaziando os armários. Então, voltamos ao pátio central com nossas mãos carregadas e espalhamos tudo sobre o pavimento de pedra já limpo. Em seguida, Irmã Kotke, Ydda e Ranna inspecionam todos os lençóis e panos para decidir quais são aceitáveis, quais precisam ser remendados e consertados e quais só servem para trapos. Elas arrumam tudo em grandes pilhas enquanto lidamos com o caldeirão de água. Assim que a água borbulha, eu e Ennike o carregamos para uma das tinas e o esvaziamos com muito cuidado para não nos queimarmos com a água fervente. A Irmã Kotke coloca os lençóis a serem lavados na tina em montes e corta um pedaço de sabão. Algumas noviças misturam a água com longos remos de lavagem, que são esbranquiçados e lisos devido a anos de uso, enquanto outras noviças trazem mais água do poço para reencher o caldeirão.

Eu acho a lavagem de roupas de cama o trabalho mais chato possível. Normalmente a Irmã Kotke e suas noviças fazem tudo sozinhas, mas não a lavagem de primavera. Quando finalmente tudo foi fervido, carregamos em uma carroça e a puxamos para o mar. Lá tudo é esfregado com pedras da praia e, finalmente, enxaguado no mar. Depois disso, as roupas são penduradas para secar ao sol e à brisa marítima e podemos comer e descansar um pouco enquanto secam. Uma vez secas, sentamos lá com linha e agulha para remendar e consertar

tudo o que está gasto e rasgado. Eu acho que isso talvez seja ainda mais chato do que lavar.

Eu e Jai estávamos sentadas lado a lado em um banco à sombra da Fonte do Corpo, remendando rasgos nos lençóis que acabaram de ser lavados. Achei que seria bom para ela falar sobre sua irmã, então tomei coragem.

– Conte-me sobre Unai – eu disse, cortando um fio com os dentes. – Como era a sua irmã?

A mão de Jai congelou-se por um instante, mas então ela continuou a costurar. Eu soltei o ar que não percebera que estava segurando. Ainda estava preocupada com a possibilidade de assustá-la, que eu incitasse o medo e o horror que a tomaram quando Heo perguntou sobre Unai antes.

– Unai era dois anos mais velha do que eu. Como todos os homens, meu pai queria um garoto como seu filho mais velho. Fomos uma decepção para ele. – Jai virou o lençol sobre seu joelho para continuar a costurar. – Unai sempre foi uma boa filha. Ela tentava ser exatamente o tipo de menina de Koho que meu pai queria: boa, obediente e invisível. Ela queria agradá-lo. E eu queria ser igualzinha a ela. – Ela abaixou sua costura e olhou para o pátio com um olhar vazio. – A melhor parte do dia era um pouco antes dos homens voltarem para casa do arrozal. Se já tivéssemos terminado nossos deveres diários, eu e Unai nos sentávamos no telhado. Às vezes, minha mãe se juntava a nós se tivesse tempo. Nossas somas ficavam tão frias que nossos copos suavam no ar quente da noite. Soma é uma bebida muito refrescante feita de hortelã, açúcar e uma pequena fruta azeda chamada cerre que cresce nas montanhas. Sentávamo-nos lá enquanto o sol se punha atrás das montanhas e conversávamos e ríamos enquanto ainda podíamos. Meu pai não gostava do som de mulheres rindo. – Ela sorriu fracamente.

"Não, a melhor hora era provavelmente à noite quando eu e Unai nos arrastávamos para a cama que dividíamos. Primeiro, ajudávamos uma à outra a soltar o cabelo." Ela passou a mão em sua nuca, desconfortavelmente. "As mulheres de Koho usam seus cabelos presos. Nunca podíamos ser vistas com nosso cabelo solto como fazemos aqui. Quanto mais alto, melhor. Leva muito tempo para soltá-los à noite. É mais fácil se você tem alguém para ajudá-la. Então, quando íamos para cama, Unai contava o que eu fizera bem naquele dia e o que eu podia fazer melhor. Ao mesmo tempo, ela massageava meu couro cabeludo, que doía porque o cabelo esteve puxado o dia todo. Unai realmente queria que eu fosse uma boa mulher. Uma que seguisse todas as tradições e que fosse obediente e submissa para que meu pai pudesse ficar feliz com nós duas. Eu

também queria que ele ficasse feliz comigo, mas apenas por causa dela. Faria qualquer coisa que Unai me pedisse. Mas não podia ser tão submissa quanto ela. Parecia natural para minha irmã abaixar a cabeça e não fazer contato visual com meu pai ou qualquer outro homem e responder, 'Sim, pai', não importa quais insultos escutasse. Quando ele lhe batia, ela dizia que a culpa era dela. Não era rápida o bastante ou não tivera cuidado o bastante. Eu nunca me senti assim." Jai olhou para mim. "Para mim era difícil ser obediente. Tudo dentro de mim lutava contra isso. Mas eu fazia o melhor que podia por Unai. Se meu pai não estava satisfeito comigo, às vezes ele descarregava a raiva nela em vez de em mim. Mas eu nunca consegui acreditar que era culpa minha quando ele apelava para a vara." Ela virou-se para mim. "Seu pai lhe batia se você não trouxesse seu soma rápido o suficiente? Se a comida não era de seu gosto ou se você derramava algo acidentalmente quando servia seu pai e seu irmão?"

Neguei com a cabeça.

– Meu pai nunca batia em mim ou em qualquer um de meus irmãos. E nunca servi ninguém.

Os olhos de Jai arregalaram-se.

– Sempre pensei que era assim para todas. Unai estava convencida de que nossas vidas seriam mais fáceis se pudéssemos cumprir as expectativas do nosso pai. – Ela fechou os olhos, abaixou a cabeça e engoliu em seco com força. – Ela foi uma boa filha a vida inteira. Não adiantou nada no final. – Sua voz tornou-se tão baixa que eu mal podia ouvi-la. – Ela nem tentou sair quando ele a colocou no buraco. Ela poderia ter saído, poderia ter lutado. Ele jogou terra em seu corpo primeiro. Deixou sua cabeça para o fim, para que ela encontrasse sua morte com os olhos abertos. Ela não se moveu até o peso da terra sobre seu peito ser demais para suportar. Quando ela não pode mais respirar, o pânico a tomou e então ela tentou lutar. Mas já era tarde demais.

Eu derrubei o lençol branco e joguei meus braços em torno de Jai. Eu não podia nem começar a entender tal mal, que havia lugares no mundo onde as pessoas podiam fazer tais coisas umas às outras.

– Santa Deusa – sussurrei no cabelo de Jai, que cheirava a sabão e lençóis desbotados pelo sol. – Donzela, Mãe, Velha, rezo para todos os seus aspectos. Aliviem o peso dessa menina.

Jai endireitou a postura, soltou os braços, chacoalhando-os, e olhou para mim. Seus olhos castanhos brilhavam furiosamente embaixo de suas sobrancelhas expressivas.

– Eu não preciso de alívio, Maresi. Mas reze para mim. Reze para que eu

consiga minha vingança.

Ela estava me assustando. Sua dor e raiva iam além de qualquer coisa que eu podia entender. Eu sofro por Anner também, mas nunca tive um desejo de vingança. Desviei o olhar e me abaixei para pegar minha costura do chão.

– Como você chegou aqui? – perguntei.

– Minha mãe. – Jai olhou para o lençol em seu colo, confusa, como se ela não soubesse como ele aparecera lá. – Quando ela perdeu Unai, decidiu enfrentar meu pai pela primeira vez em sua vida. Ela veio para o meu quarto na noite que eles enterraram Unai. Eu estava acordada, mas não entendi de início. Ela havia embalado todas as joias, dela, de Unai e minhas, em uma trouxa. Ela me vestiu e escondeu as joias debaixo das minhas roupas e prendeu o meu cabelo sem dizer nada. Em seguida, levou-me para fora para onde um homem aguardava com uma carroça de burro. Eu não sei como ela conseguiu tal coisa. Eu não perguntei. "Você vai para a Abadia" ela disse. "Você estará segura lá. Eu perderei outra filha, mas você estará a salvo."

"Havíamos ouvido falar sobre a Abadia Vermelha em histórias e canções que minha mãe e nossas tias cantavam para nós às vezes quando os homens não estavam por perto. Eu sempre pensei que fosse um mito. Soava tão inacreditável. Um lugar cheio de mulheres apenas, onde homens não eram permitidos. Eu não conseguia imaginar como elas podiam se virar. Como elas sobreviveriam. Me ensinaram que uma mulher não é nada sem um homem.

"Eu não sabia se minha mãe acreditava que a Abadia fosse algo além de um mito. Mas ela sabia que, sem Unai, eu nunca poderia corresponder às expectativas de meu pai. E alguém que matou uma vez, não hesita em matar de novo." Jai fechou seus olhos. "Ela não disse mais nada. Apenas me deu um beijo na testa e me empurrou. Ela não ficou para ver a carroça ir embora."

Jai abriu os olhos. Ela olhou para o céu azul da manhã e direto para o sol, como se quisessem queimar algo para limpar seus olhos.

– Viajamos a noite toda e só deixamos os burros descansarem um pouco na tarde seguinte. O cocheiro parecia muito nervoso. Eu acho que minha mãe lhe pagou para me levar até o mar, mas ele me deixou na primeira cidade que passamos. Eu nem sei qual era o nome dele. Provavelmente estava com medo que meu pai se vingasse, porque quando estávamos em uma ruazinha paralela, de repente ele me expulsou da carroça e foi embora sem olhar para trás. Fiquei na rua cercada por estranhos sem nenhuma ideia de onde eu estava ou aonde ir. Estava com tanto medo, Maresi. Até aquele dia, eu nunca tinha falado com outros homens que não fossem parentes. Estava tão sozinha. Eu sempre tivera

Unai ao meu lado. – Ela abaixou o rosto para a sua costura e começou a enfiar a agulha no tecido aparentemente de forma aleatória. – Foi uma mulher que me salvou. Do povo Joi, inacreditavelmente. Eles são criados para desprezar e afastar a nós, o povo Koho. Mas quando ela me viu lá, me contou que uma mulher da minha classe não devia ser vista na cidade sem um acompanhante masculino e eu comecei a chorar. Ela me levou para a sua casa, que era pequena e modesta, mas não suja e vergonhosa, como haviam dito que as casas dos Joi eram. Ela era limpa e respeitável. Contei tudo para ela, pois o que mais eu podia fazer? Até ela ouvira falar sobre a Abadia. Eu sempre pensara que o povo Joi fosse ignorante e não soubesse nada além de trabalhos de pouco valor. Ela me deu algumas de suas próprias roupas e me vestiu como uma mulher Joi. Quando soltou meu cabelo, foi a primeira vez que alguém além de minha mãe ou Unai me vira com o cabelo desfeito. Me falou para costurar minhas joias na barra do vestido e eu escondi um anel junto à minha pele. Ela me deu comida e hospedagem, mas quando me ofereci para pagar, ofendeu-se. No dia seguinte seu irmão veio e me levou para fora da cidade e ninguém me parou ou falou comigo, pois o que havia para ser visto ou dito sobre uma mulher joi inferior?

"Então, eu comecei a andar. Às vezes eu pegava uma carona na carroça de algum fazendeiro ou de uma caravana de comércio por pouco tempo. Eu nunca andara tanto em minha vida e meus pés começaram a sangrar, mas então a pele engrossou e pude andar um pouco mais. Na próxima cidade, eu parei em uma pensão para fazendeiros joi onde fiquei alguns dias e comi o máximo que pude. Mas, então, uma noite eu fui roubada. Que quem quer que tenha feito isso morra esquecido e rejeitado e enterrado em uma vala comum! Depois disso, o anel que eu escondera era a única coisa que eu tinha. Tive que caminhar o último trecho para a cidade portuária onde eu finalmente encontrei um capitão que quisesse me trazer para cá em troca de minha última joia. Tenho certeza que os marinheiros teriam me abandonado ou me roubado também, se eles não soubessem que a Abadia poderia pagar ainda mais quando eles me trouxessem para cá. E a Madre pagou, de fato, generosamente."

– Você estava com fome? Com medo?

A mão de Jai tremeu, mas continuou a enfiar a agulha no pano.

– O tempo todo.

Um ponto vermelho-vivo pingou através do lençol nas mãos de Jai. Eu engoli em seco quando vi que não era no pano que ela estava enfiando a agulha. Ela estava furando sua mão esquerda repetidamente com a ponta afiada. Quando eu segurei suas mãos, ela gritou comigo como um animal ferido.

– Você percebe que ela se foi agora, certo? Maresi, ela está morta. Minha mãe está morta! Meu pai jamais deixaria que ela vivesse.

Na segunda lua cheia após o despertar da Estrela da Primavera, a lua e a estrela se alinham e é a época para a Dança da Lua. Trata-se do mais importante dentre todos os ritos da Abadia. É quando visitamos a Primeira Madre em seu próprio domínio e ela nos encontra com todos os três aspectos: Donzela, Mãe e Velha. A Dança da Lua celebra a Primeira Madre e dançamos pela fertilidade do mundo e pela união inseparável entre morte e vida. A Madre sempre nos explica isso na véspera da dança.

***

Despimo-nos na praia. A noite estava clara e a lua alta no céu, olhando para nós dentre seu grupo de estrelas. A lua que rege os movimentos da água e do sangue das mulheres, a lua que dá energia a tudo que vive e cresce, a lua que mede o tempo e reina sobre a morte. A lua em cuja imagem a mulher foi criada, a Lua, a Deusa, que ouve nossos lamentos e partilha nossa felicidade.

Nos enfileiramos, alternando irmãs e noviças, e a Madre assumiu sua posição à frente e começou a cantar. Era uma canção lamuriosa sem palavras que se espalhava pela baía e nos cercava enquanto caminhávamos pela praia, em direção ao cabo que delimita a baía ao sul. A Madre nos levou pela ponta da Dança da Donzela, um labirinto de pedras redondas lisas do mesmo tipo encontrado pelas praias. Elas estão lá o ano todo, eternas e fortes, mas vamos lá apenas uma vez por ano na Dança da Lua.

Tochas acesas foram enfiadas na terra que circunda o labirinto. Elas tornavam a escuridão dos arredores ainda mais profunda. Quando eu olhei para cima, a Lua parecia maior do que antes, como se a canção da Madre a tivesse trazido para mais perto. Era uma noite fria e as pedras debaixo de nossos pés estavam geladas, mas eu não senti frio. A canção da Madre manteve-me aquecida.

A Madre foi a primeira a dançar para dentro e para fora do labirinto. A Dança da Donzela não é um labirinto para se perder. Trata-se de um labirinto

que nos leva para dentro do outro reino. Onde vida e morte são uma e a própria Deusa reside. A Madre levantou seus pés para o alto, deu passos largos e evitou cuidadosamente tocar as pedras que formavam o labirinto. Tocá-las traz má sorte. A Madre dança a Dança da Lua há muitos anos e nunca tocou uma única pedra. Ela parou quando chegamos ao meio e começou a girar lentamente enquanto sua canção se transformava em palavras. Palavras sobre a Deusa, palavras da Deusa. Palavras que louvavam e elogiavam, se escondiam e tremiam, viam e previam. Era difícil entendê-las ou compreendê-las por completo. Eu podia ouvi-la cantando sobre o perigo, cantando sobre sangue, sobre a força vital e sangue derramado e sombras que se aproximavam cada vez mais.

Uma a uma, as irmãs e noviças entrelaçaram suas vozes na canção e dançaram dentro do labirinto. Todas dançavam de sua própria forma, acrescentando algo novo à canção. Voz após voz juntou-se na canção de adoração, fazendo-a inchar e crescer como a maré oceânica. Mas apenas a Madre cantava com a voz da própria Deusa.

Quando a vez da Jai chegou e o labirinto a puxou, ela levantou as mãos primeiro aterrorizada, mas então a Lua a chamou e abriu sua boca, e uniu sua canção com a das outras. Seu cabelo claro refletia o luar e a luz das tochas, com um brilho dourado e prateado ao mesmo tempo. Seu corpo parecia muito magro e suas cicatrizes tinham um brilho vermelho contra a sua pele. Assim que ela deu o primeiro passo, suas mãos voaram para os lados e ela começou a girar. Lentamente no início, um pouco mais para dentro do labirinto, mas depois com cada vez mais força. O ritmo da música continuava. Como ela podia não tocar em nenhuma pedra se girava assim? Eu era a única que não cantara ainda e queria correr e deter Jai. Mas a Madre continuou a cantar alto e consistentemente, enquanto as mulheres e meninas abaixavam suas vozes e conduziam Jai através do labirinto. Ela girava tão rápido que seus cabelos batiam em seu rosto e seus movimentos tornaram-se indistintos. Quando ela chegou ao centro, aumentou a velocidade ainda mais, de forma que eu não pensara ser possível. Ela girou até a areia rodopiar em torno de seus pés, até as chamas das tochas agitarem-se, até a Lua descer e beijar seu cabelo esvoaçante. Irmãs e noviças cantaram e cantaram e Jai cantou também e, juntas, todas cantaram enquanto ela saía do labirinto novamente.

Ela não tocara uma única pedra.

Eu fui a última. Quando dei o primeiro passo da dança, minha voz explodiu em música involuntariamente. Eu a ouvia tocando em meus ouvidos, mas não percebia que minha boca formava sons. Senti o calor das chamas das tochas em

minha pele, mas eu não as via. Tudo o que vi foi a Lua.

Ela estava enorme agora. Tão próxima que, se eu esticasse a mão, poderia tocar seu rosto frio. Preenchia toda a minha visão, enchia-me com sua música. Agora eu entendi: era sobre vida e morte. Eu rendi meu corpo à canção e deixei que dançasse para dentro do labirinto.

Eu dançara essa dança antes e sempre senti a energia da Lua fluindo em mim e deixando-me com uma sensação selvagem, cheia de poder e livre. Mas desta vez foi diferente. A Lua estava maior do que antes. Sua energia estava fazendo o ar vibrar. O luar pulsava fazendo com que tudo ao meu redor parecesse piscar. As mulheres fora do labirinto, as rochas ao nosso redor, o mar escuro – tudo estava enevoado e torcido, como olhar através do fundo de uma garrafa de vinho de Valleria. A canção continuou a guiar meus passos e cada um deles era sólido e preciso; não toquei em nenhuma pedra.

Algo grande pairava no centro do labirinto. Na noite vibrante e estremecida, aquilo era a única coisa cuja forma era fixa e clara.

Era uma porta, alta e estreita e prata no luar brilhante. Ela estava fechada, mas eu podia sentir a escuridão que aguardava do outro lado. Uma escuridão tão profunda que nem mesmo a luz da Lua podia penetrá-la. Era a porta do inverno da fome e, atrás dela, a Velha estava esperando.

Fui tomada por um medo que cortava através do transe e da canção, e tentei em vão parar os meus passos. A dança estava me levando cada vez mais para perto da porta. Eu não podia tirar os olhos dela. Nunca a vira com tanta clareza. Eu podia ver que o batente estava escurecido pelo tempo, mas a superfície da porta estava reluzente. Podia ver a maçaneta na forma de uma cobra com olhos de ônix. A porta era terrivelmente familiar. Eu não queria vê-la, eu não queria reconhecer que ela existia, mas meus olhos recusavam-se a olhar para o outro lado e minhas pernas recusavam-se a me obedecer. Uma corrente de ar passou pela espaço embaixo da porta e se enrolou em minhas pernas. O bafo pútrido da Velha. Ele misturou-se com o cheiro metálico do sangue da minha própria pele. O cheiro da morte que se agarrava em mim há anos, desde o inverno da fome. Desde que a Velha levou Anner.

Minhas mandíbulas doíam por tentar conter a canção e meu corpo se contorcia com o esforço de tentar me afastar da dança. Eu estava chegando mais perto, tão perto que os tentáculos da escuridão lambiam o meu corpo. Eles arrastavam-se pelos espaços em volta da porta, me atraindo e me puxando para dentro. Não pude resistir. Ninguém pode resistir à morte.

Então eu ouvi uma voz. Ela veio flutuando na escuridão; era feita de

escuridão. Palavras fragmentadas esticando-se para mim.

Maresi. Minha filha. Aqui, veja o meu portal. Minha boca.

Dancei no limite enquanto a voz da Velha arranhava os meus ossos.

Esta é a sua Casa, disse a Velha e o terror se tornou tão grande que eu finalmente encontrei a minha voz.

– Eu não quero! – gritei.

Assim que gritei, a música foi interrompida, o luar empalideceu e a porta desapareceu. A claridade voltava ao mundo.

– Eu não quero! – gritei repetidamente até a Madre aparecer diante de mim e colocar suas mãos em meu corpo.

Depois disso, eu não me lembro mais. Quando eu acordei vi que a Madre me carregara para fora do labirinto. A luz das tochas tremulava em torno de nós e a lua era novamente uma pequena luz nos céus. O rosto preocupado da Madre flutuava sobre o meu.

Pelo canto dos olhos eu podia ver manchas da escuridão escorregando e, sobre elas, estava a voz da Velha, sussurrando sem palavras.

Eu não participei do banquete de comemoração no pátio da Lua. Fiquei deitada na cama no dormitório tentando esquecer o que eu vira e ouvira. Tentei dormir. Eu devo ter adormecido perto da madrugada, pois fui acordada ao meio-dia pela Irmã O.

– A Madre quer falar com você. Você já se sente forte?

Ela me deu um pedaço de pão para comer e me observou enquanto eu me vestia. Meus movimentos eram lentos. Eu não queria falar com a Madre. Eu não queria responder nenhuma pergunta. Eu não queria pensar no que acontecera. Mas não podia negar um chamado direto da própria Madre. Então eu segui a Irmã O através do pátio central e até a Escada da Lua. Ela nunca parecera tão longa quanto pareceu naquele dia. O sol estava brilhando no céu primaveril azul-brilhante, o som das noviças mais jovens brincando vinha do pátio da Sabedoria e eu podia ver os filhotes de cabra passeando alegremente na encosta da montanha. O cheiro do bafo da Velha ainda persistia em minhas narinas. Sua voz balbuciava em toda sombra. Eu caminhei o mais perto possível da Irmã O. A Velha não poderia me levar se eu não estivesse sozinha.

Embora eu soubesse que se ela quisesse qualquer coisa, conseguiria no final.

A Casa da Lua é um prédio cinza baixo com o pátio da Lua ao seu lado. A casa é feita de pedra, como todas as construções na ilha, e a parede do fundo é formada pela própria montanha. A porta é feita inteiramente de metal. A superfície deve ter sido limpa no passado, mas ela acumulou amassados e arranhões desde então, o que parece o resultado de muitas batidas. O cheiro é azedo. Só passei por essa porta em uma ocasião, quando cheguei e fui trazida para a Madre pela primeira vez.

A Madre estava sentada à sua grande mesa, esperando por mim. O vento forte nas encostas da montanha tornava o aposento frio. Havia duas portas no cômodo: uma era para o quarto onde a Madre dormia e outra, mais uma porta de madeira simples com elementos em ferro e uma maçaneta pesada. A primeira estava entreaberta e eu podia ver que levava a um pequeno quarto quase vazio.

Havia uma cama estreita de aparência confortável, uma escrivaninha com uma luminária e uma pequena janela.

O rosto da Madre estava calmo e sem expressão, mas eu achei que podia ver um toque de preocupação em seus olhos brilhantes. Eu tentei não encará-la. Não queria que ela adivinhasse a verdade em meus olhos. A Irmã O estava de pé ao meu lado, suas costas completamente eretas e seus lábios apertados. Eu jamais vira suas costas tão retas antes.

– Maresi, o que aconteceu na noite passada? – A voz da Madre era autoritária. Ela esperava uma resposta.

Olhei para o chão. Eu não podia mentir para a Madre. Pude apenas ficar quieta.

– Foi a Lua, não foi? – A voz da Madre suavizou. – Ela pode ser assustadora. Eu compreendo. A primeira vez que ela falou comigo eu também tive medo. Medo da responsabilidade. Eu compreendi que ela havia me escolhido para ser sua serviçal. Como Madre da Abadia, eu estou mais perto de Havva. Mas antes de eu ser escolhida como Madre da Abadia, eu fui chamada pela Lua. Talvez você estivesse pensando em um caminho diferente, Maresi, mas se foi escolhida pela Lua, você não pode recusar. Você tem que se tornar minha noviça.

Olhei para cima. A Madre não vira a porta, não ouvira a Velha. Eu não sabia o que dizer. Era uma grande honra ser convidada para a Casa da Lua, mas não estava certo. Sim, a Lua olhara para mim, mas foi a Velha que falou comigo. Ou seriam elas uma única só? Passei os olhos pela Irmã O, mas não ousei responder.

Os olhos da Madre me fizeram falar.

– A Deusa… ela tem três aspectos, não tem? A Donzela, a Mãe e a Velha. – A Madre mexeu a cabeça, encorajando-me, então eu ousei fazer a minha pergunta. – E a Lua, ela é um deles?

A Irmã O suspirou.

– Veja, Maresi, eu expliquei isso antes… – A Madre levantou uma mão, interrompendo-a.

– Não, Maresi. A Lua é os três. A Lua é o rosto da unidade da Deusa.

– Então eu fui chamada pela Lua – eu disse firmemente. – Disso eu sei.

Não pude ler a expressão da Madre. Era decepção que eu vi em seus olhos?

– Você tem certeza absoluta?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça.

– Você quer me contar o que aconteceu durante a dança?

Neguei com a cabeça. Eu não queria falar sobre isso nunca. Eu nem queria pensar nisso.

A Madre fez um gesto, dispensando-nos. A Irmã O me seguiu de perto e eu pude sentir seu olhar afiado em minhas costas. A Madre aceitara a minha resposta, mas eu sei que ela não iria sossegar a Irmã O.

Quando descemos para o pátio central, virei meu rosto para o sol. O sol, gerador da vida. Eu queria que sua luz e calor dissipassem os restos de escuridão dentro de mim, mas também não queria olhar nos olhos da Irmã O. Ela estava de pé ao meu lado com os braços cruzados e, finalmente, não tive alternativas além de olhar para ela.

– Maresi. Se você contar para mim o que aconteceu, talvez eu possa ajudá-la. – Ela esticou a mão e deu um toque estranho em meu lenço de cabeça. – Você sempre pode vir a mim com suas perguntas. Se há algo em que você está pensando ou que gostaria de saber…

Balancei a minha cabeça de novo e selei meus lábios com força. Ela olhou para mim por muito tempo e suspirou.

– Está bem. Mas eu estou aqui se um dia houver algo sobre o que você queira conversar.

Eu a observei enquanto subia os degraus para o pátio do Templo. A Irmã O jamais me pedira mais perguntas antes.

***

Os próximos dias foram difíceis. Eu me isolei das outras meninas porque eu não queria nem podia responder suas perguntas. Fiquei no sol o máximo que pude. Toda escuridão me assustava. Sempre que as sombras se juntavam, eu pensava que podia sentir a porta para o outro reino. O reino da Velha. Sombras pareciam estar por todo lugar. O sol não parecia tão brilhante quanto antes. Tudo estava mais escuro. Em cada rajada de vento, em cada sussurro do oceano, eu esperava ouvir a voz da Velha.

Parecia que minha incerteza e fraqueza tornaram Jai mais forte. Ela tornou-se assertiva e começou a falar com as outras noviças, não somente comigo e Ennike. Talvez ela tenha se tornado forte porque eu estava fraca; para ter a força para me dar apoio por um tempo. Ela nunca me fazia perguntas, mas estava lá para mim sempre que a escuridão avançava. Isso acontecia com frequência pelas manhãs, quando o sol estava baixo e as sombras entre as casas eram profundas e afiadas como a ponta de uma faca. Quando eu menos esperava, a voz da Velha insinuava-se em minha direção, sussurrando e sibilando até eu tremer de medo. Jai estava sempre ao meu lado, e ela me levava de volta à luz do sol e conversava

comigo suave e docemente, como eu fizera com ela quando viera a nós. Sua voz levava a voz da Velha embora. Por um tempo.

Eu nunca me senti segura do chamado da Velha, mas à noite era pior. Era então que a escuridão apertava o meu peito e eu ouvia a última respiração engasgada de Anner repetidamente. O reino da Morte parecia tão próximo e as minhas próprias batidas do coração pareciam tão irregulares e fracas. Como eu poderia resistir à vontade da Velha? Como eu podia me manter longe da porta?

Sempre que a ansiedade se tornava demais, sem uma palavra ou mesmo um som, uma mão vinha através da escuridão e tocava a minha. Jai. Ela não segurava a minha mão, mas deixava que eu agarrasse a dela, se eu quisesse. Eu segurava sua mão com força, meu polegar contra o seu pulso e seu pulso constante misturado ao meu para me prender a este mundo.

Com a mão de Jai na minha, eu podia dormir finalmente.

Após alguns dias de sol forte, minhas lembranças da escuridão começaram a se apagar e eu pude respirar de novo. Eu parei de ouvir a Velha em todo o lugar. Eu brincava e ria como sempre, participava das aulas e tarefas e ia à câmara do tesouro de noite para ler. O único lugar onde eu me sentia desconfortável era à porta da cripta. Eu podia sentir o poder da Velha emanando dela e sempre passava correndo o mais rápido que podia. Agora eu estava mais do que feliz de ter a companhia de Jai. Eu tinha medo de andar pela Casa da Sabedoria sozinha.

Um dia após as aulas, Ennike, Jai e eu estávamos sentadas junto ao poço no pátio central quando a serviçal da Rosa passou. Ela parou e sorriu para nós. Eu sempre me sinto tímida perto dela. A serviçal da Rosa é a única irmã que não usa um véu em sua cabeça e seus cabelos marrom-acobreados caem em suas costas em cachos grossos e brilhantes. Seus olhos grandes são escuros e cheios de calor, e sua pele clara já estava coberta de sardas por causa do sol da primavera. Ela é a mulher mais bonita que já vi.

Quem quer que aja como serviçal da Rosa desiste de seu próprio nome, então não sei qual era o seu nome antes de se tornar a Rosa. É outro nome para a Donzela, a parte da Primeira Madre cuja sabedoria tem a ver com o início da vida e os poderes sagrados do corpo feminino. Em muitas comunidades, a Donzela é apenas uma representação da inocência, mas na Abadia a entendemos melhor. Todos os mistérios mais profundos da feminilidade pertencem à Donzela. Ela é a semente e o broto. A Mãe, Havva, é a vida e a fertilidade e a Velha é morte e destruição. A Rosa veio até nós.

– Não tenho noviça, como sabem. Vocês três poderiam me ajudar com algo? Eu tenho que polir os itens sagrados do Templo antes dos ritos de verão e alguma ajuda seria muito bem-vinda.

– É claro. – Ennike levantou-se imediatamente. Ela não parecia ser tímida perto da Rosa como eu era. Eu e Jai seguimos Ennike e a Rosa, subindo a Escada do Anoitecer até o Templo da Rosa.

A porta do Templo da Rosa é a mais bonita em toda a ilha. É uma porta

dupla, com três vezes a altura de uma mulher, com um desenho de rosa encrustado em mármore vermelho. Paramos em frente à porta e eu corri os dedos por sua superfície lisa. Não havia uma única ranhura que podia ser sentida.

– Ninguém mais faz artesanato como este – disse a Rosa.

– Queria que houvesse uma irmã que soubesse essa arte e que ela pudesse passar seu conhecimento para mim e só para mim – eu disse, passando a mão na superfície lisa novamente. A Rosa sorriu.

– A Irmã O me falou sobre você, Maresi. Ela com certeza estava certa.

Senti-me ficando totalmente vermelha e tirei minha mão rapidamente. Eu não tinha certeza sobre o quê ela quisera dizer com aquilo, mas não era negativo.

A Rosa destravou as portas e entramos na sombra fresca do Templo.

Desde que posso me lembrar, eu só estivera lá para agradecimento e louvor. Agora o Templo estava vazio e silencioso. As duas grandes janelas cor-de-rosa nas paredes longas do leste e do oeste jogavam sua luz vermelha-rosada nos desenhos bonitos sobre o chão. No meio do salão, há uma fileira dupla de colunas finas esticando-se até as sombras do teto. O Templo é completamente vazio, não há bancos ou cadeiras, nem mesas ou ornamentos. A única decoração, além das janelas cor-de-rosa, é o chão de mármore que é como um carpete tecido de branco e vermelho, cheio de vinhas ocultas, flores, folhas e redemoinhos. O desenho que eles formam quase se assemelha a palavras escritas e, quando eu olho para ele por bastante tempo, sinto que a qualquer momento posso decifrar o código e entender o que ele significa. Mas ainda não decifrei.

No fundo do salão, do lado esquerdo, há a plataforma onde a Rosa fica para liderar cerimônias. A Rosa andou sobre ela, subiu os largos degraus de mármore e gesticulou para que nós a seguíssemos. Nossos passos ecoaram no salão vazio e quase tive a impressão que estávamos invadindo algum lugar em que não tínhamos direito nenhum de estar. Quando dei o primeiro passo nas escadas, senti uma mão invisível me segurando. Eu parei e Jai fez o mesmo ao meu lado. Ennike não tinha ideia e continuou subindo os degraus. A Rosa se virou e olhou para nós. Seus olhos pairaram sobre Ennike. Então, ela ergueu a mão.

– Eu convido estas filhas da Primeira Madre a pisar no solo sagrado da Rosa – disse, com a mesma voz formal que ela usava nas grandes cerimônias, como os ritos de Sangue e o desabrochar da Rosa. A mão invisível nos soltou e eu e Jai pudemos continuar a subir as escadas.

A Rosa abriu as portas talhadas de pau-rosa no fundo da plataforma. Seguimo-la em uma sala transbordando de objetos.

A única luz vinha de uma solitária janela estreita, virada para o norte, mas a

luz era refletida em centenas de objetos brilhantes e quase me ofuscou. Havia candelabros de bronze e prata tão altos quanto eu. Havia mesas empilhadas com pratos, tigelas e caixas de todo tamanho e formato imagináveis, todas feitas de prata e ouro. Quase tudo tinha o emblema de uma rosa de cinco pétalas. Havia baús velhos e grandes feitos de madeira escurecida com encaixes e trancas manchadas que pareciam não ser movidos há muitas décadas. Armários cobriam as paredes, alguns simples e outros ricamente decorados com relevos e entalhes. Algumas portas dos armários estavam entreabertas, revelando prateleiras cheias de ainda mais coisas: joias, caixas, tigelas e pilhas de objetos que eu não pude discernir.

A Rosa movia-se sem esforço dentre todos aqueles móveis e objetos sem tocar nem ir de encontro a nada. Eu e Jai ficamos à porta, mas a Ennike entrou, deslumbrada, enquanto a Rosa pegava trapos e potes de vidro de um pequeno baú no canto mais distante.

– Não temos que polir tudo, não se preocupem – ela disse com uma risadinha. – Apenas as coisas que precisamos para os ritos de verão, como os ritos de Sangue. Precisamos de incensários, pentes, três vasilhas cerimoniais, três candelabros de prata… Eu vou pegar tudo para vocês.

Enquanto ela falava, as sombras na sala começaram a se juntar e a se reunir à minha volta. A escuridão estava fechando-se, vibrando com potência. Eu me segurei e levantei as mãos para afastar a Velha, afastar a morte. Eu não estava pronta! Eu quis gritar, mas nenhum som saiu.

A Rosa enrijeceu-se e se virou. Ela olhou para Ennike e derrubou um pote de cera no chão. O barulho do metal contra o mármore espalhou as sombras e a Velha desapareceu. Minhas pernas estremeceram e eu me sentei sobre o baú mais próximo. Jai foi a única a notar que algo estava errado e ela veio e ficou ao meu lado. Ela não me tocou, mas sua proximidade era calmante.

Ennike estava de pé ao lado de uma das mesas com um olhar de culpa em seu rosto. Ela estava segurando dois grandes pentes de cobre verde embaciado e todos os objetos que a Rosa mencionara – incensários, vasilhas, candelabros – estavam sobre a mesa diante dela.

– Eu só queria ajudar – disse ela, pedindo desculpas. – Perdoe-me, Irmã, eu não sabia que estava errada.

– Como você sabia onde tudo estava? – A Rosa veio examinar os objetos sobre a mesa. Ela pegou uma das vasilhas e passou os dedos em torno delas como se conferisse se eram reais.

Ennike olhou ao seu redor, confusa.

– Eu… eu simplesmente sabia. Quando você falou os objetos, de alguma maneira vi onde eles estavam. Minhas mãos os encontraram sozinhas.

Um sorriso reluzente espalhou-se pelo rosto da Rosa e eu vi lágrimas cintilarem em seus olhos.

– Finalmente! Eu sabia que a Donzela me mostraria, mas eu não sabia como! – Ela balançou a cabeça e seus cabelos brilharam à luz do sol. – A Primeira Madre tem, de fato, senso de humor.

Todas olhamos para ela, confusas, e ela riu de nosso atordoamento.

– A Donzela é a Rosa, minha senhora. O primeiro aspecto da Primeira Madre. Porém, ela escolheu me mostrar a minha noviça por meio de uma tarefa que, de fato, pertence ao segundo aspecto, a Madre Havva. Eu pensei que o terceiro aspecto também teria que estar presente em uma escolha como essa.

– Noviça! – disse Ennike, atônita. – Eu?

– Você. – A Rosa sorriu calorosamente ao se aproximar e tomou gentilmente os pentes dela. Ela segurou suas mãos. – Você será a noviça da Rosa. Você pode sentir isso? – A Rosa soltou as mãos da Ennike e imediatamente tornou-se séria. – Onde está o sino que tocamos durante os ritos de Sangue?

Sem hesitação, Ennike apontou para uma pequena caixa em cima de um dos armários mais baixos.

– Quando a Donzela está em seu ponto máximo?

– Na primavera, no despertar da Estrela da Primavera. – Eu poderia ter dado a mesma resposta; é o que a Irmã O nos ensinou. Mas então a Ennike me surpreendeu. – Ela também está mais forte no Solstício de Inverno, quando a Mãe dorme. Ela está mais forte quando uma criança nasce, quando a terra é arada e quando uma menina tem seu primeiro sangue da lua.

A Rosa assentiu.

– Quantos segredos a Donzela tem?

– Nove.

– Sussurre para mim seu nome secreto.

Ennike se inclinou para frente com uma expressão de deslumbramento em seu rosto e sussurrou algo no ouvido da Rosa. Ela sorriu e segurou as mãos de Ennike novamente.

– Você ainda duvida?

Ennike balançou a cabeça e engoliu em seco.

– Mas a serviçal da Rosa tem que ser bonita. – Sua voz era muito fraca. – Sempre foi assim. Eu sou… eu sou coberta de cicatrizes.

– A Donzela também já sentiu dor e medo, Ennike, minha filha – a Rosa

disse suavemente. – Isso não a torna nem um pouco menos bonita.

Quando a luz da janela ao norte iluminou seus rostos tão próximos um do outro, eu vi que, de fato, elas eram muito parecidas, mulher e menina. O mesmo cabelo grosso, encaracolado, os mesmos olhos. Mas, mais do que isso: seus rostos tinham a mesma expressão.

– Você é bonita, Ennike – eu disse. – E vai ficar ainda mais bonita antes da primeira geada chegar.

Não sei por que eu disse isso. A Rosa me deu um olhar severo. Depois, ela sorriu suavemente, mas com tristeza em seus olhos.

– Então, você está aqui afinal, Velha.

Foi no dia depois que a Rosa escolhera Ennike como sua noviça, no início da manhã, quando a luz ainda é fina e sombras persistem em torno das montanhas e das casas, que fomos acordadas pelo som do sino de Sangue. Saímos da cama atordoadas. Eu impeli todas as noviças mais jovens para fora com suas camisolas e cabelos descobertos. Nós nos reunimos no pátio central com irmãs de semblante sério vestindo camisolas e correndo pelo pátio da Escada do Anoitecer para a Escada do Alvorecer. Elas agarravam as noviças pelas suas mãos e ombros e arrastavam-nos com elas, empurrando, puxando, atropelando. Corremos descalças sobre as pedras frias em direção às escadas. O sino de Sangue tocava incessantemente entre as casas e eu me perguntei quem o estava tocando.

Enquanto subíamos mais, um forte vento matinal bateu do mar, levantando nossas camisolas, embaraçando nossos cabelos. O céu estava azul-claro e sem nuvens. Ouvi um grito, vi um braço levantado, um dedo apontando. Virei-me para olhar para o mar.

Um navio se aproximava dos Dentes. Suas velas brancas ondulavam-se ao vento e a proa pontuda arava a água, fazendo-a bater ruidosamente contra as laterais da embarcação.

O sino de Sangue silenciou-se.

Eu já sabia. Eu sabia quem era e me virei para procurar por Jai na multidão de figuras vestidas de branco subindo atrapalhadamente as escadas. Eu tinha que encontrá-la antes que ela visse o navio. Eu vi seu cabelo loiro enquanto ela vinha correndo com Joem e Dori.

– Jai! – chamei. – Jai!

Não sei se ela me ouviu, porque naquele momento Joem viu o navio e apontou. Enquanto Jai olhava, ela parou onde estava.

– Estamos perdidas. – Sua voz era fraca, mas eu ouvi todas as palavras. – Estamos todas perdidas!

Ela começou a oscilar.

– Ela está caindo! Peguem-na!

A Irmã O conseguiu pegar Jai em seus braços fortes no momento em que ela caiu. Sem parar, ela segurou a garota e continuou subindo as escadas com passos largos como o de um veado. Por um momento foi o caos, ninguém sabia o que fazer, todas olhavam fixamente para o mar com murmúrios assustados.

– Corram! – A Madre falou. Todas nós olhamos para cima e a vimos de pé lá no degrau mais alto, sem o véu como todas as outras, seu cabelo branco longo como uma cachoeira prateada em seus ombros. – Não temos muito tempo.

Todas se moveram imediatamente, subindo as escadas apressadamente, para a Casa da Fornalha onde a Irmã Ers segurava as portas abertas. Corri ao mesmo tempo que a Madre.

– Acho que tenho tudo – ouvi a Irmã Ers dizer em voz baixa para a Madre enquanto passávamos. – Alguns são velhos, eu nunca poderia imaginar…

A Madre deu um tapa rápido em seu ombro e continuou pelo salão.

Eu vi a Joem passar correndo por todas e cair de joelhos perto da Fornalha, onde ela acendeu rapidamente as brasas. Posicionamo-nos em torno da mesa, alternando irmãs e noviças. Alguém foi escancarar todas as janelas. Fiquei onde eu pudesse ficar de olho nos Dentes e logo vi o navio emergir de trás do rochedo mais distante. Eu não podia desviar os olhos da água branca espumante. O sol estava começando a subir do outro lado das montanhas, e, enquanto o mundo se iluminava com seus primeiros raios, eu vi algo brilhando no navio.

Armas expostas à vista.

Eu jamais estivera na Casa da Fornalha com as irmãs antes. A Irmã Mareane estava de pé ao meu lado, mas depois ela se moveu para abrir espaço quando a Irmã O trouxe Jai para o meu lado e saiu correndo. Jai iria se recompor, mas ainda estava tão pálida que eu temia que ela desmaiasse de novo. Ela não estava tremendo. Estava completamente parada, como um camundongo cara a cara com um gato faminto, esperando que o gato perdesse interesse e o deixasse em paz.

As Irmãs Ers, Joem e Cissil correram carregando um prato de bronze. Depositaram no prato folhas verde-escuras, amêndoas e pétalas de rosa adocicadas.

– Peguem e comam – elas disseram enquanto abriam caminho entre mesas e ombros. – Uma de cada. Peguem. Comam. Apressem-se.

Eu estiquei a mão para pegar um pouco para mim, mas Jai não moveu um músculo sequer, então peguei um pouco para ela também. Eu a ajudei a colocar uma amêndoa na boca e comi uma. Ela tinha gosto de terra e sal. A pétala de rosa adocicada era azeda e doce ao mesmo tempo.

A Madre passou, calma e imponente, seus cabelos voando na brisa das janelas abertas. Ela carregava um cálice dourado em suas mãos.

– Comam, minhas filhas. Depois, quando tiverem comido, bebam – disse a Madre. – Em seguida, quando tiverem bebido, arrumem os cabelos. Trancem, entrelacem e prendam. Não deixem um único fio escapar.

Enfiei uma das estranhas folhas entre os lábios passivos de Jai, e então coloquei uma em minha própria boca e mastiguei. O gosto amargo me encheu, da boca ao seio, do útero à sola do pé. Ela tinha gosto de pesar e luar.

Uma corrente de ar veio se arrastando pelo chão e esfriou meus tornozelos. Parei de mastigar.

A respiração da Velha. Seu reino estava próximo novamente. Um silêncio caiu ao meu redor; os únicos sons eram do vento e do mastigar silencioso das mulheres. Era aquela a voz da Velha que eu podia ouvir sussurrando nas velas do navio que se aproximava? Ela estava dizendo o meu nome? Eu não conseguia engolir a folha. Eu não podia me mover. Se eu me movesse, ela me encontraria.

A Madre veio até nós e segurou o cálice em frente à minha boca. O vinho tinto levou a folha e o medo. O vinho grosso era doce como mel e salgado como sangue.

Todas à minha volta estavam com as mãos nos cabelos, torcendo, trançando e prendendo-os com dedos ágeis e habilidosos. A Irmã Loeni e a Irmã Nummel correram entre os bancos e mesas para entregar elásticos para amarrá-los. Eu não queria ficar parada, trançando. Agora que o vinho dispersara minha paralisia, tudo o que eu queria fazer era correr. Fugir do navio, da Velha, subir as montanhas correndo e me esconder. Minhas mãos tremiam quando comecei a trançar.

O movimento dos meus dedos através dos meus cabelos me acalmou. Eu não trançava meu próprio cabelo desde que morava em casa, mas minhas mãos se lembravam como fazê-lo. Eles torciam e levantavam e apertavam e torciam novamente. Uma calma fluiu através de meu corpo e eu fiquei tranquila e forte.

O vento vindo através das janelas começou a acalmar.

Eu e a Irmã Mareane ajudamos a prender o cabelo da Jai. Enquanto as tranças eram formadas, eu podia senti-la relaxando, mesmo que só um pouco. Era uma calma que não havia como resistir.

Jai foi a última a ter o cabelo preso. Quando terminamos, o vento morreu completamente. Todas se levantaram e olharam para a janela e eu forcei os olhos para enxergar melhor.

O mar estava calmo e brilhante como um espelho. A superfície estava

completamente calma, sem a menor marola. O sol subira sobre o horizonte, mas ainda estava atrás das montanhas. Os prédios da Abadia espalhavam sombras longas e precisas. O navio estava entre os Dentes e o cais com velas afrouxadas e sem a água que espumava na proa. Meu coração deu um pequeno salto de felicidade em meu peito. Todas as irmãs e noviças estavam prendendo a respiração.

Então, houve movimentos no navio. Eu podia só vislumbrar homens de cabelos claros e roupas pretas. As armas brilhantes haviam desaparecido. Instrumentos longos saíram deslizando de buracos nas laterais do navio.

Remos.

– Para o Templo da Rosa – gritou a Madre com uma voz aguda. – Rápido.

Deixamos a Casa da Fornalha correndo sem dizer uma palavra. Tranças batiam em rostos macios, pés descalços retumbavam sobre a pedra lisa. Corremos. Eu segurei com força a mão da Jai. Descendo a Escada do Alvorecer, através do pátio central e subindo a Escada do Anoitecer. Podíamos ver o navio o tempo todo. Chegando cada vez mais perto. Ele se aproximava mais lentamente do que antes, mas estava se aproximando.

A Rosa abriu as portas do Templo e entramos correndo. O vidro colorido não deixava passar muito da luz esparsa da manhã para dentro do Templo e estava quase completamente escuro lá dentro. Eu vi duas figuras vestidas de branco subindo rapidamente as escadas para a plataforma e desaparecendo atrás das portas duplas de pau-rosa. Ennike e a Rosa.

Paramos na colunata e esperamos.

Não podíamos ver o mar de lá. Não sabíamos aonde o navio fora. Jai ainda estava segurando minha mão com força. Eu estava aterrorizada. Eu pensei no que os homens fariam com Jai – com todas nós. Pensei no muro externo e se ele era alto o suficiente. Por quanto tempo ele podia deter os homens? Minha boca ainda podia sentir o amargor da folha, a doçura da pétala de rosa, o gosto terroso da amêndoa.

A Rosa e Ennike apareceram na plataforma. Era estranho vê-las sem seus cabelos caindo sobre seus ombros. Elas seguravam dois candelabros longos de prata e acenderam duas velas gordas vermelho-sangue. As chamas não iluminaram o Templo, mas elas faziam as sombras dançarem na luz pálida da madrugada. A Rosa e Ennike desapareceram através das portas e surgiram novamente, segurando algo brilhante em suas mãos.

– Soltem os cabelos! – gritou a Rosa com uma voz nova, uma voz que cortava o silêncio como uma faca. Ennike ecoou-a.

– Soltem seus cabelos! – Aquela também não era a voz de Ennike, e perfurava como uma espada.

Agora eu podia ver o que elas estavam segurando. Eram os pentes de cobre que havíamos visto no dia anterior.

Começamos a desfazer todas as tranças: claras e escuras, vermelhas e prateadas.

Uma rajada de vento bateu através das portas abertas.

Na plataforma, a Rosa e sua noviça soltavam seus cabelos com movimentos rápidos e destros. Então elas pegaram seus pentes e os enfiaram profundamente em seus cabelos soltos.

Um vento forte varreu o Templo e fez as janelas cor-de-rosa baterem. A Rosa soltou um uivo triunfante e puxou o pente através de seus cabelos com um longo golpe.

– Acorde, vento! – chamou. – Venha, tempestade!

Ela jogou seu pente pelo salão. Eu vi a Irmã O pegá-lo e enfiá-lo em seu cabelo. Outro vento furioso atingiu violentamente o telhado do Templo.

Eu desfiz minha última trança. Pequenas faíscas saíram de meus cabelos quando finalmente os soltei. Soltei rapidamente as tranças de Jai. Seu cabelo estalava e sibilava. Pentes estavam voando pelo salão e mergulhando em cabelos, fazendo-os chispar e voar. A Rosa e Ennike puxavam seus dedos pelos seus cachos e jogavam suas cabeças com uma risada alta e aguda. Um pente caiu em minha mão e eu o puxei através dos cabelos de Jai e depois dos meus.

O vento uivava e batia furiosamente contra as paredes, o teto e as janelas, até as grandes portas de mármore se abrirem e colidirem contra a parede. O Templo estava cheio de mulheres vestidas de branco batendo os pés, balançando e se contorcendo, e quanto mais rápido batíamos os nossos cabelos, mais o vento uivava. Soltei Jai e fui com esforço em direção à porta. Eu tinha que ver, eu tinha que saber.

Eu mal reconheci o mundo exterior.

O céu estava negro com nuvens de tempestade. Toda a luz desaparecera. O ar estava cheio de folhas, galhos e detritos que se debatiam no vento furioso. Da porta, eu não podia ver a baía da Abadia porque a Casa das Irmãs estava no caminho, então lutei contra o vento e atravessei o pátio do Templo. A tempestade puxava e atravessava meus cabelos e, enquanto fazia isso, ela parecia ficar ainda mais poderosa. Meus cabelos batiam em meu rosto e olhos, cegando-me. As batidas ardiam como fios de uma tira fina de couro.

Levei um tempo para chegar à Escada do Anoitecer e ter uma vista clara do

oceano. Quando eu finalmente o vi, foi como algo que eu jamais vira antes.

Ondas mais altas do que o próprio Templo quebravam na praia. Água e espuma enchiam o ar. Se a Abadia fosse mais baixa junto à praia, teríamos sido destruídas há muito tempo. O píer e o pequeno depósito ao seu lado foram levados pela água. O oceano estava arrebatando tudo em seu caminho.

Não havia sinal do navio.

***

Levou o dia todo para a tempestade cessar. Esperamos o pior passar dentro do Templo, depois nos abrigamos na Casa das Irmãs, onde elas colocaram as noviças mais jovens em suas próprias camas e o resto de nós ficou sentada junto às janelas, observando o oceano remoldar toda a costa.

À medida que a noite se aproximava, o mar finalmente se tornou calmo o bastante para nos arriscar indo lá fora e descendo a Escada do Anoitecer. A Irmã Ers e suas noviças correram para preparar a refeição da noite, enquanto a Irmã Kotke levou o resto das noviças para a Fonte do Corpo. A água quente era extremamente calmante e pudemos ficar no tanque de banho por quanto tempo quiséssemos. Em vez de ir para o banho frio em seguida, nos vestimos com as roupas que a Irmã Nummel nos trouxe da Casa das Noviças. Todas as outras irmãs apressaram-se para ver os estragos feitos pela tempestade e provavelmente para também realizar rituais e cerimônias dos quais eu nada sabia. Ennike não estava conosco. Ela ficara no Templo com a Rosa.

Jai estava sem reação o tempo todo. Ela não falava e só se movia se eu a puxasse ou empurrasse comigo. Eu tive que secar o seu cabelo e ajudá-la a se vestir. Enquanto eu a puxava em direção à Escada do Alvorecer no nosso caminho à Casa da Fornalha para comermos, ela parou no meio do pátio central e olhou na direção do mar. Não podíamos, de fato, ver além do muro de onde estávamos, mas podíamos ouvir o barulho das ondas contra as pedras na praia. O vento ainda estava forte e frio.

– Eles ainda estão aqui – sussurrou. Eu tive que me inclinar para ouvir suas palavras antes que o vento as levasse. – Eu posso sentir. Eles estão lá fora em algum lugar. Ele nunca desistirá, Maresi. Honra e orgulho são tudo o que ele tem. Sem isso, ele não é nada. Ele fará qualquer coisa para me tomar de volta e me punir.

Ela não chorou. Ela não gritou. Mas sua resignação preocupava-me mais do que o seu medo.

– Mas você não vê que a Abadia a protege? – disse suavemente. – Você não foi machucada hoje e nunca será.

Ela se virou e olhou para mim pela primeira vez desde que vimos o navio.

– Ele nunca desistirá. Ele voltará.

Passamos o dia seguinte inteiro limpando os destroços da tempestade. Telhas deslocadas precisavam ser substituídas, os pátios estavam cheios de lixo e uma árvore caíra no caminho da montanha e tinha que ser cerrada e levada embora. Grandes pedaços de rocha haviam caído das encostas da montanha e rasgado uma parte do muro onde a queda para o mar é mais íngreme. A Irmã Nar caminhava resmungando sobre toda a destruição do Jardim da Sabedoria e a testa da Irmã Mareane estava franzida com profundas linhas de preocupação. Até nossos pomares haviam sido atingidos pela tempestade.

Jai, Ennike e eu fomos escolhidas para ajudar as Irmãs Veerk e Luan a limpar a praia. Encontramos alguns destroços do píer e do depósito, o resto fora levado pelo mar. A Irmã Verk tomou notas diligentes sobre tudo que tínhamos que substituir. Logo, nossos braços e costas doíam por carregar toras molhadas pesadas e tábuas para mais além na praia, a salvo das ondas famintas do oceano. Havia ainda um vento forte batendo que fazia nossos cabelos dançarem diante de nossos olhos e se enfiarem no canto de nossas bocas quando falávamos. Olhei para o cabelo claro da Jai, para o cabelo castanho da Luan e para o cabelo preto da Irmã Veerk, todos voando soltos debaixo dos lenços de suas cabeças. Tanto poder oculto.

Eu e Ennike estávamos arrastando uma tora escura, rachada pelo tempo, para fora da água. Olhei para Jai, que estava com água até a cintura no meio do mar gelado ao lado das Irmãs Veerk e Luan, levantando pedras que haviam rolado bloqueando o cais. Ela grunhia e torcia o rosto com o esforço. Quando uma pedra grande requeria um esforço maior, ela gemia alto. Em seguida, ela descansava as mãos sobre a pedra, abaixava a cabeça e respirava, ofegante, por um curto instante antes de cutucar Luan para continuarem com a próxima pedra juntas. A Irmã Veerk disse algo para ela que eu não pude ouvir. Eu vi Jai disparar uma resposta.

Jai não se recolhera em sua concha desta vez. Ela ficara brava.

Subimos juntas a escada estreita para a Abadia. Mostrei a ela alguns pedaços

de madeira cinza trazida pelo mar que eu coletara da praia. Ela fez uma cara feia para eles e virou-se para o outro lado.

– Ninguém está ouvindo – ela disse e começou a subir os degraus batendo os pés. – Todas estão correndo por aí se preocupando com o cais e as *árvores frutíferas*. – disse, disparando as palavras. – E você! – Ela virou-se tão rápido que fui de encontro a ela. Seu cabelo estava debatendo-se no vento e seus olhos estavam pretos. Dei um passo para trás. – Você sabe. Ninguém mais sabe exceto você e a Madre e provavelmente algumas das irmãs. Você sabe o que aconteceu com a Unai. Você sabe o que meu pai quer. Você acha que alguém será poupada quando ele realmente vier? Você acha que ele ficará satisfeito em levar apenas a mim? Ele se vingará de todas que me deram abrigo. Todas. E você fica aí recolhendo madeiras.

Ela girou e subiu os degraus marchando sem olhar para trás. Fiquei onde estava e engoli em seco. O que ela queria de mim? Se ela houvesse pedido que eu fizesse algo, sem dúvidas eu teria feito. Mas eu não sabia como ajudá-la se ela insistisse em me acusar.

***

Não fizemos mais nada além de limpar naquele dia e no próximo. Não houve aulas e comíamos na Casa da Fornalha quando tínhamos tempo entre as tarefas. Jai não falou comigo. Ela me evitava. Ela estava agindo diferente, afiada e pontuda como um espinho e eu não sabia como reagir diante de suas caras feias e bufadas. Ela se assegurou que não tivéssemos as mesmas tarefas e, no segundo dia, eu quase não a vi. De início, meu coração doía por ela. Ela estava assustada e eu entendia isso. Mas por que estava com raiva de mim? Ela não tinha razão nenhuma para me punir!

Passei toda a tarde carregando madeira recém-serrada do caminho da montanha para o barraco de lenha junto à Casa da Fornalha. Quando a noite chegou, minhas mãos estavam tremendo pelo esforço, meus braços doíam e eu mal consegui ir à Casa da Fornalha para comer.

Jai estava sentada em uma das mesas compridas conversando com Cissil e Joem. Eu sei que ela me viu, mas evitou contato visual. Elas estavam sentadas todas juntas, falando baixo e intensamente.

Peguei um copo de água e enchi meu prato com pão, queijo e cebola em conserva. Olhei para Jai e percebi que não sabia onde me sentar. Ela ainda agia como se eu não existisse. Passei lentamente por ela e me sentei a alguma

distância na mesma mesa. Ninguém me olhou ou deixou que eu participasse da conversa. Olhei para a janela na parede oeste e tentei agir como se eu houvesse escolhido me sentar sozinha, mastigando meu pão o mais rápido que pude. Eu não queria que Jai ou Joem vissem que eu estava chateada.

Quando terminei de comer, levantei-me e tentei olhar nos olhos de Jai. Ela virou-se para Joem e disse algo que fez com que ela mexesse a cabeça enfaticamente. Olhei para frente enquanto saí da Casa da Fornalha com meus lábios apertados. Eu estava bem sem Jai antes de ela vir para a Abadia, então ficaria bem sem ela novamente.

Naquela noite, eu tive que ir à câmara do tesouro sozinha, e naquela noite eu quis uma companhia mais do que nunca. A Irmã O não estava em seu aposento quando bati, mas ela me dera permissão de pegar a chave em sua ausência, então eu a peguei e atravessei o pátio do Templo até a Casa da Sabedoria na luz apagada do início de noite. O medo tomou conta de mim assim que abri a porta. Eu queria ter Jai ao meu lado.

Caminhei, tensa, pelo corredor. Eu estava me aproximando da porta da cripta. Era a primeira vez que eu tinha que passar por ela sozinha desde que a Velha falara comigo. Agarrei a chave com força, como algum tipo de proteção, como uma adaga. Quando me aproximei da porta, comecei a correr, rápida e silenciosamente e, embora não tenha ouvido a Velha, eu sabia que ela estava atrás da porta. Esperando pacientemente.

Quando as portas para a câmara do tesouro se fecharam atrás de mim, eu finalmente me senti segura. Eu inalei o cheiro familiar de pó e pergaminhos. Fiquei de pé por um tempo e simplesmente respirei. Era tão diferente estar lá sem Jai. Era como antes de ela vir e, entretanto, não era: eu estava acostumada com a sua companhia agora. Acostumada a discutir quais livros escolheria, a ouvi-la virando páginas e depois falando o que ela lera enquanto trancávamos a porta para a câmara do tesouro e saíamos através da casa escura, ao anoitecer.

Aquela noite eu escolhi as antigas histórias das Primeiras Irmãs. Eu sempre amei ler sobre sua viagem para a ilha, sua luta para construir a Casa da Sabedoria e sua sobrevivência nos primeiros anos com nada além de peixe e frutas selvagens e silvestres como sustento. A vida na ilha foi difícil nos primeiros anos. Ela continuou assim até algumas décadas mais tarde, quando elas descobriram a colônia de caramujos-de-sangue e a prata começou a entrar.

Adoro ler sobre a primeira noviça da ilha e como rumores começaram a se espalhar e a Abadia se tornou um santuário para os vulneráveis e os perseguidos. Eu me deliciava com a história e com o senso confortante de segurança que ela

sempre me dava.

Já era tarde e a luz da janela era cinza e apagada. As enormes estantes de livros pairavam em silêncio pelas paredes, cheias de tesouros. As Primeiras Irmãs planejaram tudo isso. Elas sabiam que preservariam seu conhecimento por gerações de mulheres depois delas. Como deve ter sido quando elas encontraram a ilha e estavam a salvo? No que elas estavam pensando?

Dentre o silêncio prevalente, eu ouvi a porta para a Casa da Sabedoria abrir e fechar. Passos rápidos aproximaram-se pelo longo corredor e as portas da biblioteca foram abertas.

– Aqui está você. A Irmã O disse que eu a encontraria aqui. – A Irmã Loeni estava de pé à porta com as mãos na cintura. – Eu sei que é tarde e que você trabalhou duro, mas a Irmã Ers acabou de descobrir que uma árvore caída fez um buraco no telhado do depósito. Temos que consertá-lo imediatamente, mesmo que seja temporário; senão o depósito de alimentos será arruinado se chover. Você foi chamada para ajudar.

– Estou tão cansada – eu disse em voz baixa. Era verdade. Enquanto eu colocava os livros de volta a seus lugares sob os olhos atentos da Irmã Loeni, meus braços tremiam tanto que tive que me esforçar com os volumes mais pesados. Ela fez um som de desaprovação e balançou a cabeça.

– Se eu fosse responsável pela biblioteca, eu nunca deixaria você andando por aí fazendo o que quer. A Irmã O lhe dá liberdade demais, ela dá. Ela não devia dar-lhe tratamento preferencial.

Ela não demonstra tratamento preferencial, pensei, mas em voz alta eu disse simplesmente:

– Não há mais ninguém que possa ajudar?

Eu saí e tranquei a porta sem querer soltá-la e dei a chave para a Irmã Loeni, que estava esperando com sua mão esticada.

– Há muitas de nós já trabalhando nisso, Maresi. Todas as outras estão ocupadas com outras coisas. Agora, não perca tempo. Não vai demorar muito e depois você pode ir para cama. Chega de leituras por hoje.

Mas *levou* muito tempo para tirar a árvore e consertar o telhado. Minha cabeça doía de fatiga, mas meu corpo tremia de preocupação. Algo me impediu de ir para a Casa das Noviças e para cama. Senti que precisava ver o horizonte e ser capaz de respirar a solidão. Quando as irmãs não estavam olhando, eu escapei para dentro das sombras, cruzei o portão do bode e saí caminhando pela encosta da montanha.

Conheço a montanha da Abadia tão bem quanto conheço a Casa da

Sabedoria, mas desta vez tudo foi diferente. Pedras haviam rolado pela encosta e havia árvores caídas e troncos por toda parte. Eu não podia ver a trilha na luz fraca do anoitecer e logo me perdi. Subitamente, encontrei-me longe, ao norte, olhando para o Templo da Rosa lá embaixo. Sentei-me numa rocha e apertei meu agasalho em torno de meus ombros. As primeiras estrelas da noite estavam brilhando no ocidente. O mar cintilava prateado debaixo da crescente da lua nova, acariciado pelo vento frio da noite. A Abadia pairava na escuridão abaixo de mim. Todas estavam dormindo. A única luz vinha da Casa da Lua e da janela da Irmã O. Lá embaixo, a ilha de Menos resmungava e suspirava, preparando-se para dormir. Até os pássaros noturnos haviam se acomodado para descansar. A calma, a beleza e a lua crescente acalmaram os meus sentidos, mas minha ansiedade recusava-se a sumir completamente. Pensei sobre Jai, que fora minha amiga desde seu primeiro dia, mas que agora se afastara. Eu não podia entender o porquê.

Depois de um tempo, meus dedos do pé ficaram duros com o frio e eu percebi que era hora de voltar. Levantei-me e comecei a caminhar de modo incerto na direção em que eu pensei que a trilha estava. A encosta estava escorregadia com folhas caídas e terra. Tropecei diversas vezes e não tinha total certeza de onde estava. Alguns arbustos que eu não me lembrava de ter visto antes apareceram diante de mim.

De repente, pisei em algo macio. O chão debaixo de mim cedeu e um buraco apareceu sob os meus pés. Jogando-me a tempo para frente, consegui não cair no buraco, mas fiquei pendurada lá com minha barriga no chão e as pernas balançando penduradas. A tempestade deve ter descoberto uma caverna subterrânea.

Ouvi um ruído à minha volta. Sob o luar fraco, vi centenas de borboletas iridescentes voando para fora dos arbustos. Suas asas pareciam estranhamente grandes e elas brilhavam em prata e cinza na luz suave. As borboletas pareciam infinitas, enquanto mais e mais e mais delas voavam dos arbustos para dentro da noite. Estava hipnotizada pela beleza e fiquei lá, extasiada. Era como uma mensagem de boa noite da própria ilha.

Quando a última borboleta voou, eu ouvi a voz.

Maresi, sussurrou. *Minha filha.*

Ela vinha do buraco debaixo de mim. Ela estava lá na escuridão. Aguardando. Eu podia sentir suas mãos frias em meus pés. Ela estava tentando me segurar. Eu chutei e gritei o mais alto que pude para afogar o som de sua voz.

– Você não pode me possuir! – gritei. – Eu não sou sua!

Arrastei-me para cima e para longe do alcance gelado da Velha. Os arbustos ao meu redor ainda se mexiam ruidosamente. De início, pensei serem mais borboletas, mas desta vez formas magérrimas vieram se contorcendo pela grama e em torno de meus pés. Cobras. Dezenas, centenas de cobras se torciam, sibilando dos arbustos. Elas desapareceram em buracos, debaixo de pedras, entre raízes entrelaçadas de ciprestes. Fiquei completamente imóvel. Cobras são raramente vistas na ilha e aqui havia mais cobras do que eu já vira antes em toda a minha vida. Elas me fizeram pensar na maçaneta da porta da Velha e o medo me tomou com mais força. Eu queria fugir da caverna e da Velha, mas não podia me mover por medo das cobras. Apenas quando a última cobra desapareceu, ousei dar um único passo. Depois um segundo passo. Eu bati minhas sandálias o mais forte que pude a cada passo para afastar as cobras.

Para afastar a própria Velha, se eu pudesse.

Levei uma eternidade para voltar à trilha. Quando finalmente a encontrei na escuridão, corri para o portão do bode. Eu o deixara entreaberto e agora o fechava após entrar.

Eu o fechei, eu sei que fechei. Ainda posso ouvir o clique de quando o fechei, empurrando-o atrás de mim. Mas eu não lembro se o tranquei.

Eu estava tão cansada e com tanto medo da Velha. Eu queria ir para a minha cama, para a segurança debaixo do meu próprio cobertor. Minhas pernas estavam tremendo e meus braços doíam depois do trabalho do dia. E normalmente sempre tranco o portão, mas por mais que eu pense nisso, não consigo me lembrar se o fiz naquela noite.

Arrastei-me para a cama. Por um instante, fiquei deitada lá ouvindo as outras meninas dormindo. Eu sabia que se esticasse a mão para Jai, ela não a seguraria. Finalmente, eu estava tão exausta que o sono me dominou e me envolveu como um túmulo. Eu dormi tão profundamente e sem sonhos que levei muito tempo para nadar de volta à superfície quando um barulho ritmado quebrou o meu sono.

Faltava muito tempo para o amanhecer. O som que me acordou viera da janela. Uma batida aguda, rítmica.

Na cama ao lado da minha, Jai estava sentada reta, suas mãos mexendo e agarrando a beira de seu cobertor. Ela estava olhando fixamente para a janela.

Havia um bater de asas e um ruído do lado de fora. Algo grande ressoava contra o vidro. Então, a batida recomeçou, desta vez ainda mais inconsistente.

Pássaro soltou um assobio. Dorje pulou da cama, correu para a janela e a abriu antes que eu pudesse impedi-la.

Uma quelea-de-bico-vermelho voou para dentro, o símbolo da Abadia. Ele circulou pelo dormitório e soltou um único guincho perfurante. Cabeças sonolentas e grunhidos de protesto emergiram das camas ao meu redor. Jai não tirava os olhos da ave.

– Os pássaros… – disse em voz baixa. – Os pássaros trazem um alerta.

Ennike acordara. Ela estava ouvindo, mas não disse nada.

O Pássaro de Dorje matracava, indignado.

– É época de acasalamento – disse Dorje. – As queleas estão acasalando do outro lado da montanha. – Entreolhamo-nos.

– Há enseadas protegidas no leste – disse eu lentamente.

– Eles vieram – sussurrou Jai.

– Eles não conhecem as montanhas. Levaria muito tempo para que chegassem aqui. E está escuro. – Dorje chamou a quelea-de-bico-vermelho com um assobio e ele veio a ela imediatamente. Ela passou a mão em suas penas enquanto Pássaro olhava com ciúmes, depois ela espantou cuidadosamente a quelea para fora e fechou a janela. Eu me sentei e balancei minhas pernas à beira da cama.

Assim que meus pés tocaram o chão, eu pude senti-la. A Velha estava muito próxima. A porta para seu reino ainda estava fechada, mas o bafo pungente da Velha veio flutuando através da noite.

– Eles estão próximos. Talvez já tenham passado da montanha.

Entreolhamo-nos. Jai, Dorje, Ennike e eu. Pensamos muito em um desespero silencioso, tentando saber o que devíamos fazer.

Jai jogou seu cobertor para o lado.

– Vou acordar a Irmã Nummel.

– Vou correr para a Madre – disse Dorje e ambas se foram como um raio. Ennike correu pelo quarto e chacoalhou as noviças que ainda dormiam, acordando-as.

Eu me sentei. O navio e os homens não me preocupavam. Não era deles que eu tinha medo. Era a ideia da voz da Velha que me congelava. Eu não podia me mover. Meu coração batia loucamente. Meus braços sentiam o peso do corpo de Anner novamente. Eu tentara protegê-la e lhe dar minha comida, mas ela já era uma criança fraca quando nasceu. Doente. Eu nunca conseguia fazê-la comer. Eu não conseguia abaixar sua febre. Ela não pode resistir ao canto de sereia da Velha. Ela me deixou de mãos vazias.

Eu ainda estava sentada lá quando a Irmã Nummel entrou no quarto.

– Como você pode ter certeza? – ela disse para Jai, que entrou após ela. – Um

único pássaro não é um sinal. – Ela olhou para os rostos aterrorizados das noviças semiadormecidas.

– Sinceramente, Maresi. – A Irmã Nummel olhou feio para mim. – Elas a escutam, esse não é um poder de que você devia abusar. Pense nas noviças mais novas. Elas vão ficar morrendo de medo.

As noviças mais jovens. Elas tinham que sair da cama. Pensar nelas injetou vida em meus membros paralisados. Eu vesti rapidamente meu agasalho, coloquei meu pé esquerdo em uma sandália e passei entre as camas, pulando em uma perna para pegar a outra sandália. A Irmã Nummel protestou, mas eu não ouvi o que ela disse. Jai olhou para mim e mexeu rapidamente a cabeça. Ela arrancou o cobertor da noviça mais próxima dela.

– Levantem, imediatamente. Vistam-se. Roupas quentes sobre suas camisolas. Agora.

Eu passei correndo pela cama de Ennike e entrei no dormitório das noviças mais jovens. Fiquei à porta e olhei para suas cabeças adormecidas sobre os lençóis brancos. Pescoços finos e bocas entreabertas. Heo, Ismo, Leitha, Cirna e Paena. As palavras de Jai ecoavam em minha cabeça. *Ele se vingará de todos que me deram abrigo. Todos.* Eu podia sentir a Velha. Ela estava nos puxando para a sua porta.

– De pé, meninas – sussurrei para não assustá-las. – Vocês têm que levantar imediatamente. Vistam-se.

Elas estavam todas tão acostumadas a fazer o que eu dizia que se sentaram e esticaram os braços para serem vestidas. O sono em seus olhos e bocas as impediam de fazer perguntas. Eu as levei para o outro dormitório, onde a Irmã Nummel estava brava, com os braços cruzados sobre seu peito. As noviças mais velhas estavam de pé amontoadas e assustadas olhando para mim e para a Irmã Nummel sem saber em quem acreditar. Quando Ismi as viu, ela caiu em prantos e Heo colocou um bracinho magro em volta de seus ombros.

– Não chore, Ismi. Maresi está aqui. Ela vai nos proteger. – A voz de Heo era calma e cheia de confiança.

Eu quase as traíra. Meu medo nos custou um tempo precioso.

Jai veio correndo e eu deixei as noviças mais novas por um momento para segui-la até o pátio. Ouvi a Irmã Nummel vindo atrás de nós. A crescente fina da lua nova estava baixa no céu. Que a Deusa nos ajude, seu poder está em seu ponto mais fraco agora, pensei. Pouco era visível na luz esparsa. O pátio central estava vazio. A noite pairava densa sobre a ilha. A Irmã Nummel estava de pé atrás de mim e respirou fundo, se preparando para nos dar uma bronca.

Ouvimos um grito na Casa da Fornalha. Todas puderam reconhecer a voz da

Cissil. Em seguida, um barulho metálico. A batida de uma porta. Outro grito. Silêncio.

– O portão dos bodes – sussurrou a Irmã Nummel. – Eles entraram pelo portão dos bodes.

– Casa da Fornalha. – Eu mal podia pronunciar as palavras. É lá que Cissil, Joem e a Irmã Ers dormiam.

Duas figuras vieram descendo correndo a Escada da Lua, seguidas por uma forma escura que batia asas. Madre, Dorje e Pássaro.

– Para o pátio do Templo – disse a Madre num só fôlego. – Eles nos cercaram. Eu os vi do pátio da Lua. Alguns estão esperando junto ao portão principal caso tentemos fugir. Mas eles não podem ter entrado por lá. Eles devem ter entrado pelo portão dos bodes.

Eu e Jai estávamos de volta à Casa das Noviças antes que ela terminasse a frase.

– Saiam. Os homens estão aqui. Para o pátio do Templo neste instante.

Peguei Leitha, a menor de todas, segurei a mão de Heo e corri. Jai veio depois de mim, levando Ismi e Paene pela mão e eu vi Ennike puxando Cirna consigo. Eu podia ouvir o som de pés correndo atrás de mim enquanto todas as noviças nos seguiam. A Irmã Nummel estava esperando por nós do lado de fora, contando-nos enquanto passávamos correndo.

A Escada do Anoitecer nunca pareceu tão longa. Leitha agarrava meu pescoço com tanta força que quase me sufoquei. Eu tive que ir mais devagar para que Heo pudesse acompanhar. Eu mal podia ver onde colocar meus pés na escuridão e tropecei muitas vezes, batendo minhas pernas e dando topada com os dedos.

Finalmente, chegamos ao topo. A Madre e todas as irmãs estavam reunidas no pátio do Templo.

– Não posso permitir isso – ouvi a Madre sussurrar para a Rosa quando parei ao lado delas. – Nunca.

– Eles vão fazê-lo de qualquer forma – disse a Rosa. Ela parecia muito rígida e pálida. – Você sabe disso. Desta forma pelo menos podemos proteger as outras. – Seus olhos passaram por mim e pelas outras noviças atrás de mim e de volta ao rosto da Madre. – As pequenas.

– Eostre – disse a Madre, sua voz mais baixa que um sussurro.

– Não sou mais Eostre. Sou a serviçal da Rosa, sou a encarnação da Donzela. Este é o meu domínio.

– Temos que bloquear as escadas – disse a Irmã O bruscamente. – Agora.

Eles já estão no pátio central, vocês não podem ouvi-los? Eles estão vasculhando a Casa das Noviças e a Fonte do Corpo.

– Isso é impossível – disse a Irmã Loeni. – Nunca conseguiremos escapar a tempo.

– Temos que tentar. – A Madre se virou para mim. – Maresi, lembre-se do que pedi a você. Leve as crianças para a Casa da Sabedoria. Leve-as para a cripta. É o lugar mais seguro na ilha. Só podemos esperar que eles não percebam logo que é uma porta. Faça uma barricada do lado de dentro se você puder. E leve Jai. Que a Deusa esteja com você. – A Madre olhou seriamente para as outras noviças mais velhas. – Vocês querem ir com Maresi e Jai?

Puxei Leitha para o meu quadril.

– Vamos! Apressem-se! – Eu podia ouvir gritos agressivos e risadas vulgares vindo do pátio central e comecei a ir em direção à Casa da Sabedoria.

Ennike balançou a cabeça.

– Eu não. Se ninguém da idade da Jai ficar aqui eles vão suspeitar. Eles vão procurar por você. Mas se algumas de nós ficarem aqui talvez possamos enganá-los.

– Eu também vou ficar – disse Dorje. Toulan mexeu a cabeça sem dizer nada.

Eu não podia esperar mais. Quando abri as portas da Casa da Sabedoria, levando as pequenas, olhei para trás. As irmãs estavam no pátio do Templo de frente para a escada, formando uma parede em frente às noviças. A Madre estava à frente com os braços levantados.

Nenhuma das noviças veio conosco.

Eu e Jai trancamos a porta e nos apressamos na Casa da Sabedoria, com as pequenas em nossos braços e segurando nossas mãos. Paramos à porta da cripta. O único jeito de distinguir a porta do resto do corredor é pela escrita, que era difícil de distinguir na luz fraca.

– Como você abre isso? – sussurrou Jai.

– Eu nunca entrei – respondi em voz baixa. Ficar tão perto do reino da Velha estava me deixando tonta. – Mas a Irmã O disse que tudo o que você tem que fazer é saber que é uma porta.

Coloquei minha mão sobre a escrita e pressionei. Sem um som, uma grande seção de pedra deslizou para dentro e revelou uma escada levando para a escuridão total. Uma corrente de ar gélida fez as menininhas tremerem. Exceto por isso, elas estavam calmas. Talvez não entendessem direito o que estava acontecendo. Elas não choravam ou reclamavam. Mas eu podia sentir a respiração da Velha e engoli em seco.

– Vamos descer lá? – perguntou Heo.

– Sim, mas precisamos de luz – respondi. – Caso contrário, podemos cair e nos machucarmos. Jai, leve as meninas para dentro enquanto eu pego lamparinas. Se você ouvir qualquer coisa, feche a porta imediatamente.

Jai acompanhou as meninas através da porta e desci o corredor correndo até a sala de aula onde guardamos as lamparinas e acendedores para nossas lições noturnas ocasionais. Quando, com as mãos trêmulas, peguei duas lâmpadas a óleo, ouvi do pátio um som que eu não escutava há anos.

O som da voz de um homem.

Eu tinha que saber o que estava acontecendo. Coloquei as lamparinas sobre a mesa silenciosamente e me esgueirei até a janela.

Os homens haviam subido a Escada do Anoitecer. Eu não podia ver seus rostos direito na luz da fina lua crescente. Eles eram uma massa densa na escuridão na frente da Madre, que estava de pé com os braços levantados e seus cabelos brancos soltos caindo sobre as costas. As irmãs estavam atrás dela, e atrás

delas estavam as noviças tremendo com suas camisolas como pétalas em flores de macieira. Os homens eram uma massa ondulada de violência incontida, pronta para, a qualquer momento, rasgar as pétalas e jogá-las ao mar, fazê-las colidir contra os rochedos, furá-las com suas armas afiadas que reluziam sob o luar. Eu vi barbas loiras desgrenhadas, cabeças raspadas, mãos tatuadas com símbolos peculiares.

A Madre não tinha defesa alguma contra o ataque, apenas suas mãos esticadas.

– Homens são proibidos nesta ilha. – Sua voz era tão clara e afiada que ela cortava o barulho do aço e vozes raivosas, através das vidraças separando-me do pátio. – Homens são proibidos nesta Abadia. – Sua voz não hesitava. Ela era clara como o badalar do sino de Sangue. – Partam imediatamente. Voltem para o seu navio. Naveguem para longe e vocês viverão tanto quanto suas linhas da vida reservam para vocês.

Eu podia ver o perfil da Madre. Ela parecia resoluta e autoritária. Sua voz fez os homens hesitarem. Ela fez com que parassem de pegar suas adagas e de seguirem em frente. Eles se lembraram da calmaria tétrica antes da tempestade repentina. Eles se afastaram.

Então um homem abriu caminho entre os outros. Ele tinha cabelo curto e uma barba bem aparada. Eu não conseguia ver a cor de suas roupas, mas a gola de sua veste era ricamente bordada e a adaga tinha um cabo decorado. Eu soube quem ele era imediatamente.

O pai da Jai.

– Onde ela está? Onde está a vagabundinha?

Quando ficou cara a cara com a Madre e toda sua força e sobriedade, ele hesitou, mas não se afastou. Ele apertou o cabo de sua adaga.

– Dê-me o que é meu, mulher, e eu vou deixá-las inteiras e em paz.

Mas seu olhar contava uma história diferente.

– Você está errado – disse a Madre calmamente, suas mãos ainda levantadas. Eles não estremeceram. – Não há nada seu aqui. E você e seus homens é que não sairão inteiros.

O pai da Jai levantou a mão e interrompeu a Madre e seus homens engoliram em seco de medo, mas nada aconteceu.

– Parem de chorar como cachorros – vociferou. Ele inclinou-se em direção à Madre. – Onde está ela? Onde está minha… – e cuspindo a palavra –… filha?

– Ela é minha filha agora – respondeu a Madre calmamente. – Vão embora.

– Quieta! – gritou o pai de Jai e virou-se para seus homens. – Vasculhem os

prédios. Okret, leve um grupo. Vinjan, leve alguns homens consigo. Vocês sabem o que estão procurando.

Os homens sacaram suas adagas. Alguns vieram e cercaram as irmãs e noviças. Um deles, que parecia ser o líder, ficou bem perto da Irmã O e da Rosa. Ele vestia uma jaqueta que brilhava como seda ao luar e tinha uma barba com duas pontas, tão loira que era quase branca. Uma adaga serrada tão longa quanto seu antebraço estava pendurada em seu cinto. Ele tinha muitas tatuagens em suas mãos e testa. Olhava fixamente para a Rosa e passava sua língua de um lado para o outro sobre seus dentes atrás dos lábios cerrados. A Rosa foi virada de frente para o oceano, olhando para o horizonte com olhos cegos.

Os outros foram liderados por dois homens com roupas parecidas com as do pai de Jai, um velho e um jovem. Eles logo voltaram.

– As casas estão vazias, Irmão – disse o homem mais velho, ficando ao lado do pai de Jai. – Não há ninguém lá.

– Mas aquela casa está trancada, Tio – disse o homem mais jovem, apontando para a Casa da Sabedoria. Ele vestia uma jaqueta preta como o pai de Jai. Ele não olhou para seu tio, ao contrário, ele olhou para as mulheres de branco, depois para o chão e correu os dedos nervosamente sobre sua adaga em seu cinto.

– Então vão e peguem algo para derrubar a porta! – rugiu o pai de Jai. – Agora!

Eu saltei do parapeito da janela e peguei as lamparinas e acendedores.

Chutei minhas sandálias e corri silenciosamente pelo corredor e de volta para a cripta. Eu podia ouvir o som das vozes dos homens do lado de fora da porta, mais abafadas do que antes. Eu não conseguia discernir as palavras. Eles logo encontrariam algo para derrubar a porta. Logo.

Quando me juntei às outras, Jai já ouvira as vozes dos homens e não perdeu tempo fechando a porta quando entrei. Ela fechou sem nenhum som. Só então eu tive coragem de acender as lamparinas. Rostos pálidos encontraram-me na luz fraca. As chamas flamejantes iluminaram as paredes de pedra cinza e a escada em caracol. Elas não ousavam falar; descemos uma a uma em silêncio. Eu não tive alternativa além de engolir o meu medo e ir primeiro. As escadas levavam para uma sala longa, estreita, com o teto baixo, paredes de pedra natural e alcovas dos dois lados. A sala era fria e sem decorações, mas não estava abandonada. O chão estava varrido e um pequeno altar foi colocado no meio da sala com oferendas para a Velha: uma maçã do último outono, algumas belas pedras da lua e uma pele de cobra.

Eu e Jai seguramos nossas lamparinas e demos alguns passos inseguros dentro

da sala. A luz iluminava as alcovas. As reentrâncias continham os restos de todas as irmãs que haviam morado e morrido em Menos. As sombras da Velha estavam se escondendo entre os ossos e as órbitas dos olhos escuras nos crânios. Eu jamais sentira sua presença com tanta intensidade antes, nem mesmo durante a Dança da Lua. Eu não podia ver a porta para o seu reino, mas eu sabia que estava lá, sempre esperando, aguardando. As menininhas se mantinham perto de mim e de Jai, silenciosas e sérias. A sala era muito longa e o fundo estava na escuridão.

– Não vejo nada para fazer uma barricada atrás da porta – disse Jai, levantando a lamparina. Eu engoli em seco e balancei a minha cabeça.

– Temos apenas que torcer para não encontrarem a porta.

Quando chegamos ao fundo do aposento, vimos que não era uma sala, mas uma caverna natural, parte de todo um sistema de cavernas que as irmãs haviam cavado e moldado em uma cripta para os mortos. O lado pequeno da caverna estava bloqueado com uma grande porta de madeira, apodrecida com o tempo. Ao seu lado, havia sete alcovas que eram um pouco maiores do que as outras, cada uma com flores frescas. Os nomes dos mortos estavam escritos em placas de bronze. *Kabira. Clarás. Garai. Estegi. Orseola. Sulani. Daera.* Depois de cada nome havia uma marca decorada. Talvez um "I". Eu não pensei nisso na época, mas tenho pensado desde então.

Falei para as mais novas se sentarem e Jai e eu colocamos nossas lamparinas no chão. As meninas se arrumaram em um pequeno círculo perfeito como se estivessem fazendo um piquenique nas encostas da Dama Branca. Quando eu me sentei, Heo veio imediatamente para o meu colo.

– Os homens virão para cá? – perguntou Ismi.

– Não seja boba – respondeu Heo com confiança. – Maresi está aqui. Eles não ousariam. E se eles tentarem – ela deu um grande bocejo –, você não se lembra das mulheres da Lua? Elas provavelmente vão vir e vão rolar rochedos sobre eles de novo.

Logo, todas adormeceram encostadas umas nas outras, com as cabeças em seus joelhos e os braços em torno das cinturas.

Jai não conseguia ficar parada. Ela andava o comprimento da cripta até desaparecer na escuridão, virava-se e andava de volta repetidas vezes. Seus olhos estavam tempestuosos e seus punhos firmemente cerrados.

Ela me viu lhe observando e veio até a mim.

– É minha culpa que a Abadia está sendo destruída. Todas vocês irão morrer e sou quem trouxe a morte para cá. Eu nunca deveria ter vindo. – Ela esticou

uma mão para mim. – Dê-me a chave para a porta principal. Eu vou sair agora e me render. Talvez eles poupem alguém mais. – Ela deu um sorriso insuportavelmente desolado. – Se ainda há alguém lá fora para ser poupado.

– Você não vai. – Mexi cuidadosamente a cabeça de Heo e ela suspirou levemente em seu sono. – Nem agora, nem nunca. A Madre está cuidando de nós. Você tem que ter fé que ela não deixará nada acontecer.

Eu nem sabia se acreditava no que estava dizendo. Eu queria acreditar. A Madre já expulsara os homens uma vez.

Mas desta vez ela não tivera sucesso. Os homens haviam entrado na ilha. Eles estavam na Abadia com suas armas brilhantes.

Jai ficou de pé diante de mim com sua mão ainda esticada e as mandíbulas firmemente cerradas.

– Dê-me a chave! Eu não quero seu sangue em minhas mãos!

– Psiu. Você acordará as pequenas. Os homens não podem entrar aqui. Você não se lembra da história? Estamos protegidas na Casa da Sabedoria.

Naquele mesmo instante houve um estrondo terrível. Ele veio da casa acima de nós e o som ecoava por toda montanha.

Os olhos de Jai encontraram os meus.

– A porta principal!

– Você não pode ir a lugar nenhum agora senão os homens vão descobrir nosso esconderijo e encontrarão as pequenas. Ficaremos aqui até a Madre vir e nos pegar.

Eu soei mais firme do que eu me sentia. O frio da porta, a respiração da Velha. Ela estava aguardando. Ela estava ávida por sua oferenda. Eu nem sabia se restava alguém para vir e nos resgatar.

Alguém que não estivesse carregando armas brilhantes.

Fui acordada por um som indistinto. Eu estava sentada com minhas costas contra a parede de pedra fria e Heo sobre minhas pernas. Não conseguia acreditar que eu, de fato, dormira. Parecia uma traição com todas as outras lá fora. Eu tinha certeza que nenhuma deles estava dormindo. Se ainda estivessem vivas.

Eu me inclinei para frente cuidadosamente para aumentar as lâmpadas de óleo, e percebi que uma delas não estava lá. Jai também tinha sumido.

Levantei com cuidado a cabeça de Heo de meu joelho. Ela acordou de todo jeito e fez um barulhinho sonolento como um gatinho.

– O que foi, Maresi?

– Shh, não acorde as outras. Vou ver onde Jai foi.

– Ela provavelmente está explorando as cavernas – disse Heo com uma voz abafada. Ela se enrolou com sua cabeça nos pés de Ismi. – Eu a vi olhando.

De início, eu não entendi o que ela quis dizer, mas então notei que algumas das tábuas podres da porta no fim da cripta foram quebradas.

Olhei ao meu redor. Eu não podia levar a lamparina comigo, porque as meninas ficariam com medo do escuro. Um pedaço das tábuas secas e quebradiças estava no chão.

Eu coloquei cuidadosamente um pouco de óleo da lamparina na tábua e a segurei na chama. Ela pegou fogo imediatamente.

– Heo, eu voltarei logo – falei. Ela deu uma resposta resmungando. Abaixei-me no buraco que Jai fizera e entrei na escuridão.

A caverna era ainda mais estreita aqui, mais parecida com uma passagem longa com o chão irregular que subia levemente. Segurei a tábua a uma altura suficiente que não me ofuscasse, embora, na realidade, tenha feito isso mais por uma sensação de segurança do que para iluminar meu caminho. Eu corria a mão livre pela parede. Eu não podia deixar as pequenas sozinhas por muito tempo. Mas não podia deixar Jai se render ao seu pai.

Pensei no que a Irmã O dissera sobre a responsabilidade das pessoas por suas

próprias vidas e as coisas más que elas fazem umas para as outras. Apertei meu passo.

A chama tremulou e morreu. Parei, imóvel. A escuridão me apertava de todos os lados. Uma escuridão tão densa quanto aquela que eu sabia estar do outro lado da porta da Velha.

Ou quase tão densa. Joguei a tábua e comecei a correr em direção à luz, tateando meu caminho com as mãos nas paredes da passagem.

Finalmente, encontrei-a parada, olhando para cima com sua lamparina levantada.

– Lá, veja – ela disse quando a alcancei, sem fôlego. Apontou para cima. – O céu noturno. Há uma saída.

– Você não pode, Jai – respondi ao recuperar meu fôlego. – É uma de nós agora. Já não pertence a ele.

– É por isso que tenho que fazer isso – disse e se virou para mim. Estava incrivelmente calma. – Porque eu sou uma de vocês. Porque você é tão querida para mim quanto Unai. – A lamparina iluminava seu rosto por baixo e seus olhos pareciam poços absolutamente pretos. – Você tem que me ajudar a subir.

– Nunca.

Entreolhamo-nos. Ela não iria ceder, eu podia ver isso. Mas, sem minha ajuda, ela não alcançaria o buraco no teto. Eu olhei para cima e vi que o céu estava pálido com a primeira hora do alvorecer. Algumas teias de aranha estavam balançando na brisa marítima leve.

– Eu sei onde isso fica – eu disse lentamente. – É na encosta da montanha logo acima do Templo da Rosa. Encontrei o buraco ontem.

Eu tinha que pensar em um jeito de impedir que Jai se entregasse ao seu pai. Ela tomara sua decisão e nada que eu dissesse faria com que mudasse. Se eu não ajudasse a sair por aqui, ela voltaria e sairia pela porta principal.

A Velha estava murmurando na escuridão em volta de nós. Suas palavras tinham gosto de morte. Acima de minha cabeça havia luz, o céu e a brisa marítima fresca – um caminho para escapar da porta da Velha.

– Eu poderia subir e ver o que está acontecendo. – Olhei para Jai e esperei que ela não protestasse. – Mas, neste caso, você terá que ficar com as pequenas. Mantê-las seguras e calmas. Elas são suas irmãs agora, Jai. Eu voltarei logo e lhe contarei o que vi.

Jai ficou quieta por muito tempo. O brilho da lamparina distorcia seus traços e eu não podia decifrar o que ela estava pensando. Finalmente, ela fez um rápido gesto de consentimento, abaixou a lamparina e entrelaçou os dedos. Coloquei meu pé em suas mãos e, com braços fortes devido aos meses de trabalho árduo na Abadia, ela me levantou. Segurei uma raiz de árvore e encontrei um lugar para por o pé em uma reentrância na parede escarpada de pedra. Subi um pouco e me grudei com força entre a escuridão e a luz. Eu não conseguia encontrar nenhum lugar para me segurar, então tive que tatear com minha mão até encontrar algo que eu esperava aguentar o meu peso. Puxei-me mais para cima e encontrei apoio em uma raiz de árvore. Eu não estava longe da superfície agora. A parede pedregosa não era inteiramente vertical e eu encontrei apoio para meus dedos, joelhos e dedos do pé e subi desajeitadamente. Quando alcancei as raízes, usei suas extremidades para me puxar mais e sair na madrugada. Assim que emergi, virei-me para enfiar minha cabeça no buraco.

– Eu estarei de volta quando sol estiver um palmo acima do horizonte – sussurrei. – Não faça nada bobo enquanto isso, Jai.

Ela não respondeu. Eu não podia ver seu rosto lá embaixo, apenas uma figura de branco ao lado do brilho fraco da lamparina. Então, ouvi sua voz subir para fora do buraco, grossa e rouca.

– Cuidado, Maresi. Minha irmã.

A primeira coisa que notei foi a ausência de sons. Nenhuma porta abrindo e fechando, nenhuma manivela de poço rangendo, nenhum grito alegre de meninas brincando. A Abadia nunca estivera tão silenciosa e parada. Eu podia ouvir o choro ansioso do barraco dos bodes onde eles esperavam pela ordenha matinal. O som só intensificava o silêncio cortante.

Um silêncio muito parecido com aquele que emanava da porta da Velha.

Era madrugada, mas o sol ainda não subira e a Abadia ainda pairava em meia-luz. De meu lugar na encosta da montanha, eu podia ver as formas familiares dos prédios da Abadia lá embaixo. Mais próximo de mim estava o Templo da Rosa, com sua lateral mais longa contra a face íngreme da montanha. Eu não podia ver o pátio do Templo atrás dele, mas eu podia ver a Casa da Sabedoria e o Jardim da Sabedoria do lado direito. O jardim fora profanado. Plantas haviam sido arrancadas pelas raízes ou pisadas na terra. A brisa marítima carregava o cheiro de plantas morrendo: apimentado, amargo e doce.

À minha esquerda, o pátio central estava nas sombras, e um pouco além estava o pátio da Fornalha nas encostas subindo para a Dama Branca. A porta da Casa da Fornalha estava aberta.

Os homens não podiam ser vistos em nenhum lugar. Isso me amedrontou ainda mais do que quando eu podia de fato vê-los com suas adagas brilhantes e mãos tatuadas.

Desci me arrastando pela encosta da montanha. De início, havia arbustos e ciprestes para se esconder, mas mais para baixo havia apenas grama e folhas grossas. Avancei o mais silenciosamente possível. Há uma trilha estreita entre o Templo da Rosa e a Casa da Sabedoria que não leva a lugar algum, mas acaba no muro externo que fica próximo, atrás das casas. O muro não é alto ali – ninguém imaginou que intrusos poderiam vencer a montanha e atacar do nordeste –, mas mesmo assim era alto demais para que eu pudesse subi-lo. O Pássaro de Dorje estava empoleirado em cima dele.

As penas azuis de seu rabo pareciam pretas na luz pálida da madrugada. Ele

flutuava nervosamente e olhava para baixo, para o pátio do Templo. Eu parei logo embaixo dele.

– Pássaro – eu disse e mesmo hoje eu ainda não sei por que fiz isso. – Pássaro, onde está Dorje?

Pássaro se virou e olhou para mim. Seus olhos escuros estavam brilhando.

Então ele grasnou brevemente e voou até a minha cabeça. Suas garras afiadas arranharam meu couro cabeludo e embaraçaram meus cabelos. Eu tentei levantá-lo, mas então outro par de garras me segurou pelo antebraço. Meus cabelos haviam caído para frente, então eu não podia ver que tipo de pássaro era. Enquanto tentava me soltar com cuidado, outro pássaro aterrissou em meu ombro, depois no outro ombro, depois em minhas mãos. Eu estava presa por diversos pares de garras que, embora afiadas, não me machucaram. Eu perdi a conta de quantos pássaros havia e fiquei completamente parada debaixo do peso de todos eles até, de repente, o peso desaparecer. Eu estava voando. Como um raio, os pássaros me levantaram e me abaixaram novamente, depois saíram voando em silêncio. Naquela altura eu não podia nem ter certeza se houve qualquer pássaro. Tudo o que eu sabia era que, quando Pássaro pulou da minha cabeça para minha mão direita e eu tirei o cabelo de meu rosto com minha mão esquerda, me encontrava do outro lado do muro externo. De lá eu pude seguir pelo caminho entre a Casa da Sabedoria e o Templo da Rosa para o pátio do Templo. Eu vi sombras se movendo. Então, eu pude ouvir vozes – vozes ríspidas e sombrias que não pertenciam a este lugar.

Eu corri para a Casa da Sabedoria e me espremi contra sua parede. Pássaro voou da minha mão e eu espiei com cuidado do outro lado.

Pássaro estava sentado no parapeito de uma das janelas cor-de-rosa. Ele batia no vidro com seu bico longo e grasnava desesperadamente. Uma pedra veio voando do pátio. Ela passou a um milímetro de Pássaro e fez um buraco no vidro avermelhado. Risadas masculinas vieram do pátio. Pássaro levantou-se em uma nuvem de grasnados e bateu penas vermelhas e azuis, mas pousou de novo imediatamente, embora soubesse que havia um risco de tentarem acertá-lo novamente.

Dorje tinha que estar no Templo.

As sombras dos homens moviam-se de um lado para o outro no pátio. Quando outra pedra acertou a vidraça bem ao lado de Pássaro, ele desistiu e voou para a beirada do telhado. Eu ouvi risada e vozes ríspidas. Um dos homens apareceu e ficou com as costas viradas para mim. Pude ver sua cabeça raspada e suas coxas grossas como toras. Eu o reconheci pela adaga que reluzia em seu

cinto: longa e serrada. Era aquele que parecia mais velho do que os outros da tripulação. Aquele que ficara próximo à Rosa. Uma mão tatuada pegou uma pedra grande. Vários dedos estavam faltando. O homem olhou para o telhado onde Pássaro estava empoleirado fora do alcance.

– Não a encontramos ainda, então o que faz você achar que vamos encontrar? – disse uma voz e o homem se virou para olhar para quem falava. – Sarjan tem ouvido histórias falsas. Ela não está aqui. Devíamos ir embora. Aquela tempestade não foi natural, não importa o que Sarjan diga.

O homem sem dedos encolheu os ombros.

– Então faremos o que viemos realmente fazer. Depois podemos ir embora e procurar em outro lugar.

– Navegar para casa, você quer dizer – disse um terceiro homem. – Eu ouvi aquele Vinjan afeminado dizer que há pilhas de prata na casa lá em cima. – Ele apontou para o pátio da Lua. – É lá que podemos pegar nosso pagamento.

– E de lá de dentro. – O homem sem dedo apontou para o Templo da Rosa e os homens caíram na gargalhada.

Eu tinha que encontrar um modo de ver o que estava acontecendo dentro do Templo.

Logo atrás de mim havia um muro baixo que protegia o Jardim da Sabedoria. Ele segue em noventa graus com o muro externo que protege a Abadia. Eu subi e me equilibrei sobre o muro baixo, ficando de frente para o mais alto. Não era difícil subir no muro por lá. Ele é largo e é fácil de andar sobre ele. Não há nenhum lugar onde se esconder, mas me arrisquei e corri pelo muro, passando o caminho estreito onde os homens podiam me ver com facilidade do pátio do Templo, se eles por acaso olhassem na minha direção naquele momento. Eu não ouvi nada, então assumi que eles não me viram. Quando cheguei à parte traseira do Templo, meus olhos ficaram na mesma altura que a janela alta que é enterrada em um nicho profundo na parede. Eu consegui saltar no nicho. O vidro é colorido, então havia uma chance de que eu pudesse ver melhor do que poderia ser vista através dele.

Coloquei as mãos em torno de meus olhos e espiei.

Quando meus olhos finalmente se acostumaram com a escuridão, consegui ver o saguão inteiro do Templo. Noviças e irmãs estavam amontoadas entre as colunas, quietas e imóveis. Elas estavam de frente para porta com as costas para mim. Tentei contar para conferir se todas estavam lá. Pensei em Cissil, na Irmã Ers e em Joem, que estavam sozinhas na Casa da Fornalha quando os homens chegaram. Era difícil ver na luz fraca e toda vez que eu contava, chegava a um

número diferente. Mas quando uma noviça se moveu junto a uma das colunas, a luz vermelha da janela iluminou o cabelo cor de cobre. Era Cissil. Ela estava viva.

Depois de um instante, eu pude ver os homens com mais clareza. Dois junto à porta e três sobre a plataforma, jogando dados.

Dados. No Templo da Rosa.

Eu sabia que os homens haviam maculado a ilha por simplesmente pisar na praia, mas isso me afetava mais do que qualquer outra coisa. Homens no Templo da Rosa. A Deusa não conseguira segurá-los.

As portas do Templo se abriram. Um homem com cabelos curtos e claros e uma barba bem aparada entrou com violência. O pai de Jai. Ele foi seguido pelos homens para quem eu o vira dando ordens, aqueles que o chamavam de tio e pai. Todos tinham adagas curvas de prata brilhando em seus cintos. A do pai de Jai era claramente a mais valiosa, com joias vermelhas no cabo. Eles marcharam, passando pelo grupo de mulheres, e subiram na plataforma.

– Onde ela está? – disparou o pai de Jai. Seu sussurro era mais ameaçador que seu grito. – Eu quero falar com a líder!

Houve uma movimentação entre o grupo de mulheres. A Madre passou à frente indo até os degraus. O pai de Jai apontou para ela.

– Pela última vez. Onde está minha filha?

A Madre olhou-o nos olhos, mas não respondeu. Ele xingou, desceu os degraus e bateu com força na boca da Madre, jogando a cabeça dela para trás. Ela não fez mais do que dar um passo para trás. Os três homens que estavam sentados jogando dados se levantaram de imediato, esperando algo acontecer, mas nada aconteceu.

– Isso, está vendo? – Ele virou-se para os jogadores de dado. – Vocês têm medo delas, mas elas não têm poderes mágicos. Foi uma tempestade como qualquer outra que o navio já passou, nada a ver com elas. Elas são mulheres fracas comuns como as de onde moramos.

Lentamente, como se estivesse dando uma aula para noviças, ele tirou sua adaga e apertou a ponta no peito da Madre. Ele cutucou gentilmente, como se testasse para ver quanta força seria necessária para perfurar a carne da idosa.

– Vasculhamos todos os prédios várias vezes, Tio Sarjan – disse seu sobrinho, fazendo um gesto para fora. Ele tinha um bigode loiro fino. – Ela não está aqui. Deve ter saído quando chegamos, talvez assim que a tempestade acalmou. – Ele quase parecia estar implorando.

– Cale a boca, Vinjan – ralhou o pai de Jai. – Ela está aqui. Eu sei disso. Havia alguém dentro da biblioteca trancada. Eu quero saber aonde ela foi. – Ele

se virou e apontou para o sobrinho com a ponta de sua adaga. – É tanto seu interesse quanto meu encontrá-la, você não vê? Com essa vergonha para o nosso nome ninguém nunca irá querer lhe dar a filha para casar. Você não vai encontrar nenhum trabalho e vai se tornar motivo de chacota de todos os homens honrados.

Vinjan aceitou, mas eu vi uma expressão de desespero cobrir o seu rosto.

Sarjan virou-se de novo para a Madre.

– Não vamos deixar sua ilha até encontrá-la. Eu posso esperar. Mas… – Ele apontou com sua adaga para os três jogadores de dados –… não acho que minha tripulação possa.

Quando a Madre ainda não disse nada, ele a agarrou pelos ombros.

– A culpa é sua, então. Eu realmente tentei ser um homem honrado e protegê-las dessas bestas. Eles são mercenários, entende. Pequenos criminosos, marinheiros sem trabalho, fugitivos da lei. Eles querem sua recompensa pelo trabalho. Eles já estão cansados de esperar.

Sarjan deu um passo para trás e gesticulou para seus homens.

– Vão em frente. Façam o que quiser. Mas esperem até nós estarmos lá fora. Eu não quero ouvir. – Ele fez um sinal para seu irmão e sobrinho descerem os degraus com ele. Vinjan andou muito rápido com sua cabeça baixa.

A porta se fechou, mas os homens ainda não se moveram. Eles olhavam as irmãs e noviças com suspeita. Eles tocaram em suas armas. Ainda estavam com medo. Marinheiros sabem que calmarias e tempestades como as que eles passaram na ilha não vêm simplesmente do nada.

Mas Cissil estava lá com seu cabelo cobre brilhante e sua pele branca macia. Um homem agarrou sua faca com uma mão e o braço dela com a outra. Ela lutou, mas nada mais aconteceu. O homem abriu um sorriso largo.

– Sirvam-se!

Os outros dois desceram os degraus imediatamente para o grupo de mulheres, escolhendo suas presas. Houve uma discussão à porta sobre que guarda tinha que ficar em seu lugar. Eles ainda não estavam confiantes que as mulheres da Abadia não reagiriam.

Eu vi alguns deles cuspir no chão e tocar as pontas de suas lâminas, como se se protegessem contra encantos maus.

Cissil gritou. Alguém correu para frente e agarrou seu outro braço. Era Joem.

– Não! – gritou ela e eu pude ouvir sua voz muito claramente. – Não, não ela!

Eu sabia que ela revelaria onde Jai estava se escondendo. Eu queria gritar, correr e detê-la. Meu coração estava batendo tão rápido que minha cabeça estava

girando. Joem ficou à frente de Cissil. Eu não podia ver o rosto de Joem, mas ela abriu os braços e escondeu Cissil de vista.

– Leve-me – disse Joem. O homem riu de maneira vulgar.

– Você? Em vez da ruiva? Não seja boba. – Ele tentou empurrar Joem para o lado, mas ela não se mexeu. Ao contrário, ela o chutou com força na parte mais vulnerável de um homem. Ele dobrou-se de dor, mas não por muito tempo. No próximo instante, seu punho cerrado voou através do ar e encontrou o rosto de Joem com um som terrível de golpe. Ela caiu aos seus pés. Ele agarrou Cissil pelos cabelos com uma mão e levantou sua faca com a outra. Mais adagas expostas brilhavam pelo Templo. Essa não era a resistência que os homens temiam. Não havia ventos mágicos ou tempestades inexplicáveis. Essa era a resistência que eles compreendiam, que lhes era até bem-vinda. Eles tinham o odor de sangue em suas narinas.

– Esperem! – gritou uma voz. Ela era suave, mas ainda assim atravessou todo o barulho.

A Rosa correu para a plataforma. Ela tirou sua camisola e ficou lá completamente nua, banhando-se nos primeiros raios vermelho-sangue da manhã que transpassavam as janelas mosaico. Seus cabelos caíram em suas costas com cachos brilhantes, seus seios estavam cheios e sua pele macia reluzia. Ela era tão bela que ninguém no Templo pôde tirar os olhos dela. Eu vi o que os homens não podiam ver: ela não era mais a serviçal da Rosa. Ela era a própria Deusa, aquela que sabe todos os segredos dos corpos das mulheres e todos que a viam estavam sob o encanto de sua beleza radiante.

– Eu sou a sacerdotisa deste Templo. Serviçal da Donzela. Vocês pelo menos sabem o que isso significa? – Ela abriu os braços e seu sorriso tão belamente incitante e poderoso que fazia os olhos doerem. – Vocês não terão que lutar comigo, eu não vou resistir. Nenhum risco de arranhões. Nenhuma lágrima ou luta. E eu sei o que estou fazendo. Eu posso lhes dar mais prazer do que já sonharam. – A voz da Rosa não era mais a dela, era grossa e ressonante e eu reconheci algo dos tons da Velha. A Donzela e a Velha; o começo e o fim. Apontou para o homem que estava segurando Cissil com força. – Você é o primeiro. Siga-me.

Não havia nenhuma chance de ele não obedecê-la. Quando ela se virou e passou pela porta de pau-rosa, o homem seguiu suas nádegas com seus olhos. Ele soltou Cissil e foi na direção dela.

– Borte, guarde a porta. Eu não quero ser perturbado. – Sua voz soava inebriada pela beleza da Deusa. – Você terá a sua vez em seguida. Tenha

paciência. Alguém tem que ficar de olho no povo aqui. Não se pode confiar nelas.

– Ela é a coisa mais linda que eu já vi – disse Borte, cruzando os braços. – Assegure-se que não vai estragá-la para o resto de nós.

A porta fechou depois de ele entrar.

Sons vieram da sala do altar. Sons que eu não queria ouvir.

A Madre levantou os braços.

– A canção da Rosa! Cantem!

Ela começou a cantar. Todas as outras mulheres e meninas se juntaram, cantando em louvor da Donzela e da Rosa e sua sabedoria e beleza e, embora os homens tenham tentado detê-las, não tinham poder nenhum sobre a canção das mulheres.

Agachada no nicho da janela, enterrei meu rosto em minhas mãos. Eu não precisava olhar lá dentro para saber o que estava acontecendo. A canção dizia tudo. A manhã tinha chegado e era hora de voltar para Jai e as menininhas como eu havia prometido. Mas não podia me forçar a deixar o Templo enquanto os homens iam para a sala do altar um após o outro. Ouvi a porta principal do Templo abrir e fechar diversas vezes. Os homens que estavam de guarda no pátio também estavam tendo sua vez. Partir seria como trair a Rosa.

Quando a cantoria parou, já havia passado metade da manhã. Eu me estiquei e coloquei as mãos em volta dos meus olhos para espiar através da janela. O homem que não tinha alguns dedos, aquele que jogara pedras no Pássaro, estava sentado nos degraus de mármore, olhando para sua adaga. A lâmina não estava mais limpa. A beirada estava opaca com algo escuro. O homem sem dedo não polia a lâmina, ele só a estudava, concentrado e satisfeito. Esse era um homem que gostava de ver sangue.

Nenhum som vinha da sala do altar. O Templo estava silencioso de novo. Eu tinha que voltar para Jai. Eu me levantei e me virei para partir, mas um estrondo alto fez com que eu me virasse novamente.

Sarjan estava de pé à porta. Okret e Vinjan estavam atrás dele.

– Minha paciência acabou – disse ele, completamente calmo. – Mulher, venha aqui.

A Madre caminhou até ele. Sarjan entrou no Templo seguido por ainda mais homens da tripulação contratada. Havia cerca de quinze homens no Templo agora.

Eu podia ver a Madre de perfil, a luz da manhã vinda da porta caindo sobre sua figura sólida e seus cabelos acizentados. Sarjam pegou sua adaga e a mostrou. Ela reluzia no sol quando ele a virou e a estudou por um tempo. Quando ele falou, não foi para a Madre, mas para a própria lâmina.

– Vasculhamos cada casa nesta maldita ilha. Nós até descobrimos a outra abadia no vale, mas tudo o que encontramos foram duas velhas assustadas.

Minha filha não estava em lugar nenhum. – Sarjan limpou uma mancha invisível da adaga com sua manga e então a enfiou em seu cinto. Ele cutucou o homem sem dedos, que estava de pé ao lado da Madre, a adaga manchada em sua mão.

– Dê-me sua adaga. – O homem sem dedos hesitou por um momento antes de passar sua arma. – Os homens tiveram uma pequena recompensa, mas eles não vão ficar calmos por muito tempo, como você bem sabe. – Ele se virou para a Madre e levantou a adaga para o queixo dela. – Então estou perguntando pela última vez: onde está a meretriz? Onde está minha filha ingrata que fugiu de casa e trouxe vergonha e desonra para toda a família?

– Você não tem filha nenhuma aqui – respondeu a Madre e levantou o queixo como que para tocar a ponta da faca.

Sarjan balançou a cabeça.

– Veja bem, não era essa a resposta que eu queria ouvir. Mas sei que a resposta está em algum lugar dessa sua boca de bruxa. – Ele agarrou o queixo da Madre e puxou suas mandíbulas, abrindo-as. – Eu só tenho que arrancar daí. – Ele colocou a adaga serrada dentro de sua boca e fez um pequeno movimento.

Um fio fino de sangue correu do canto da boca da Madre, escorrendo para seu queixo. Cobri minha boca com a mão para impedir que eu gritasse. A Madre continuou completamente imóvel.

– Eu só tenho que encontrá-la – disse Sarjan, pensativo. – Onde está a resposta que eu quero? – Ele moveu a adaga novamente e outro fio de sangue correu do outro canto de sua boca. Tirou a lâmina e olhou, contente, para sua beirada ensanguentada antes de soltar o queixo da Madre. – E então?

– A Primeira Madre está mantendo-a escondida e protegida. – As palavras da Madre estavam abafadas e ela teve que engolir em seco diversas vezes, mas sua voz não hesitou. Ela estava lhe dizendo a verdade, mas era uma verdade que ele não podia entender. Ela esticou as mãos para os homens atrás de Sarjan. Eles estavam em um grupo espremido, com rostos sem expressão.

– Ouçam minhas palavras – disse a Madre para eles. – Enquanto vocês ficarem nesta ilha, estão correndo grande perigo. Vocês não se lembram da tempestade? E da calmaria que veio antes dela? Vão agora e viverão. – Sangue e saliva correram por seu queixo enquanto falava.

Sarjan praguejou e lhe deu um tapa na boca. Alguns dos outros homens mexiam os pés de forma ansiosa.

– Estamos aqui há tempo suficiente – resmungou o homem sem dedos. – Queremos nosso pagamento e navegar para casa agora.

Sarjan se virou e jogou seus braços em um gesto desdenhoso.

– Eu não falei que vocês podiam saquear o que quisessem?

– Mas não há praticamente nada que valha pena levar – resmungou o homem sem dedos, irritado. – Com exceção de um pouco de prata e ouro neste templo, tudo o que encontramos foram lençóis e livros e alimentos e alguns animais. Você disse que haveria pilhas de prata!

Sarjan o agarrou pelo ombro.

– Você sabia o trato. Não é minha culpa que não há nada aqui.

Um murmúrio descontente ondeou entre os homens. Eles arrastavam os pés no chão e cerravam seus punhos tatuados. Suas testas se enrugaram enquanto afundavam seus queixos com raiva em direção ao chão. De repente percebi a mesma coisa que Sarjan: ele e sua família, com suas roupas finas e armas caras, eram apenas três, enquanto os homens contratados, com armas simples e cicatrizes de batalhas, eram muito mais numerosos. A Madre estava virando a tripulação contra ele. E havia apenas uma coisa que podia trazê-los de volta.

Ele segurou a adaga com ambas as mãos.

– Você espalhou veneno o suficiente – disse ele, mas, desta vez, seu tom calmo era forçado. Sua testa estava brilhando de suor. Ele levantou a adaga e a apontou direto para o coração da Madre com as mãos tremendo. A Madre levantou o queixo e encontrou o olhar de Sarjan. Era claro que ele estava com medo de matar. Com medo de matar alguém que o olhava diretos nos olhos. Mas ele já havia matado antes.

Atrás da Madre, vi uma porta aparecer diante de meus olhos. A porta prateada alta e estreita da Velha.

Eu gritei, mas ninguém me ouviu porque no mesmo instante veio o som de outra voz. Uma figura de branco estava à porta do Templo, a luz atrás dela iluminando seus cabelos claros como o brilho radiante das estrelas.

– Aqui estou, pai.

Todos os olhos viraram-se para ela. A Madre deu um passo à frente e levantou suas mãos.

– Jai, não! – gritou, e havia medo em sua voz pela primeira vez.

Jai não olhou para ela. Ela olhou direto para seu pai como se ninguém mais existisse.

Sarjam virou sua adaga para Jai.

– Sua vagabunda.

Jai ficou lá e não disse nada.

Sarjan passou a adaga manchada de sangue de volta para o homem sem dedos.

– Vou colocá-la no navio. Levem o que quiserem. Partiremos ao meio-dia. Okret, Virjan, fique de olho nessas outras.

Ele agarrou Jai pelo braço com violência e a empurrou para o pátio.

O homem sem dedos, que devia ser o capitão do navio, olhou à sua volta.

– Vocês ouviram o homem. Se não estiver preso, levem. Não parece que vamos receber o pagamento de outra forma. – O irmão de Sarjan, Okret, balbuciou algo, mas o homem sem dedos o ignorou.

Eu não vi nada depois disso. Saltei do nicho e corri. Eles estavam a caminho do portão dos bodes e eu tinha que chegar lá a tempo. Eu não sabia o que eu podia fazer para ajudar, mas não tinha tempo para pensar; eu já perdera muito tempo, foi por minha culpa que Jai havia deixado a cripta. Eu dei a volta no Templo da Rosa, pulei sobre o telhado da Casa das Noviças, me arrastei pela beira do telhado baixo e desci escorregando do outro lado. Era uma longa queda para o pátio central, mas eu não parei, não me permiti hesitar. Quando bati no chão de pedras do pátio, o impacto me desestruturou. Eu rolei e fiquei deitada parada por um tempo, ofegante.

Maresi, a Velha sussurrou das sombras, *Maresi.*

Sua voz me fez levantar. Eu tinha que recuperar o tempo antes que fosse tarde demais. Minhas pernas quase não podiam me carregar, então eu corri. Subi a Escada do Alvorecer. Ninguém lá. O portão dos bodes estava aberto. Atravessei-o correndo.

Eles estavam andando pela trilha apenas alguns metros à minha frente, perto da mureta que chega à altura do quadril e que protege as pessoas da queda íngreme do penhasco. Jai estava à frente de seu pai, suas costas desprotegidas, uma menina sem defesa. Eu o ouvi falando em uma corrente contínua que chegava a mim como palavras desconectadas entre minha própria respiração descompensada e batidas do coração pesadas.

Vergonha. Me desafiou. Você realmente acreditou. Como sua irmã. Vadia. Unai.

Jai parou no caminho. Ele levantou a mão e bateu na sua nuca com força.

Eu gritei.

Sarjan se virou. Jai estava atrás dele. Um movimento rápido, os braços fortes por causa do trabalho na Abadia. Um único empurrão. Boa mira. O olhar chocado no rosto de Sarjan enquanto ele despencava sobre o muro, no lugar exato onde tinha sido destruído por pedras que caíram na tempestade que conjuramos. Eu me inclinei para frente e o observei cair. Ele bateu contra a encosta do penhasco, uma, duas, três vezes. Seu corpo parou sobre as pedras lá

embaixo, mas eu mal podia vê-lo. Apenas um pedacinho de tecido preto brilhante.

Jai não olhou para baixo. Ela olhava fixamente para suas mãos, deslumbrada. Depois as admirou mais, compreendendo. Ela as esticou adiante, segurando-as o mais distante possível do seu corpo. Eu queria correr e confortá-la, mas naquele instante alguém passou correndo e me empurrou para o lado. Era Vinjan. Ele se inclinou sobre o muro e viu seu tio. Olhou para Jai. Ela encontrou seu olhar com os olhos arregalados e as mãos ainda esticadas diante dela.

Vinjan não se moveu. Nenhum deles se importava que eu estivesse lá. Eu me preparei para atacá-lo por trás se ele tentasse machucar Jai.

– Levarei meu pai comigo – disse ele lentamente. – Direi que foi uma briga. Que você caiu do penhasco. Vocês dois.

Jai não disse nada.

– Meu pai quer deixar este lugar. Ele não vai descer para olhar.

– Minha mãe está viva?

Apenas neste instante suas mãos começaram a tremer.

– Sim – Vinjan mexeu a cabeça. – Ele queria… ele queria que ela visse… quando ele castigasse você.

Jai abaixou suas mãos e um sorriso espalhou-se pelo seu rosto e a transformou completamente. Eu mal a reconheci. Seus olhos estavam fulgurantes com felicidade.

– Então agora ela está livre. Está finalmente livre!

– Eu a ajudarei, se puder.

– Fale para ela que estou bem. Que eu encontrei o meu lugar. Você promete?

Vinjan assentiu de novo.

– Por quê? – Com olhos ferozes ela exigiu uma resposta. – Por que você não me captura? Você tem uma arma. – Ela apontou para sua adaga. – Por que você está me ajudando?

Os ombros de Vinjan ficaram tensos. Sua voz era tão baixa que eu mal pude ouvir sua resposta.

– Eu tenho um segredo. Meu pai me mataria se ele soubesse. O tempo todo aqui nesta ilha eu estive pensando: da próxima eles podem vir atrás de mim.

– Nós adivinhamos os seus segredos – respondeu Jai. Ele estremeceu em alerta e ela balançou a cabeça. – Não se preocupe, apenas as mulheres adivinharam. E nunca dissemos nada. Você nunca olhou para uma mulher da forma que os outros homens olham. Nós notamos. – A grande alegria desapareceu de seu rosto e sua expressão era a de um coração pesado. –

Provavelmente seria melhor que você também saísse de casa. Deixe nossa terra. Encontre um lugar mais seguro.

Então, um grito triunfante veio da Abadia.

– Nós encontramos onde elas guardam seu tesouro! Há uma porta secreta na casa com todos os livros. Vamos, precisamos de luz!

A cripta. Eles haviam encontrado a cripta.

Corri sem olhar para trás para ver se alguém estava me seguindo. Corri sem pensar descendo a encosta da montanha, jogando pedrinhas para o ar. Eu fazia barulho como uma manada de cavalos galopando e eu não me importava. Eu as deixara. Jai as deixara. As noviças mais novas estavam sozinhas nas mãos dos homens.

É difícil explicar o que aconteceu em seguida. Minhas lembranças estão enevoadas e o que eu realmente me lembro é da dificuldade de colocar em palavras. Vou fazer o melhor que posso. A Irmã O disse que eu não posso fazer mais do que isso. Mesmo agora, enquanto escrevo, minha mão treme com a lembrança do terror, e eu espero que minhas palavras sejam legíveis.

Eu encontrei o buraco na encosta da montanha e vi que Jai saíra construindo uma pilha de pedaços de tábuas. Quando eu desci, estava cercada pela escuridão total e os sussurros da Velha estavam por toda minha volta.

Maresi. Dê-me o que é meu.

Com uma mão contra a parede rochosa, eu comecei a correr, depois caí, me levantei em seguida e continuei. Meus pés descalços arranhavam contra as pedras e beiradas afiadas. Eu podia ouvir vozes masculinas murmurando à distância, mas elas pareciam impossíveis de ser alcançadas. A passagem continuou e continuou enquanto minha respiração ecoava na escuridão. Não conseguia ouvir as meninas.

Finalmente cheguei à porta de madeira. Luz de velas tremulava do outro lado. Eu parei. Inclinei meu corpo trêmulo contra as tábuas podres e tentei recuperar o fôlego. Estava com tanto medo do que poderia ver…

Eu conseguia ver a lâmpada a óleo que tinha deixado com as noviças mais jovens. Ela se apagara. Não via ninguém lá. A cripta estava cheia de homens. Parecia que toda a tripulação do navio estava reunida lá. Muitos deles estavam carregando tochas e lamparinas. Todos estavam se movendo, os reflexos das chamas tremulantes dançando sobre suas adagas e facas. Mãos tatuadas vasculhavam os ossos dos cadáveres, procurando por prata, procurando por ouro. Havia apenas um homem parado no meio de todos eles: o capitão sem dedos. Sua cabeça raspada virava de um lado para o outro, seguindo cada movimento dos homens. Ele fungava enraivecido, com as narinas abertas. Como um animal

farejando o sangue de sua presa. Uma mão descansava sobre a adaga comprida e com serra em seu cinto. Eu não conseguia tirar os olhos da beira da lâmina. Ela estava agora escura de sangue. O sangue da Rosa. O sangue da Madre.

Maresi, sussurrou a Velha.

– Não há tesouro aqui – disse o homem sem dedos e cuspiu no chão, no chão sagrado da cripta. – Apenas túmulos! Por que você nos trouxe para cá para nada além de ossos?

Um homem corpulento e baixinho, com duas adagas em seu cinto, parou de vasculhar uma alcova e cruzou os braços.

– Todo povo faz oferendas para seus mortos! Como eu ia adivinhar que essas aí não fazem?

O homem sem dedos passou a mão em sua cabeça raspada e a virou mais uma vez, correndo sua língua para lá e para cá sobre seus dentes debaixo dos lábios fechados. A luz da tocha iluminava sua barba clara. Ele congelou, depois agarrou uma tocha do homem mais próximo e a levantou, iluminando uma das alcovas. O canto de sua boca se curvou em um sorriso grotesco.

– Talvez tenhamos encontrado um pequeno tesouro, afinal – ele disse em voz baixa. Ele enfiou sua adaga comprida na abertura.

– Vá embora! – gritou uma vozinha. Heo.

Não havia gritos ou choros. Apenas aquele curto comando: *Vá embora!* Minhas pequenas corajosas. Elas estavam totalmente sozinhas quando ouviram os homens virem. Elas haviam feito a única coisa que podiam fazer, encontrar um esconderijo. Se eu estivesse lá, poderia tê-las levado para fora. Agora elas estavam presas como um rato em uma ratoeira. De pé, encostada contra a porta, eu podia ver tudo claramente, apesar da fumaça das tochas e lamparinas, mas eu não conseguia fazer meu corpo se mover. Era tudo minha culpa. Eu havia falhado na única tarefa que a Madre tinha pedido que eu fizesse. Meu coração desacelerou, como se quisesse parar de bater completamente por vergonha e dor.

– Podemos vender essas pequenas por um bom preço. É fácil prepará-las para os prostíbulos. Eu conheço muitos mercadores que comprariam com prazer todas elas. – O homem sem dedos fez um som com seus lábios e enfiou sua adaga na alcova. – Eu mesmo posso começar a ensiná-las, na viagem para casa. Meninas tão jovens são muito mais submissas. Mais macias.

– Vão embora – disse Heo novamente. – A Deusa vai castigar vocês. Você não pode sentir que ela já está aqui?

Os homens riram. Mas eu podia sentir. A Velha respirava com tanta força das alcovas e cantos que era difícil acreditar que os homens não podiam ouvi-la.

Maresi, ela sussurrou. *Minha fome.* Apertei minhas mãos sobre minha boca para impedir que eu gritasse.

O homem sem dedos passou sua tocha, enfiou uma mão áspera dentro da alcova e arrastou Heo para fora. Ele a puxou, fazendo-a levantar diante dele, segurando com força seus bracinhos magros. Eu vi seu pescoço fino e seus pezinhos descalços. Eu vi uma mão pesada apertar o meio de suas pernas.

Então, me forcei a me mexer. Pela Deusa, foi difícil. Eu estava aterrorizada. Minha vergonha de escrever isso agora é tão grande quanto meu terror era naquela hora. Vergonha por não conseguir sequer correr para frente para ajudar Heo quando vi que ela estava em perigo. Foi um processo doloroso enquanto eu lentamente me forçava a me arrastar através do buraco na porta. Minhas pernas mal podiam me sustentar. Eu ainda estava cobrindo minha boca com a mão. Heo estava gritando agora, mas eu ainda me mexia como se andasse em argila grossa. Eu estava com tanto medo das armas afiadas dos homens. Eles me viram, apontaram suas armas para mim, abriram suas bocas escuras e gritaram. Então eu vi: a porta prata da Velha. Ela apareceu na parede rochosa à minha direita como se sempre houvesse estado lá. Tão vívida e real quanto qualquer porta na ilha. Gasta nas beiradas. Uma maçaneta lustrada pelo tempo. Uma porta que dividia o mundo em interior e exterior, como todas as portas. Ainda fechada, ainda separando o nosso mundo do reino e da fome da Velha.

Maresi, sussurrou a Velha enquanto eu ia em direção ao homem sem dedos. *Maresi*, ela chamou enquanto ele empurrava Heo para o lado e enfiava a adaga em minha barriga. Conforme meu sangue escorria da lâmina, ele se misturou ao sangue da Rosa e da Madre: o primeiro e segundo aspectos da Deusa. Elas eram o início e eu era o fim. A voz da Velha ficou mais forte. Ela me preencheu até eu mal ouvir os gritos da Heo. Eu despenquei e caí nas sombras da Velha. Enquanto eu me arrastava em direção à porta, ela sussurrou e me contou seu verdadeiro nome. Eu escorreguei e me contorci sobre o chão de pedras molhado. Minhas mãos estavam vermelhas com meu próprio sangue. As sombras da Velha estavam me acariciando, puxando-me para dentro. Estiquei-me em direção à maçaneta, mas não consegui alcançá-la. Tinha que me levantar. Eu me apoiei contra a parede com uma mão apertada sobre meu ferimento. *Dê-me o que pertence a mim*, disparou a Deusa da escuridão e da dor e eu a obedeci e abri a sua porta.

A escuridão do outro lado era mais sombria do que qualquer coisa no mundo, tão sombria que me cegou. Eu caí de joelhos com minha boca cheia de sangue, incapaz de ver. Mas eu podia ouvir.

A Velha estendeu seu poder através da porta e aceitou o sacrifício daqueles que haviam vagado em sua cripta. Um por um eles caíram no chão de pedra como bonecas de pano e eu ouvi choros, gritos e o barulho de ossos quebrando. Eles gritaram de horror assim que perceberam que encaravam suas próprias mortes. Seu terror enchia toda a cripta. O ar azedou com o cheiro de intestinos e fezes. Tochas sibilaram enquanto eram apagadas no chão molhado, ensanguentado. A Velha os esmagou como os vermes que eram.

Meu próprio sangue estava correndo entre meus dedos e no chão em frente à porta e eu sabia que era o meu sangue que a mantinha aberta. Eu lutei contra a inconsciência e a dor terrível que ameaçava me arrastar para dentro da escuridão. Eu tinha que fazer essa última coisa pelas minhas irmãzinhas. Pela Velha.

A Velha abriu suas mandíbulas e eu podia sentir seu bafo azedo em meu rosto. Ela respirou fundo e sugou homens para si, um após o outro. Eles gritavam enquanto eram jogados contra o chão de pedra, ainda vivos. Ela os queria vivos e inteiros, ela queria seus corpos e almas. Não queria deixar nenhum resto para ser enterrado. Destruição total. Eu podia sentir seus cheiros, o odor de suor e aço e sangue. Alguns buscavam me alcançar enquanto tentavam impedir que seus corpos mutilados fossem sugados através da porta da Velha. Quando eles atravessavam a porta e confrontavam o silêncio lá de dentro, seus gritos eram interrompidos abruptamente.

Quando tudo ficou completamente silencioso na cripta, eu finalmente me permiti despencar no chão. Agora estava feito. Agora era apenas eu e a Velha. Agora era minha vez.

Maresi. Você me pertence. Você pode ver isso agora?

Eu não podia responder. Minha voz tinha ido embora. Eu estava deitada no limite de seu reino e sabia que o que ela dizia era verdade. É por isso que eu nunca fui chamada para nenhuma casa. Ela já havia me marcado e me escolhido no inverno da fome. Eu era dela.

Venha para mim e você não sofrerá mais, ela disse com um tom carinhoso, maternal. Pois a Velha e a Mãe e a Donzela são uma, elas são apenas aspectos diferentes da Deusa. *Venha para cá onde tudo começa e termina, onde tudo morre e nasce novamente. Você valoriza a sabedoria mais do que qualquer coisa. A sabedoria final está aqui. Tudo o que você já desejou. Venha para mim.*

Eu sabia que ela tinha o poder de me forçar. Mas ela não estava forçando, ela estava pedindo.

Alguém agarrou a minha mão e eu me prendi a ela com força enquanto a escuridão caía.

As vezes eu acho que escolhi a saída covarde. A coisa certa a fazer, a coisa mais corajosa, teria sido passar pela porta e ver o que havia do outro lado. A Velha estava me oferecendo sabedoria além dos meus sonhos mais loucos. Um conhecimento que nunca vou ter neste mundo. Eu sou curiosa. Mais do que curiosa, às vezes isso me deixa acordada à noite e essa ânsia me causa dor física. Mas eu não tive coragem. Eu quero ficar aqui neste mundo pelo maior tempo possível. Quero viver entre livros e bodes e o vento e o pão de nadum. Eu quero crescer para ver o que o mundo tem a me oferecer e o que eu tenho para oferecer para o mundo. Ainda não terminei, ainda não.

A primeira coisa que vi quando acordei foi a Jai. Seu rosto pálido encaixado em seus cabelos dourados. As suas olheiras estavam mais escuras do que antes e a escuridão ainda habitava a minha visão, tornando difícil ver. Meu corpo parecia sem vida, como se ainda estivesse dormindo enquanto minha mente estava acordada. Eu tentei falar, mas minha língua estava seca demais.

– Louvada seja a Mãe – sussurrou Jai. – Você ainda está conosco. Aqui, molhe os seus lábios, mas você não pode beber nada ainda.

Ela segurou um copo de água fresca em minha boca. Era difícil resistir a engolir tudo de uma só vez, mas eu molhei meus lábios e minha língua e me deleitei com o leve alívio que a água dava para mim.

– Chamarei a Irmã Nar – disse ela, e se levantou.

– Espere. – Minha voz era tão fraca que eu mal podia me ouvir, mas Jai parou. – Primeiro me conte o que aconteceu.

Jai deu um de seus raros sorrisos.

– Agora eu sei que você está melhorando. Você já está fazendo perguntas. – Ela arrumou meu cobertor, mas eu me sentia tão desconectada do meu corpo que eu mal podia sentir onde ele estava sobre o meu peito. Jai viu a preocupação em meus olhos e seu sorriso desapareceu.

– A Irmã Nar lhe deu ervas tranquilizantes fortes para diminuir a dor enquanto seu corpo se cura. O ferimento que você tem em sua barriga se trata de

um machucado sério e profundo. Você teve febre. – Ela mexia em alguma coisa na mesa ao lado da cama. – Estivemos… pensamos que você nos deixaria.

Eu queria perguntar há quanto tempo eu estive deitada lá, mas eram palavras demais para pronunciar. Jai viu a pergunta em meus olhos de qualquer maneira.

– Você está aqui no quarto da Irmã Nar há três dias. E ela diz que você terá que ficar por mais um tempo.

Algo se moveu debaixo de minha cama. Uma cabecinha preta apareceu e olhou para mim.

– Maresi! Você está acordada!

– Psiu, não tão alto. Maresi quer algumas respostas antes da Irmã Nar vir. – Jai se virou para mim. – Heo dormiu no chão junto à sua cama o tempo todo.

– Eu não podia tê-la deixado – disse Heo e segurou a minha mão. Eu estremeci, me lembrando de como eu a havia deixado. Heo soltou minha mão imediatamente.

– Isso machucou?

Eu me forcei a sorrir.

– Não. Por favor, segure. Bom.

Heo sorriu de alívio e segurou minha mão com extremo cuidado. Eu reconheci a sensação de seus dedos ao redor dos meus.

– Você me segurou – falei. Minhas palavras estavam tensas e fragmentadas. – Na cripta.

Heo fez um sinal positivo com a cabeça.

– Sim. Quando o homem a esfaqueou, uma escuridão enorme veio. As meninas se esconderam na alcova e todos os homens gritaram e gritaram e foi terrível. Você estava deitada no chão e havia tanto sangue, Maresi. Eu estava com tanto medo. Eu a segurei porque eu estava com medo que você morresse.

– Você me salvou – eu disse. – Você me manteve aqui.

Heo não disse nada e simplesmente apertou a minha mão. Eu acho que ela já sabia que tinha salvado a minha vida. Acredito que aquela menina sabe mais do que as pessoas acham, no meio de toda a tagarelice.

Eu olhei para Jai. A próxima pergunta era a mais difícil.

– Todas… todas estão…

– Sim. Todas estão vivas, Maresi. Incluindo a Rosa, embora ela tenha sido ferida. Havia três homens guardando o Templo que não foram para a cripta. Quando eles escutaram os gritos e, depois, quando os outros homens nunca voltaram, meu tio e Vinjan logo os levaram para o navio e partiram. Eu soltei as irmãs e noviças.

– Depois elas vieram para a cripta – disse Heo –, e pegaram Ismi e as outras. Irmã Nar cobriu seus ferimentos e a carregamos para cá.

– Heo, eu sinto muito. Eu nunca devia ter…

– Shh, Maresi – disse Heo com uma voz dura, quase como a Irmã O. – Você fez a coisa certa. Você sempre fez o que pensava ser o melhor.

– Isso é mais do que você pode dizer sobre mim – disse Jai amargamente. – Eu devia ter me entregado imediatamente e nada disso teria acontecido.

– Bem, assim você teria ido para o norte a esta altura – disse Heo.

Eu olhei para Jai e ela mexeu a cabeça.

– Sim, eu contei a elas o que eu fiz. Sobre a morte de meu pai. Eu não poderia viver com um segredo tão terrível.

– Ninguém a culpa – disse Heo enfaticamente. – A Madre diz que teria feito o mesmo se pudesse.

Eu queria perguntar mais, mas o efeito do tranquilizante começou a esvanecer e, enquanto eu voltava a meu corpo, eu senti uma dor tão indescritível que não podia falar. Jai ficou pálida e correu para trazer Irmã Nar, que veio imediatamente com uma compressa e algumas infusões, e eu mergulhei novamente em um sono profundo e sem sonhos.

Enquanto eu ficava gradualmente mais forte, eu comecei a beber água, depois a comer e a receber visitas. Primeiro, minhas amigas vieram para me ver: Ennike, Dorje, Toulan e Cissil. Eu estava feliz até de ver Joem. Elas me entreteram com histórias e piadas que fizeram minhas cicatrizes doer quando eu tentava não rir. Tive um tempo sozinha também. Tempo para ficar deitada na cama e pensar. Havia muito no que pensar. Uma decisão começou a se formar em minha cabeça, uma decisão que eu não queria enfrentar. Eu sabia que era a coisa certa a fazer. Mas não sabia se eu seria corajosa o suficiente para fazê-lo. Houve muitas noites em que eu não pude dormir por causa da dor e eu passei o tempo lutando com minha consciência enquanto a lua olhava para mim através da janela.

Irmã Nar manteve-se atenta a mim. Em dado momento, ela deve ter decidido que eu estava recuperando minha saúde, porque acordei uma manhã com a Madre de pé junto à cama. A Irmã O estava atrás dela, com a postura rígida e uma expressão indecifrável em seu rosto. Eu queria que ela se sentasse na beira da cama e passasse a mão em meu cabelo, mas ela ficou atrás da Madre.

– Maresi, Irmã Nar diz que você está se sentindo melhor – disse a Madre.

Eu tentei me sentar na cama.

– Sim, muito melhor. Eu não preciso mais de ervas para diminuir a dor e consigo comer alimentos líquidos.

– Não precisa se levantar. – Ela puxou uma cadeira até minha cama e se sentou. – Você pode nos contar o que aconteceu na cripta?

– A Velha estava lá. – Eu parei para pensar por onde começar e a Madre mexeu a cabeça, encorajando-me. – Vi a porta dela durante a Dança da Lua. Ela me chamou. Eu reconheci a porta, já tinha visto em casa, quando minha irmã morreu. O inverno em que todos estavam passando fome. Eu estava com medo. Pensei que ela quisesse me levar. – Balancei a cabeça. – Eu me equivoquei. Depois disso, eu vivia com medo, ouvia sua voz em todos os lugares, temia que ela viria e me levaria. Quando os homens vieram, pude sentir a porta de novo.

Ela estava aqui na ilha, esperando. Eu pensei que significava que eu iria morrer.

Olhei para a Irmã O, procurando conforto, mas ela olhava fixamente para mim com os lábios apertados. Eu olhei para o outro lado.

– Quando eu ouvi os homens gritando que haviam encontrado a cripta, pensei nas menininhas sozinhas lá. Corri pela entrada que a própria Velha tinha me mostrado. A porta dela estava lá e eu sabia que tinha que abrir para satisfazer a fome da Velha. Ela tinha me escolhido, não para morrer, mas para abrir o seu reino.

– Ela chamou você? – perguntou a Irmã O. – Ela lhe deu ordens para seguir os homens através da porta?

Neguei com a cabeça.

– Não. Ela pediu que eu fosse, mas não ordenou.

A Madre trocou um olhar com a Irmã O antes de se virar novamente para mim.

– Maresi. Você está na Abadia há muito tempo, mas você não tem uma casa. Eu me perguntei por que ninguém a chamou. Mas agora eu vejo que você encontrou o seu chamado. – Ela se inclinou para frente.

Aqui vamos nós, pensei. Ela iria me pedir para se tornar sua noviça. Eu sabia o que devia responder, mas eu não sabia como dizê-lo.

– A Velha tem uma sabedoria vasta – continuou ela. – Parte dela pode ser vista pelo exterior, mas há muito oculto também. Escondido da maioria das pessoas. É por isso que a serviçal dela também trabalha em segredo. – Ela se virou para a Irmã O.

Subitamente eu entendi. A cobra na porta da Irmã O. Sua afinidade com livros e conhecimento, tudo associado à Velha. Ela encontrou meu olhar, mas ainda não disse nada. A Madre continuou.

– Irmã O não é um nome. É um título, como "serviçal da Rosa" é um título, passado de irmã para noviça. O "O" é um círculo eterno, a cobra mordendo o seu rabo. – A Madre desenhou um círculo no ar com um dedo e eu quase pude ver a cobra diante de mim. – A Irmã O serve os segredos da Velha. Os segredos que a Velha agora revelou para você.

Meu coração começou a disparar.

– Maresi. – A voz da Irmã O era mais áspera do que nunca. Grossa e rouca, como a voz da Velha. – Minha senhora a chamou. Ela não ordenou, mas pediu. Agora eu faço o mesmo. Você gostaria de ser a minha noviça?

Eu caí em prantos. Eu chorei tanto que meu corpo convulsionou, lágrimas e muco correndo pelo meu rosto, e eu mal podia respirar. A Madre estava

totalmente confusa, mas a Irmã O veio logo para o meu lado, sentou-se em minha cama e me abraçou e passou a mão em meu cabelo.

– Calma, calma, minha pequena. Não se preocupe. Conte-nos o que a aflige, Maresi.

Quando finalmente consegui falar, cada palavra doía em mim mais do que o ferimento em minha barriga. Eu segurei a Irmã O com força e chorei em seu peito.

– Não há nada que eu queira mais, Irmã. É como um sonho que eu nem ousava pensar ser possível. Ser sua noviça e aprender tudo o que você sabe e ficar na câmara do tesouro e ler o quanto eu quiser… – A Irmã O riu baixinho e me apertou um pouco. – Mas eu tenho que dizer não. Eu… – As palavras se recusavam a sair. Ela ficaria brava. Ela ficaria desapontada comigo. Eu falei o mais rápido que pude, derramando todas as palavras antes que pudesse mudar de ideia.

"Este é o lugar mais querido para mim na Terra. Eu não posso pensar em nada mais maravilhoso do que passar minha vida inteira aqui estudando e lendo e ensinando. Mas não seria certo. Irmã O, nós não podemos ignorar o mundo. Ele nos afeta, mesmo aqui. Seria egoísta da minha parte ficar aqui onde estou segura, quando eu poderia usar tudo o que me ensinou para fazer o bem. As pessoas em minha terra natal são governadas pela superstição e ignorância. Uma fração do que eu aprendi aqui poderia salvar as pessoas morrendo de fome e de doenças. Ela poderia mudar como mulheres e homens veem uns aos outros e a si mesmos; ela poderia abrir uma nova janela para um mundo mais amplo. Eu tenho que ir para casa novamente e ver o que eu posso fazer pelo meu povo."

A Irmã O e a Madre me ouviram em silêncio. Então, a Madre se recostou em sua cadeira.

– A Velha lhe deu grande sabedoria para alguém tão jovem.

A Irmã O se virou para a Madre quase com raiva.

– Mas a coragem é inteiramente dela!

A Irmã O me levou para o pátio do Templo na manhã de ontem. Era cedo, bem antes de qualquer uma sair para a saudação do sol. O sol ainda não havia raiado e o cheiro era o mesmo que a ilha sempre tem nas manhãs de verão: como rochas que absorveram o calor de ontem, orégano selvagem e cipreste, alga e sereno. Uma quelea-de-bico-vermelho voou sobre nossas cabeças em uma linha reta decidida e deu um guincho curto. Ficamos lado a lado em silêncio e olhamos para fora, não para o mar, mas para as casas e telhados da Abadia. Fumaça subia da chaminé da Casa da Fornalha. A Irmã Ers acorda cedo.

Os primeiros raios de sol surgiram sobre a Dama Branca, tingindo o céu e os topos das montanhas de dourado. Eu percebi que eu nunca havia saudado o sol do pátio do Templo e agora nunca vou saudar. Eu nunca vou me tornar uma irmã, nunca vou ficar com todas as outras irmãs e fazer os movimentos familiares. Pisquei algumas vezes e me virei. A Irmã O colocou sua mão queimada pelo sol e cheia de veias em meu ombro e se virou mais uma vez para voltar a ficar de frente para o sol.

– Maresi – ela disse e sua voz era mais séria do que o normal. – Olhe à sua volta. Este é o outro lado da morte! Este lado é ainda mais forte. – Ela ficou quieta por um momento e permanecemos lado a lado observando o mundo explodir em luz enquanto o sol subia acima da montanha. A Irmã O se virou para mim. – Reconheço o sacrifício que está fazendo. Você acha que ninguém entende, mas eu entendo.

Balancei minha cabeça e levantei o meu queixo para que eu tivesse que olhá-la nos olhos. Seu rosto estava molhado de lágrimas, mas sua voz estava estável.

– É um sacrifício que eu não pude fazer, Maresi. Eu escolhi ficar aqui. Escolhi segurança, livros e conhecimento. O que a Velha tinha a me oferecer era uma tentação muito grande. Eu dei as costas para o mundo. Mas você viu que isso não funciona, que o mundo a encontra não importa onde você esteja e que tentar se esconder é covardia. Você é muito mais sábia do que eu, pequena Maresi.

Segurei sua mão e a apertei contra o meu rosto. Ela sorriu para mim e enxugou suas lágrimas.

– Sempre pensando nos outros. Seu caminho não será fácil; você se preocupa demais com as pessoas. É isso o que a faz única. Eu farei tudo que posso para fornecer o máximo possível para a sua viagem. Eu falei com a Madre. – Seu sorriso ficou maior. – Você ainda é jovem demais para nos deixar. Deve estudar mais de tudo antes de voltar para casa. Você pode estudar o que quiser. A Irmã Nar pode lhe ensinar sobre ervas e cura, a Irmã Mareane sobre cuidado com animais, a própria Madre sobre prata e números, a Irmã Loeni sobre os segredos do Sangue. – Ela riu quando viu a minha expressão. – Ela tem muito o que ensinar, Maresi.

Eu não sabia o que dizer. É fantástico demais, incrível demais. Eu nunca ouvi falar de ninguém estudando tudo. Isso tornará tudo tão mais fácil para eu retornar e realizar meu sonho de fundar uma escola em meu vale verde.

Do pátio central eu podia ouvir a porta da Casa das Noviças abrindo. A Abadia estava ganhando vida e logo as irmãs iriam para o pátio do Templo. Mas a Irmã O ainda não dissera a coisa mais importante. Eu apertei seus dedos e meu lábio inferior tremeu.

Então seu sorriso subitamente se atenuou e ela me puxou para perto e me segurou contra seu corpo ossudo.

– Maresi – ela balbuciou em meu lenço. – Você se tornará minha noviça. Noviça do Conhecimento. Da Velha. Enquanto eu mantivê-la aqui na Abadia, você será a minha menininha.

Abracei-a com força lá no pátio do Templo. Eu sou a menina mais feliz que já encontrou abrigo na Abadia. Eu ganhei tanto e estou prestes a ganhar ainda mais.

Agora escrevi tudo o que consigo me lembrar. Eu tenho estado sentada na sala da Irmã O há muitos dias, escrevendo com a mesma pena que a vi usar tantas vezes. Estou usando o anel que ela me deu em meu dedo. Um anel na forma de uma cobra mordendo seu próprio rabo.

Jai e Ennike têm se alternado para me trazer comida, mas ninguém mais pode me perturbar. Temos sido só eu e a luz escorrendo pela sala e o arranhar da pena contra o papel áspero. Os sons da Abadia fluem para o interior: a risada das noviças mais jovens, o barulho dos bodes, pés com sandálias contra o chão de pedras, o chamado dos pássaros marítimos. O silêncio que reinava quando os homens vieram para a ilha é somente uma memória agora, uma memória que espero que me deixe em paz quando eu passá-la para a página.

À noite tenho dormido sem sonhos e eu não tenho medo mais do escuro à minha volta e dentro de mim. A Velha não me levará para casa. Ainda não. Eu ainda temo o momento em que vai me levar, mas eu acredito que seja um medo que posso superar. A Irmã O vai me ajudar, assim como a Abadia e todas as minhas amigas aqui. Eu acredito que se você vive a vida sem medo, com todo o seu coração, então no final você não pode temer a morte. Elas são dois lados da mesma coisa. Um dia, eu me darei para a Velha e ela vai revelar seus mistérios para mim. Uma pequena parte de mim pensa sobre essa hora com curiosidade, talvez até expectativa. Talvez eu consiga ver isso desta maneira por completo quando a porta se abrir novamente. Mas primeiro tenho que viver – viver e aprender e usar meu conhecimento para que a Velha possa ter orgulho de mim quando nos encontrarmos.

Estou feliz que a Irmã O me encorajou a escrever a minha história. O próprio ato me deu um pouco de paz: escrever no papel, ver minhas experiências se transformarem em palavras. É como se o ato de escrever já tenha transformado isso em um novo mito, uma saga, uma de tantas histórias que cercam a Abadia. Eu também sinto que não entendi verdadeiramente o que aconteceu até escrever. Agora entendo um pouco melhor, mas tudo parece também mais distante. Como

se houvesse acontecido com outra pessoa, alguém chamada Maresi que abriu a porta da Velha e não eu, Maresi de Rovas, uma noviça de uma Abadia. Eu não posso explicar melhor do que isso.

Esta noite a Irmã O e eu vamos colocar meu livro na câmara do tesouro entre outras histórias da Abadia. Parece estranho pensar em minhas palavras ao lado de livros que li tantas vezes, mas a Irmã O diz que é lá que elas devem estar. Isso me enche de orgulho. Minhas palavras, as palavras de Maresi, vão continuar a viver na biblioteca da Abadia por séculos. Essas palavras ainda estarão aqui quando eu tiver morrido. A ideia me faz vibrar de deslumbramento, como quando eu olho para um céu noturno pontilhado de estrelas.

Então esta é a história do que aconteceu quando Jai veio à Abadia no 19º ano do reino da trigésima segunda Madre, quando a Velha falou comigo e as mulheres conjuraram uma tempestade. Isso é o que aconteceu quando a ilha de Menos enviou uma mensagem de alerta sobre a presença de homens desconhecidos, quando a Rosa se sacrificou pelas suas irmãs e quando eu, Maresi de Rovas, noviça da Abadia, abri a porta da Velha.

Epílogo da história de Maresi, noviça da Abadia

Aqui estou eu mais uma vez, escrevendo à escrivaninha da Irmã O. Pelos últimos três anos, ela tem sido minha escrivaninha também. A pena é a mesma. Eu sou a mesma? Nós mudamos tanto com a passagem do tempo que não somos a mesma pessoa de um ano para o próximo? Eu acabei de ler o que eu escrevi depois que os homens vieram à ilha e é estranho pensar que fui, de fato, eu que passei por tudo aquilo. Parece tão distante e, ainda assim, eu sei que o que aconteceu é uma parte inerente do que sou agora.

É hora de partir. Até mesmo escrever estas palavras é difícil, sem contar pensar sobre o que elas significam. Não é que eu não esteja preparada. Nos últimos anos, toda a Abadia se dedicou para a minha preparação. Eu tive mais aprendizado do que qualquer outra noviça e estudei e trabalhei o máximo que pude com todas as irmãs. Eu li os pergaminhos secretos da Casa da Lua que apenas alguns privilegiados podem estudar. Eu até passei um outono na Dama Branca. Eu não posso divulgar o que aconteceu lá, mas aprendi o que realmente aconteceu quando achei que pássaros me levantaram sobre o muro. É claro que ainda há muito o que aprender, sempre há, mas agora é a hora.

Foi a fome que me trouxe à Abadia: uma falta de comida. Mais uma vez eu sinto fome, mas desta vez é uma falta de conhecimento que me assusta. Aqui na Abadia há livros. Aqui há pessoas com mais para me ensinar. Como vou satisfazer minha fome sem eles? A Madre diz que há muito para eu aprender no mundo. Coisas que ninguém mais pode me ensinar e coisas que não podem ser aprendidas em livros. Eu sei que ela está certa. É um conhecimento duro de ser conseguido. Eu terei que pagar por isso de uma forma que ainda não compreendo. Eu prefiro o conhecimento que posso obter dos livros.

Jai tem estado extremamente ocupada desde que se tornou a noviça da Irmã Nummel no último verão. Três novas noviças jovens vieram à ilha no último outono e todas escolheram ser as pequenas protegidas especiais da Jai. Apesar

disso, ela tem passado todo o seu tempo livre costurando as roupas que vou precisar quando partir: túnicas, calças e lenços de cabeça. Eu decidi continuar me vestindo como uma noviça da Abadia e não nos trajes costumeiros de Rovas. Eu serei diferente e notável não importa o que eu faça e acho que os trajes da Abadia podem me dar alguma segurança. Minhas roupas já estão dobradas em uma bolsa com ramos de lavanda seca. Jai mesma as guardou ontem. Ela diz que eu sou pouco prática para fazer as malas.

– Se dependesse de você, estaria levando apenas livros – resmungou ela e tirou algumas flores de lavanda seca de si. Ela estava certa. Infelizmente não posso levar muitos livros comigo. Quando eu estava sozinha no dormitório, abri a bolsa outra vez e me deparei com o cheiro de linho, sabonete e lavanda. O cheiro do lar. Esse cheiro será mais precioso do que quaisquer livros.

Jai também fez para mim secretamente uma capa de lã vermelha com caramujos-de-sangue. Toulan tingiu o fio durante a última coleta de caramujos e Ranna e Yddam, que são tecelãs habilidosas, fizeram o tecido. Então Jai costurou cada ponto sozinha e não deixou ninguém ajudá-la. Ela me deu a capa numa noite quando estávamos sentadas debaixo do limoeiro, conversando como sempre. Ela evitou contato visual ao entregá-la para mim.

– Para as noites frias em Rovas – ela disse simplesmente, e olhou para o mar. Finalmente está começando a admitir que a neve pode de fato existir.

– Mas Jai – foi tudo o que consegui dizer. Peguei a sua mão e a segurei como ela costumava fazer durante as noites em que a escuridão me assustava. Eu sabia que ela também estava pensando nisso. Eu também pensava que não vou ter ninguém para segurar minha mão à noite a partir de agora.

A capa é valiosa demais para alguém como eu, mas a Madre decidiu que eu devo tê-la.

– Você ainda é jovem. A capa lhe dará o respeito que precisa. Ninguém ousará desafiar uma mulher, não importa o quanto seja jovem, que esteja vestida com uma capa como essa. – É isso o que ela disse ontem, quando me chamou para a sua sala na Casa da Lua para algumas palavras finais.

– Rovas é um estado vassalo – respondi e passei os dedos no forro de seda da capa que Jai costurara com pequenos pontos invisíveis. – Não podemos promulgar nossas próprias leis. Não podemos educar nossas próprias crianças. O governante de Urundien quer nos manter ignorantes. Eu não sei como vou fazer para estabelecer a minha escola.

A Madre ergueu as sobrancelhas.

– Você achou que sua missão seria fácil? – Ela olhou para mim com seriedade.

– Maresi, agora você tem que encontrar seu próprio caminho. Mas eu tenho toda fé em você. – Então ela deu um de seus raros sorrisos que fazem-na parecer uma jovem noviça. – Heo, pegue minha bolsa.

Heo sorriu com orgulho para mim e destravou uma das portas quase invisíveis atrás da escrivaninha da Madre. Essas são portas que guardam segredos. Heo é a noviça da Madre agora. A noviça mais jovem já chamada para a Casa da Lua. Como não vimos isso desde o início? Heo era a escolha óbvia para a Casa da Lua! Nós fomos enganadas pelo seu jeito brincalhão e sua alegria incorrigível. Mas por trás disso, tem uma integridade enorme. Ela é total e completamente genuína. Não é coincidência ter sido ela quem me segurou ao lado da porta da Velha.

Heo trouxe uma bolsa de couro volumosa e a entregou para a Madre, que a pesou em sua mão antes de passá-la para mim.

– Isso vai abrir muitas portas para você que, caso contrário, estariam fechadas.

Eu abri a bolsa. Ela estava cheia de moedas brilhantes de prata, nem uma única de cobre. Depois de estudar com a Madre por muitas luas, eu sabia que isso era o equivalente à renda anual da Abadia.

– Madre, isso é demais.

A Madre bufou.

– Não vai durar muito tempo. Quando a prata acabar, você não terá nada mais do que sua grande sabedoria para viver. E isso. – Ela esticou a mão e Heo colocou algo nela. Era um pente grande de cobre brilhante. – A Rosa solicitou que eu lhe desse isso como um presente de despedida. Ela mesma o poliu.

Ennike é a serviçal para a Rosa agora. Eu devo parar de chamá-la de Ennike, mas eu e Jai temos dificuldade de lembrar seu novo título. Eostre, que foi a Rosa antes de Ennike, sempre nos corrige severamente.

– Como ela pode cumprir o seu papel se você insiste em lembrá-la de seu passado? – diz ela. Nós sempre mexemos a cabeça com sobriedade e concordamos, mas logo que ela olha para o outro lado fazemos caretas para sua filhinha Geja até ela se engasgar de tanto rir. Ela é uma menininha feliz e gorducha. Forte. Quando eu olho para ela eu penso em Anner e como ela era fraca. Se eu soubesse, se soubéssemos sobre nutrição e cura, poderíamos ter dado a ela um início melhor de vida. Então, talvez ela poderia ter sobrevivido durante o inverno da fome. Esta é uma das razões pelas quais sinto que tenho que voltar para casa. O conhecimento que ganhei na Abadia pode salvar vidas.

Eostre não pôde continuar como serviçal da Rosa depois que teve Geja. Isso não é por causa das cicatrizes feitas pela faca do homem sem dedos. A própria

Eostre disse que fica feliz que ele a tenha cortado. Foi graças a ele que seu sangue estava na adaga e misturado com o da Madre e o meu, para que a porta da Velha pudesse ser aberta. O homem sem dedos não cortara fundo. Seu objetivo não era matar, mas causar dor. Desfigurar. Eostre ainda é bonita, nenhuma cicatriz no mundo poderia cobrir isso. Geja é o que mudou tudo. Eostre está fazendo parte de outro dos mistérios da Primeira Madre. Um dia ela se tornará serviçal de Havva, acredito. Aquelas que tiveram seu próprio filho são próximas de Havva. Geja só tem que crescer um pouco mais antes. Agora Eostre é a mãe de Geja e nada mais, e isso combina com ela. Ela parece feliz. Feliz e cansada.

Eu olhei para o pente na mão da Madre. Pensei como Ennike deve tê-lo polido para que fosse tão reluzente. Pensei como eu era sua sombra quando cheguei aqui, como ela foi minha primeira amiga. Eu a veria novamente? Eu veria alguém da Abadia novamente?

– O pente é a proteção da Abadia – eu disse lentamente. – Vocês precisam dele.

– Pare de protestar contra todos os presentes – disse Heo, franzindo a testa. – Você precisa de proteção também. Você e todos os novos alunos que vai ter e vai amar. – Ela fechou as mãos.

Eu dei a volta na escrivaninha da Madre e coloquei meus braços em torno de Heo. Ela estava tensa e infeliz, mas deixou que eu a abraçasse.

– Não tanto quanto eu a amo, espero que você saiba disso. – Sussurrei em seu cabelo. Ele tinha cheiro de sol e mar e Heo. – Eu escreverei com frequência. Assim que encontrar alguém que possa levar as cartas para o sul. Você promete que vai me escrever?

– Você *tem* que ir, Maresi? – perguntou Heo. Seu corpo ficou leve e ela me abraçou forte. – Vou sentir tanto a sua falta. Eu já sinto. – Ela secou seu nariz escorrendo em minha túnica.

Eu tive que engolir em seco várias vezes antes de poder responder. Havia tanto que eu queria dizer.

– Eu vou sentir saudades de você também. Tanto. Mas eu devo.

Eu a segurei por muito tempo. Mas ainda era pouco. A Madre olhou para mim sobre a cabeça de Heo.

– Não fique triste, Maresi. Você tem que deixar o velho para começar algo novo. Mas isso não significa que você o perdeu para sempre.

Uma faísca de esperança acendeu em mim. A Madre vê coisas em seus transes, coisas sobre o futuro. Eu abri minha boca para falar, mas a Madre balançou a cabeça.

– Nunca é bom saber demais sobre o que vai acontecer. Seu próprio futuro não é um presente que eu possa lhe dar. Nós demos o que podemos. Agora o resto depende de você.

***

Agora o resto depende de mim. Eu nunca tive tanto medo.

Nem mesmo na cripta, à porta da Velha.

Um barco pesqueiro de Valleria virá me buscar amanhã ao alvorecer. Eu devo ir com ele até Muerio, a cidade onde vi o mar pela primeira vez. Depois, eu deixarei o mar para trás e continuarei indo para o norte por terra. A Madre arranjou o meu transporte para a primeira parte e de lá eu posso encontrar meu próprio caminho. Todas as irmãs e noviças prometeram cantar para mim em despedida. Elas ficarão nos pátios da Abadia e decorarão as escadas enquanto eu embarco e sua canção me levará gentilmente para o mar. Será como a Dança da Lua, mas desta vez eu não posso me virar no meio do labirinto e voltar para elas. Desta vez eu devo continuar indo em frente até não poder ver ou ouvir minhas amigas. Minha família.

Esta última noite deixarei a tinta secar sobre minhas palavras e depois colocarei meu livro de volta à câmara do tesouro. Sim, eu ainda a chamo assim. Nem mesmo a seriedade da Irmã Loeni foi capaz de afastar meu deslumbramento com os tesouros contidos em todos os livros da Abadia. Logo, eu tirarei Ennike, quero dizer a Rosa, de seus deveres e ajudarei Jai a fugir das tarefas dadas pela Irmã Nummel, e depois nós três vamos nos sentar juntas no Jardim da Sabedoria e conversar por mais uma vez. Elas sempre serão minhas irmãs, embora eu não vá me tornar uma irmã aqui. Eu não sei como vou lidar com o mundo exterior sem o seus risos e amizade. Mas tem que ser assim.

***

Um banquete de despedida vai acontecer na Casa da Fornalha esta noite. Todas as irmãs e noviças virão e eu já posso sentir o aroma tentador do pão de nadum. Eostre me prometeu que Geja estará conosco por quanto tempo estiver acordada. O cabelo loiro de Geja e os olhos curiosos serão a imagem que levarei comigo como um lembrete de que a vida continua. Não importa o que acontecer, a vida segue em frente.

Será uma festa memorável. Eu mal posso acreditar que ela acontecerá em

minha homenagem, quando há apenas sete anos vim para cá como uma menininha que lambia portas e não sabia como se comportar. Depois da refeição eu irei para a cripta, farei uma oferenda para a Velha e despejarei meus agradecimentos sobre os ossos das Primeiras Irmãs.

Depois, por último, eu e a Irmã O nos sentaremos juntas no pátio do Templo e veremos o sol se pôr sobre o mar.

AGRADECIMENTOS

Travis, obrigada por me escutar, e você, Mia, por ler, e obrigada também para Visby, por me devolver a inspiração. Também quero agradecer à minha mãe, por acreditar em mim desde o princípio e me dar coragem para começar a escrever.

E por último, mas não menos importante, meus agradecimentos para Sara por sempre me apoiar, e por encontrar os pontos fracos em meu texto e mostrá-los gentilmente para mim.

SOBRE A AUTORA



MARIA TURTSCHANINOFF escreve contos de fadas desde os cinco anos de idade. Suas histórias têm sempre uma reviravolta: o fazendeiro pobre e a princesa que ele acabou de salvar não se casam, porque eles "não estavam a fim".

Sua maior decepção na infância era que nenhum armário levava a Nárnia. Após trabalhar como jornalista por alguns anos, Maria lançou seu primeiro livro infantil em 2007, em um portal de fantasia. Desde então, publicou mais cinco

títulos, todos voltados ao público jovem adulto. Ela recebeu o Finlandia Junior Prize por *Maresi* e o Swedish YLE Literature Prize. Também ganhou duas vezes o Society of Swedish Literature Prize e foi indicada ao Astrid Lindgren Memorial Award 2017 e à CILIP Carnegie Medal 2017. *Maresi* é o primeiro livro da trilogia As Crônicas da Abadia Vermelha e será adaptado para o cinema pela Film4.



https://t.me/SBDLivros

Original text copyright © by Maria Turtschaninoff, 2014
Edição original publicada em 2014 por Schildts and Söderströms
Edição brasileira publicada mediante acordo com Maria Turtschaninoff e Elina Ahlback Literary Agency, Helsinque, Finlândia

Título original: MARESI

Tradução: LILIA LOMAN e PASI LOMAN
Revisão: MELLORY FERRAZ
Preparação: IRIS FIGUEIREDO e GIOVANA BOMENTRE
Design de capa: SANNA MANDER
Imagens de capa: © GETTYIMAGES
Adaptação de capa: LUANA BOTELHO
Diagramação: DESENHO EDITORIAL
Diagramação para ebook: ANDRÉ CANIATO

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES, PERSONAGENS, LUGARES, ORGANIZAÇÕES E SITUAÇÕES SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DO AUTOR OU USADOS COMO FICÇÃO. QUALQUER SEMELHANÇA COM FATOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTES, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS. OS DIREITOS MORAIS DO AUTOR FORAM CONTEMPLADOS.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

T962m Turtschaninoff, Maria
Maresi/ Maria Turtschaninoff; Tradução Lilia e Pasi Loman. – São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.
p. 200; 14x21cm.

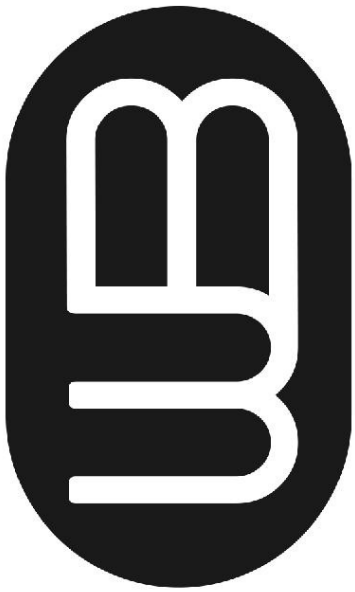
ISBN: 978-85-92795-28-3

1. Literatura finlandesa. 2. Ficção finlandesa. I. Loman, Lilia. II. Loman, Pasi. III. Título.
CDD 848.97

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À:



EDITORA MORRO BRANCO
Alameda Santos, 1357, 8º andar
01419-908 – São Paulo, SP – Brasil
Telefone (11) 3373-8168
www.editoramorrobranco.com.br
Produzido no Brasil
2019



MORROBRANCO

EDITORA